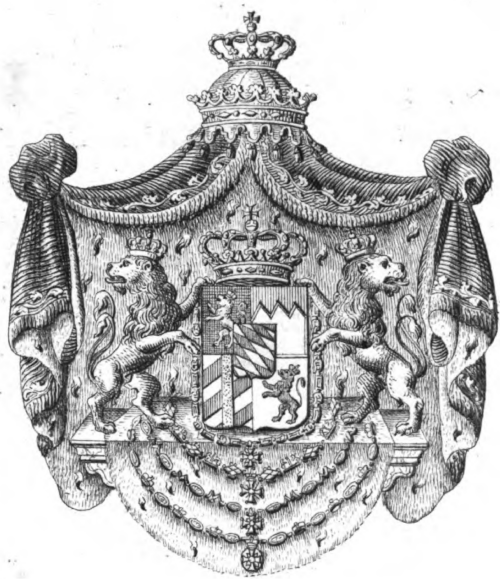




4. 490-3

Ribeiro



BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS,

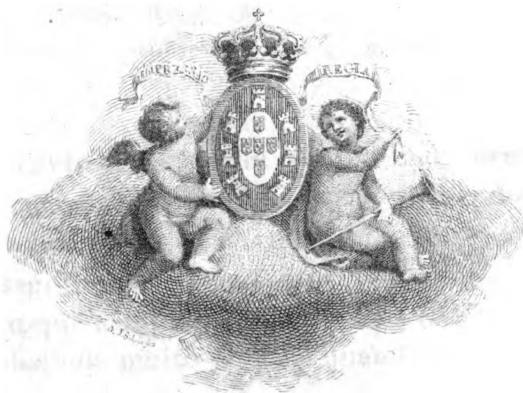
<36637004970016

<36637004970016

Bayer. Staatsbibliothek

POESIAS
DE
EL PINO DURIENSE.

TOMO III



LISBOA, ,
NA IMPRESSÃO REGIA.

1817.

Por Ordem Superior.

BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS.

A ALEXIS,

Respondendo-lhe pela mesma allegoria nautica, porque elle havia escrito.

..... *Me tabula sacer*
Votiva paries indicat uvida
Suspendisse potente
Vestimenta maris Deo.

Horac. Liv. I. Od. V.

CONVIDAS-ME outra vez ao mar revolto,
 E com agoiros bons me estás chamando:
 Não me moveo com tudo, não me moveo
 A seguir tuas vozes, teus conselhos,
 Bem que saiba, que sahem de peito amigo;
 Trabalhou muito a náó, quando amarrada
 Andou a braços co' a feroz tormenta
 Do rijo vento, das maretas bravas;
 Costeiras e aparelhos rebentárão.
 Desarvorado, e quasi submergido,
 Os mares vim forçando, até que pude
 Endireitar co' a terra; é o roto vaso
 Nesta resaca já vareei: estando
 Inda na branca areia, aos altos Deoses
 Jurei não mais desaferrar do porto;

Que inda a sacra parede de Neptuno
 Suspensos tem meus humidos vestidos,
 E a votiva tabélla pendurada.
 Como queres tu poiá, ó claro Alexis,
 Que o destroçado vaso ha tantos tempos,
 Que as rotas velas, que os rendidos mastros,
 Ora vá concertar com mór fadiga?
 Como queres, que eu tome novo alento,
 E ao mar segunda vêz commetta o lenho?
 Mas dêmos, que o concerto, e o pégo affronto,
 Quebrando o juramento, infido aos Deoses:
 Irá a náó de novo empavezada,
 Para ser outra vêz no mar revolto
 Dos eúros, e das ondas contrastada?
 Não he, não he boiante, e marinheira,
 Que possa resistir a vento forte;
 E em tão cavados mares engolfar-se;
 De mais, não sei, Amigo, não sei destro
 Por esses rumos marear; hei medo
 Das muitas sirtes estuosas, baixos,
 Duros parceis, e cícladas luzentes;
 Nem tenho carta, nem roteiro certo,
 Em que estejam por sabia mão notadas
 Os alfaques, as horridas restingas,
 E os passos mais p'rigosos da carreira,
 Nem altos Deoses tenho, que me valhão
 No meio das borrascas tormentosas:
 Tu só, Alexis, a quem já hum dia

Os astros ensinou bella Urania,
 E os segredos dos ventos e dos mares,
 Tu podes firme em teu saber profundo
 Cruzar em mar tão grosso, e aparcellado:
 Tu te sabes fazer nas voltas; sabes
 Çafar todos os bancos e arrecifes,
 Que o mesmo destro Palinuro ignora.
 Deixemos o batel jazer em ocio,
 De vil alga marinha inda cuberto;
 Outros o mar infido ouzados surquem,
 E eu ande cá por terra mais seguro.

A O
PRINCIPAL CASTRO,

No dia de seus annos.

QUE quereis vós, Senhor, que lá vos mande
 Neste dia feliz, em que nascestes.
 Versos, com que folgueis, que sejam dignos
 De lá vos irem com gentil cortejo
 Presentar-vos meus votos de amizade,
 Meus desejos de vosso bem sinceros?
 Mal cuidaes vós, em quaes fadigas anda

Este meu esp'rito já cansado e gasto ,
 Sem hora de repouso , de que sempre
 Me queixo , vivo aqui , e as Musas pedem
 Ocio sereno , dias descansados
 Fôrros de enfadamento , de más lidas ;
 Pedem brios de hum animo liberto ,
 Pedem , inda com isto não contentes ,
 Bosques sombrios d'Apollineo Louro ,
 Roscidas Grutas com parleira fonte ,
 Hum altivo Docel de espessa parra
 De Corymbos e Pampanos pendentes ;
 Hum vergel de Boninas esmaltado ,
 Onde corrão regatos fluctuantes ,
 Onde dancem as Dryades formosas
 Co' as lizas Graças , e c'os brincões Cupidos ,
 Soltos os cintos , que os donaires trazem ;
 Já vós vedes , Senhor , porque apoucado
 Não me alargo a escrever-vos huma Carta
 Em brando verso , que lá fosse agora ,
 Mais enfeitado do que a baixa prosa ,
 Saudar-vos com mostras signaladas
 Dos bons desejos , que de vós cá tenho ,
 Ha tantos dias saudoso e triste.
 Tende saude , tendes bens a montes ;
 E vivei para vós , que já vivestes
 A' Patria muito , com tão raros feitos ;
 E que ainda vivireis em melhor tempo ,
 Se Jove nos mandar mais faustos dias.

Trará outr' hora o Sol , e muitas vezes
Feliz o traga , na Carreira Olympia
Aquelle em que nascestes , consagrado ,
Por destino dos Deoses regedores ,
A' Elysia terra , ás Lettras , á Virtude ,
Dia que trago na memoria vivo
Por ser tão vosso e meu , e nos vir n'elle
Tanta mercê do Ceo , que em vós nos derão
Varão d'altas tenções , de grão bondade ,
Dos antigos costumes , que saudades
Já nos fazião em tão baixos tempos ,
Que tudo dos Avós esclarecidos
Cada vêz a peor nos tem mudado.
Se eu então me puder roubar ás lidas ,
Em que ora lucto de continuo , espero ,
Oxalá que assim seja ! apresentar-me
Ante vossa Pessoa , a mim tão grata
C'uma singela offrenda d'alvos hymnos ,
C'uma fresca grinalda bem tecida
Pelas formosas mãos das Castas Musas ,
Que vos conhecem bem , que bem vos amão.

MONSENHOR FERREIRA,

Em louvor de no ssa Lingua,

A ONDE viste Lingua , ó grão Ferreira ,
 Com mais primores de gentil riqueza
 Do que entre os Lusos ? das vulgares Linguas ,
 Dize , te mostrem outra , que já tenha
 Tanta copia de termos ; de maneiras ,
 De lindas frases , de elegancias bellas ,
 De adagios , e anexins de altivo preço ,
 De mil apodaduras tão donosas ,
 De todo o bom fallar prendas nativas ,
 Próva de Lingua cultivada e rica.
 Quão poucos de seus filhos a conhecem !
 Matrona nobre e grave , e mui Senhora ,
 Chêa de acatamento e magestade ,
 Ao mesmo tempo de formosas galas ,
 De encantadoras solidas bellezas ,
 Que brilhão no seu rosto , nos seus ares ,
 Nas expressões e fallas , nos costumes ,
 Na solta prosa , ou já no rico metro.
 Não pôde ir pár com ella a tão valída
 Franceza Lingua , que ora voga tanto ,

Que em lhe tirando termos todos d'Artes,
 Que a Sabia Grecia e Roma lhe emprestarão,
 Em tudo o mais, se tu a bem comparas,
 Co' a nossa natural, he frouxa e estreita:
 Não tem força de termos majestosos,
 Não tem vózes Esdruxulas Dactylicas;
 Não tem ricos vocabulos compostos,
 Que Epica trompa bellicosa entõe,
 Que Pindarica Lyra em sons valentes
 Aos celestes alcaçares remonte.
 Faltão-lhe garbos, nobres gentilezas
 Do métrico fallar harmonioso:
 Nem azas tem, com que voando possa
 Alçar-se aos astros com soberbo esp'rito,
 E traspôr sublimada o alto Olympo:
 Não he lingua dos Deoses; he só prosa,
 Sem ter mais brio, que a cançada Rima.

A

**FRANCISCO DE BORJA
GARÇÃO STOCKLER**

*Para que cante em suas Poesias os grandes
Mathematicos do seculo XVI.*

PORQUE nós, ó meu Stockler, não daremos
O metrico louvor, que fórma Deoses,
Aos sabios, que a Natureza deo potentes,
Para assombro aos mortaes? Os tempos rudes,
Apagadas as luzes, que brilhárão
No clima Argivo, no Romano clima,
Corrião em espessa trêva envoltos:
Eis raiou outro Sol com novos raios,
Que dissipando a escuridão das noites,
Trouxe dias mais claros e mais ledos
Ao mundo inteiro, dias luminosos
De Sciencia e Razão. Então Urania,
Descendo do celeste Olympo ás terras,
Ensinar veio aos mortaes bisonhos
Da Astripotente Esfera altos segredos,
E cá formou a Divinal Sciencia,
Com que ora os astros reges e os submettes
A's Leis d'esse teu calculo sublime.

Então de seus arcanos instruido
 O famoso Copernico, alto assombro
 Das estrellas do Ceo, do mar, da terra,
 Fêz esforço maior, que feito humano:
 Que força d'alma, que ardimento nobre
 Não tinha, quando a excelsa mente pôde
 Vencer a opinião do Antigo Mundo,
 E variar com novas maravilhas
 Todo o Antigo Systema do Universo,
 E dar novo Systema á Natureza?
 Então pôde tambem da vida ignota
 Subir aos astros Tycho em claro dia:
 Tirar da rude infancia, em que jazêra
 A Astronomia Prática sem luzes;
 E d'esta Arte fazer, com que os principios
 Té-li tardios mais se accelerassem
 Da sua grã Theorica sublime;
 Então creou com grão louvor Tartaglia
 A famosa Ballística potente,
 De que o mesmo Mavorte se espantáva,
 Nem menos n'essa idade se afamarão
 Com gloria, que irá sempre além dos évos,
 Os dous illustres Éstevin, e Ubaldi,
 Que dos Supremos Deoses ajudados,
 A' estupenda Mecanica possante
 Derão vigor e força, apoio ás Artes,
 Dignos da Lyra e do Apollineo Canto.
 Que de luzes a Optica brilhante

Recebeo de Maurólico , de Porta ,
 Dous outros Genios , a quem já hum dia ,
 Do cinto azul soltando seus segredos ,
 As tres Graças formosas inspirarão ?
 Com quaes accentos louvarás Canoros
 A Cardano , e Bombelli , esp'ritos ráros ,
 Que d'Algebra os confins , té-li estreitos ,
 Por mais extensos campos prolongarão ?
 E o nobre Vietta esclarecido engenho ,
 Que em profundas analyses fundado ,
 A' Algebra , e ao Cálculo potente
 Fêz immortaes serviços , que inda agora
 Pasma o esp'rito de as vêr n'aquella idade ?
 Canta tu estes , que a primeira Aurora
 D'essa altiva Mathése ao Mundo abrirão ,
 E depois cantarás , com mór alteza
 De grandiloquo estilo , e nobre Rima ,
 Da nova idade os outros , que vierão ,
 Quaes refulgentes Sóes , d'este Universo
 Majoeres luzes espalhar no Orbe. (1)

(1) Esta Epistola devia preceder a outra dirigida ao mesmo , sobre os Mathematicos dos dous últimos Seculos , que foi impressa no Tom. I. das Poesias do Author a pag. 289.

A AGOSTINHO JOSE
DA COSTA MACEDO

*Sobre a Harmonia Mecanica da Lingua
 Portugueza.*

A MEMOS, ó Macedo, nossa Lingua,
 Posto que ingratos filhos escarneção
 De seu romance, e gothico lhe chamem.
 Qual outra das Vulgares mais gabada,
 A' maneira da Grega sonora,
 Com mecanismo harmonico juntando
 Em igual proporção vogais sonoras
 Com faceis consoantes, fórma termos
 Ao delicado ouvido deleitosos,
 Que a Poesia e a Musica mais amão?
 Não ha divorcio entre a voz e a pluma;
 Tu a fallas, Amigo, como a escreves:
 Se a tu tomas na boca, não te pèja,
 Não tem peia, que a prenda; corre livre
 Sem o cigano cecear travado;
 Sem muitos sons nazaes, que desagradão,
 Sem tantos mudos, *és*, que a França augmenta,
 Nem tantos *us* sorvidos, que ensurdecem.
 Tu a podes fallar com todo o garbo,

Sem que faças nos beiços tortuosos
 Feios esgares , sem , que já te escaldes
 C' os rispídos sonidos na garganta
 Do Andaluz e Arabico Mourisco ;
 Nem te forces nas vozes sibilando
 Com os hórridos silvos insulares
 Dos Ceruleos Britannos , que te espantão ;
 Nem lhe impede a carreira o rude encontro
 De muitas consoantes mal unidas ,
 Que as Linguas do Aquillão gelado, e as outras
 Do Germanico Reino tanto opprimem.
 Rica e flexivel , onde quer que a leves ,
 Ora grave na prosa , grave em rima
 Sem o fausto Hespanhol os sons entôa ,
 Ora suave , e branda , e doce corre ,
 Sem que já desça da viril nobreza
 Ao molle som do feminil Toscano.
 Por vida minha que te mostrem outra
 Com taes primores , tantas gentilezas ,
 Qu' a tudo , quanto queres , te obedeça.
 Se folgas de cantar em branda Lyra
 A formosa Dione e as Graças bellas
 C' os Cupidos gentis , que amor accendem ,
 De namorados myrthos coroada ,
 No regaço de Idalias rozas cheio ,
 Meigos termos te traz o Luso Idioma :
 Se porém queres em soberbo Canto
 Fazer soar do Olympo os altos Deoses ,

Grandes Heroes , illustres feitos d' honra ,
 Que harmonia de vozes magestosas
 Te não volve o Parnaso Lusitano ?
 Que sonorosos termos não te off'rece
 A rica Lingua de Camões Divino ?

A A L M E N O

Em louvor dos nossos grandes Philosophos.

DEIXA os estranhos : dêmos , caro Amigo,
 Louvor aos nossos immortal : que canto
 Digno das Musas , d'alto Heróe só digno,
 Terá nas vozes , que te Apollo inspira ,
 O excelso Infante , Deos da Lusa Gente ,
 Que a marinha creou , e as gentis Artes ,
 Que as lindas filhas da Cerulea Thetis
 Hum dia lhe ensinarão ; que mandando
 A's cortadoras prôas , que rasgassem
 As Atlanticas ondas não sabidas ,
 D' Africa occulta as terras descobrissem ,
 E á Patria Elysia nobre esp'rito dessem
 Para tentar do occiduo Téjo ao Ganges
 A viagem que fêz famoso o Gama ?

Qual outro canto Divinal preparas
 Ao douto Nunes, outro Deos de Lysia?
 Da celeste Urania doutrinado
 Os Astros mede, e as suas leis sujeita;
 Com o prumo na mão pródigo sonda
 D' Amphitrite os segredos escondidos,
 E mui segura róta ás Náos prepara
 Com novas descobertas, novas regras,
 As maritimas Artes illustrando.
 Eis hum novo Varão te pede a Lyra,
 Horta preclaro, Phisico sublime,
 Espanto d'Asia, que primeiro pôde
 Das Gangeticas Deosas inspirado
 Quebrar o gelo e vêr a Natureza: (1)
 Que primeiro ensinou á rude Europa
 Das especies, das plantas, dos aromas,
 Que Aurora cria no paiz do Ganges,
 As virtudes beneficas prestantes,
 Não sabidas de Gregos nem Romanos.
 Não menos pôde vir illustre e grande
 Aos varios sons da Cythara canora
 O sabio Antonio, novo engenho excelso, (2)
 Que precedeo a Newton nos principios

(1) Primus glaciem fregit, & naturam vidit. Haller na
 Bibl. Botan. tom. I.

(2) Antonio Luiz, Medico de Profissão, e maior Phisico
 que tivemos no Seculo XVI.

Da famosa Attractão, alma dos Orbes :
 Rico de erudição da Antiguidade
 Argiva e Lacial, do nobre peito
 Quão profundo saber não volve ufano,
 Quando os Problemas Phisicos resolve,
 E tanta luz no Orbe inteiro espalha ?
 Se dás teu Canto a estes, estes bastão
 Para dar alto nome á clara Lysia,
 E a ti pelos cantar, immortal fama.

AO DOUTOR
 RICARDO RAIMUNDO
 NOGUEIRA

Sobre a brevidade da vida humana.

Eu estendo, Nogueira, pelo mundo
 Os espantados olhos ; vejo apenas
 Hum resto escasso, quasi agonizante,
 De immensas gerações, que a hum mesmo tempo
 Comnosco tinham vindo á luz do dia
 De sobre a face da enganosa terra
 Tem já desaparecido quasi todas:
 Em hum triste silencio solitarios

Vamos ficando , té que o duro fado
 A ellas nos ajunte em somno eterno.
 O que eu porém mais choro, he ver que o sabio
 Corre igual sorte na mortal carreira:
 De que lhe serve , amigo , a grão sciencia
 N'uma vida tão fragil , tão caduca,
 Que tão pouco lhe dura , porque possa
 Com mais largo saber sondar verdades ,
 E conhecer melhor no vario mundo
 O que he sómente bom , e justo , e util ?
 Quão escassa lhe foi a natureza ,
 Que á vida lhe marcou tão breve prazo,
 Como a outro qualquer do baixo vulgo !
 Que no meio da improvida carreira
 Lhe embarga a morte a voz, quando elle apenas
 Começa de espalhar serenas vozes
 Para bem dos mortaes , que delle apprendem.
 Aonde estão de Lysia os Varões doutos ;
 O Lusitano Candido facundo , (1)
 O Sousa sabedor da patria lingua , (2)
 O grão Pereira , alto terror de Roma , (3)

(1) Candido Lusitano (o Padre Francisco José Freire) da Congregação do Oratorio.

(2) Manuel de Sousa , Capitão do Real Corpo dos Engenheiros.

(3) O Padre Antonio Pereira de Figueiredo da mesma Congregação.

Social Azevedo , (4) e os dois famosos
 Sabios Atheletas Alvares , (5) e Foyos ? (6)
 Que foi dos claros Mestres d'alta fama
 Do Lyceo do Mondego sublimado ?
 Douto Soares , (7) erudito Mello , (8)
 De nossas Patrias leis farol luzente ;
 Engenhoso Oliveira , (9) grato Silva , (10)
 Claro Godinho (11) illustre, Vasconcellos, (12)
 E os dois, que eu sobre os astros muito amava ,
 Discreto Cordes , (13) candido Barroso ? (14)

(4) O Padre José de Azevedo da mesma Congregação.

(5) O Padre Antonio Alvares da mesma Congregação.

(6) Joaquim de Foyos da mesma Congregação.

(7) O Doutor Manoel Luiz Soares , Collegial do Real Collegio de S. Pedro , Lente da Faculdade de Canones.

(8) O Doutor Pascoal José de Mello Freire dos Reis , Collegial do Real Collegio das Ordens Militares , Lente da Faculdade de Leis.

(9) O Doutor Francisco Xavier de Oliveira e Mattos , do mesmo Real Collegio das Ordens , Lente da mesma Faculdade.

(10) O Doutor Luiz Joaquim Correa da Silva , do mesmo Real Collegio , e Lente da mesma Faculdade.

(11) O Doutor José Joaquim Vieira Godinho , do Real Collegio de S. Pedro , Lente da mesma Faculdade.

(12) O Doutor Francisco Xavier de Vasconcellos Coutinho , do mesmo Real Collegio , Lente da mesma Faculdade.

(13) O Doutor Simão de Cordes Brandão e Ataide , do Real Collegio das Ordens Militares , Lente da Faculdade de Canones.

Dos Lusos Vates que diras ? Aonde
Tantos da nossa idade já se forão ,
Sonoroso Garção , (15) dóce Basilio , (16)
Pindarico Diniz d' altiva fama ? (17)
Aonde o instructivo Figueiredo , (18)
Mattos , (19) Quita (20) de corrente veia ,
E os dois claros Malhões Anacreonticos ? (21)
Aonde o engraçado Tolentino ? (22)
Onde o Cyprio cantor , o meigo Caldas , (23)
E o ardente harmonico Bocage ? (24)
Aonde o meu Almeno Deos da Lyra , (25)
De cuja perda ainda hoje choro e clamo ?

(14) O Doutor José Barroso Pereira , do Real Collegio de S. Pedro , Lente da Faculdade de Leis.

(15) Pedro Antonio Correa Garção.

(16) José Basilio da Gama , Official da Secretaria d'Estado.

(17) Antonio Diniz da Silva.

(18) Manuel de Figueiredo , Official Maior da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra.

(19) João Xavier de Mattos.

(20) Domingos dos Reis Quita.

(21) Antonio Francisco Malhão e Francisco da Silveira Malhão.

(22) Nicoláo Tolentino , Official da Secretaria d'Estado.

(23) Caldas.

(24) Manoel Maria de Bocage.

(25) Almeno (Frei José do Coração de Jesus do Seminario de Brancannes.)

Pergunta a essas loisas pavorosas ,
 Que já cobrirão seus mortaes despojos ,
 Que foi de tantos Genios Soberanos ,
 Que nem as cinzas no Sepulcro restão ?

Se he pois forçosa Lei da sorte humana
 Tu hum dia tambem irás Amigo ,
 Posto que tenhas alto nome em Lysia ,
 Oxalá seja tarde ! e eu , que não posso
 Com elles e contigo comparar-me
 Irei bem cedo , sêm já ser chorado ,
 Entre os mortos jazer na baixa terra.
 E pois havemos de ceder o campo
 A's novas gerações , que mal nos soffrem ,
 Já de nossa existencia enfastiadas ,
 Ao menos lhe deixemos por herança
 Em padrão d'alta fama vinculada
 Huma memoria sobranceira aos évos
 De dois amigos que se amárão ternos :
 Deixemos-lhe hum exemplo memorando
 Que nos lembre a Presentes e a Vindoiros
 Da mais constante solida amizade.

A H U M A M I G O

*A respeito de outro, que se queixava de não
ser contemplado nos Despachos sendo
Fidalgo.*

V EJO do que me dizes, caro amigo,
Que Lorenzo queixoso da ventura,
Que o não bafeja com galerno vento,
Para exaltar seus méritos sublimes,
Põe todo o seu direito e viva força
Na alta realza de seu sangue:
Boa he, não lhe nego a fidalguia,
Mas assenta em teu peito esta verdade:
Fidalguia, que apar não tem virtudes,
He vão fantasma, e mais opprobrio que honra,
Se as elle tiver, inda he mais nobre
Que Scythas, e Troyanos; se lhe faltão,
E de Avós famosissimos descende,
A quem não se assemelha, he vil gentalha;
A linhagem as obras lhe desmentem;
Quem faz tacanharias e baixezas
De animos villãos e lagareiros
He villão, como elles, não Fidalgo;
Antes fosse elle filho de Thersites,
Homem fraco, e de pouca monta e preço,

Com tal , que se igualasse nas virtudes
 Ao bellicoso Heytor , ao forte Achylles.
 Tu não sigas , amigo , essa vangloria ,
 Bem que tenhas Avós d' alta nobreza ,
 Que pódes assoalhar em claro dia ;
 Aos outros deixa , que te exaltem disso ;
 O que he sómente teu , por teu reputa ,
 Não o atheio ; não o que só debes
 A' natureza , ou á sorte sempre vária.
 E's tu Fidalgo ? teus passados louva ,
 Bem dize a natureza , se és formoso ;
 Se opulento , aventura ; se és válido ,
 Espera hum pouco , ver-te-has sem honras ;
 Porém se és bom e sabio , disso folga ,
 E assim mesmo bem diz ao Ceo benigno ,
 Que te deu tanto bem ; sómente neste
 Real merecimento , mór que o sangue ,
 Mór que tudo , o que o mundo tem brilhante ,
 Firma os projectos teus e as esperanças.

A H U M A M I G O

*No infortunio de huma grave perda de
seus bens,*

PERDESTES muito, Amigo, quem to nega?
 Mas que queres no mundo, onde he constante
 A fortuna em ser sempre incerta e varia?
 Que o bem e o mal a bel prazer alterna.
 Eis que nelle pozeste os pés, ficaste
 Foreiro aos seus caprichos, como quando
 Tua fazenda por ti mesmo entregas
 Desse mar infiel ás bravas ondas,
 De logo te ficou correndo risco;
 E devias contar com peito forte
 Ou para o bem ou para o mal futuro,
 Qualquer sorte que fosse a tua: deu-te
 O Ceo todos os bens, de que gozavas,
 E o mesmo Ceo, que os deo, tos tira agora.
 Cumpre soffrer com varonil constancia
 O mal, que vem da mão, sempre benigna,
 Inda quando castiga, de hum Deos justo.

A D. FERNANDO
DE PORTUGAL

No dia de seus annos.

CANTA, Sagrada Musa, e ao som Divino
Da eburnea Lyra em Canto peregrino
O nome de Fernando, que amor cria,
Aos astros leva em tão brilhante dia.
Sangue de Reis, que já na tenra idade
Honras a Patria, e a inclita Cidade
Rainha do Occidente, alta esperança
Da Lusa Monarquia, a quem não cança
Pelos alpestres ingremes oiteiros
Subir aos altos montes derradeiros,
Aonde brilha o templo d'alta fama,
Que as portas te abre, e por teu nome chama.
Claro Fernando, se essa grave lida
De teus estudos, nunca interrompida,
Soffre repouso huma-hora, hum pouco attento
A's Musas volta o nobre pensamento.

Se eu tivesse dos inclitos Pintores
Arte Divina, com brilhantes cores
Hum vivo quadro artifice formára,
Em que teu grave rosto retratára,

D

Se o boril e o cinzel mover soubera ,
 Altivo monumento hoje te erguera ,
 Em bronze eterno , em marmore potente ,
 Em alvo jaspe , em oiro refulgente ,
 Ousado abri'a esse teu claro vulto ,
 Que fosse ao Mundo respeitoso culto .
 Se lenhos cem pelo alto mar volantes
 Prenhes de oiro , de nitidos diamantes ,
 Lá das praias , que o Sol ultimo aclara ,
 O rico novo Mundo me enviára ,
 Loiro metal , brilhante pedraria ,
 Eu com pródiga mão to off'receria :
 Se o Genio Tutelar do Imperio Humano
 Me desse agora hum throno Soberano ,
 Se mil Nações da Terra subjogadas
 Visse ante hum Solio a meus pés prostradas ,
 De mil Nações , oh ! se eu tanto pudera !
 Soberano Monarca te fizera :

Mas se não posso tanto , tenho a Lyra ,
 Que em nobres corações virtude inspira ,
 Doce Lyra , que as Musas me entregárão ,
 Quando de eterno loiro me coroárão .
 Fundidos bronzes , marmores lavrados ,
 Altos padrões á fama consagrados ,
 Em que antigas memorias se gravárão ,
 Os tragadores seculos gastárão ;
 Mas os Versos , quaes Astros luminosos
 Que fulgem Immortaes , e Radiosos ,

Vencem as trevas da futura idade
 Que tudo leva á feia escuridade.
 Nelles não tem poder os fataes damnos
 Do escuro Rei devorador dos annos.
 Eu já vejo croada de alegria,
 Fernando, a frente de teu fausto dia.
 Os leitos de Tithón com rosto ledo
 Deixa a risonha Aurora, e vem mais cedo
 Abrir as aureas portas do Oriente,
 Por onde saia o almo Sol luzente;
 Elle deixando os braços cristalinos
 De Thetis, que o detinha, de Divinos
 Raios de clara luz de novo ornado
 Subito entrou com gesto alvoroçado
 No alto carro d'ouro e de diamante,
 Ao Orbe dando hum lustre mais brilhante.
 Nasce outra vèz o dia, que raiando
 Sobre o Cahos confuso, e dissipando
 A espessa nevoa, que cobria a Terra,
 Lá nos Jardins de Edém sobre a alta serra
 Brillhou com pasmo aos olhos espantados
 Dos primeiros mortaes, recémformados.
 As brincadoras e doiradas horas,
 Tocando alegres Cytharas sonoras,
 Com elle todas vem; já docemente
 Levanta entre ellas a risonha frente
 A irmã, inda mais bella, essa formosa
 Hora serena, hora bem ditosa,

Que nos braços da candida alegria
 Te deo primeira á clara luz do dia :
 Trazem-na as outras pelas mãos brincando ;
 Apos ellas vem logo em ledó bando
 Batendo as azas tintas de mil cores
 Pudícas Graças , candidos Amores ;
 Vem com elles de gesto sobrehumano ,
 Alto Numen , o Genio Soberano ,
 Que lá descendo do celeste assento
 A teu illustre fausto nascimento
 Benigno presidio , e no teu peito
 Altamente inspirou com brando geito
 Puros costumes , nobres pensamentos ;
 E da virtude honrados sentimentos.
 Inda agora se lembra do que ouvira
 Cantar a Apollo ao som da doce Lyra ,
 Da Lyra com que as Graças te amimavão
 Quando no seu regaço te criavão.
 Já desde então o Deos te promettia
 Nas margens do Mondego dar-te hum dia .
 Rico thesoiro : desde então traçava
 Descubrir-te os segredos que guardava ,
 Só a claros esp'ritos reservados ,
 Nunca a profano vulgo descerrados.
 Em vão Filha de Marte , lhe mostras-te
 A refulgente espada ; em vão esperas-te ,
 Que abrazado em desejos d'alta gloria
 Heroes seguindo de inmortal memoria .

Na frente das falanges de Mavorte
 A imigos povos levaria a morte:
 Assás cortárão loiros vencedores
 Teus illustres Reaes Progenitores;
 Cujos feitos, que as terras espantárão,
 Da escura luz da morte os libertárão.
 Logo ao nascer, Fernando, te esperava.
 Outro fado, Minerva te chamava,
 Tinha de ver por ti restituída
 A antiga gloria, que chorou perdida.
 De ti esperava o Seculo doirado
 Da Lusitana Gente suspirado.

Em tanto em nova gloria vai crescendo
 Grande Filho de Heroes, pois promettendo
 Ao Mundo estás no estudo proveitoso
 Obras illustres, com que hum nome honroso
 Por entre lidas e trabalhos duros
 Deixes de ti aos seculos futuros.
 Tempo virá que, em nova claridade,
 Vencerás os Heroes da antiga idade;
 E pois que os Santos Ceos em ti formárão
 Esp'rito igual aos Pais, que te gerárão,
 Sê tu maior que as suas esperanças;
 Vai delles renovando altas lembranças,
 Nas grandes obras, nos costumes puros;
 A elles te assemelha, e os bem seguros
 Passos segue da cândida Virtude;
 Santo Ceo me ouça, o Ceo te ajude.

Eis os meus votos , Fernando , mais te dera ,
 Se a minha sorte mais me concedera :
 Assás celebra tão ditoso dia ,
 Quem taes votos por ti aos Ceos envia .

HYMNO Á VERDADE.

O'TU , vinda dos Ceos , Verdade pura ,
 Que inspiras na minh' alma alta doçura ,
 Como te chamarei ? Que nome santo
 Terás , ó Deoza , neste novo canto ?
 Hum sómente te dou :
 Que o peito me dictou .

Filha Eterna do Eterno , este he teu nome :
 Tua belleza o tempo não consome ,
 Tu brilhas immortal e sempre pura
 Em quantos seres produzio Natura :
 Na Terra , Mar , e Ceos
 Mostras , que existe hum Deos .

Quando a possante mão da Divindade ,
 Ostentando o poder da Magestade ,
 Tirou do nada a maquina do Mundo ,
 Por toda a parte com saber profundo
 Com teu vulto sellou ,
 Quantos Entes creou.

Elle sublime aos altos Ceos impera ,
 E a luz dos astros rutilantes gera :
 Sobr' elles põem o excelso firmamento
 De seu eterno , magestoso assento ;
 D'onde com grão poder ,
 Dá leis a todo o ser.

Não se limita aos Ceos seu Throno augusto ,
 Na terra o tem no coração do justo ,
 Onde com pleno Imperio só domina
 Sua bondade e sua grã doutrina ;
 Onde só reina igual
 Soberana Moral.

TRADUCCÃO PARAFRÁSTICA

Da Ode III. do Liv. I. de Horacio.

ASSIM de Chypre a Deosa Soberana,
 Assim os Irunãos de Hélena, no Olympo
 Claras estrellas, e o grão Rei dos ventos,
 Solto sómente o Japyx,
 Pelo alto mar te levem,

O' Não, do meu Virgilio devedora,
 Que em deposito tens; rogo-te, o ponhas
 Sobre as Atticas praias livre e salvo;
 E guardes a querida
 Metade da minh' alma.

De duro róble, ou tresdobrado bronze
 Tinha por certo o peito seu murado,
 Aquelle, que sem susto ousou primeiro
 O mal seguro pinho
 Fiar das bravas ondas;

Que não temeo nem Africo arrojado
 C'os Aquilões brigando, ou tristes Hyades;
 Nem já de Noto desabrido a furia,
 Que mais que todos d'Adria
 Os mares senhorea.

A qual morte houve medo, o que nadantes
 Monstros chogou a vêr com sêcos olhos,
 A vêr as endas d'alto pego irozaz
 E os infames cachopos
 Da negra Acroceraunia ?

De balde Deos com summa providencia
 C'os limites do mar, que nos separão,
 As terras retalhou, se trespassando
 Vão impias náos as ondas
 Que tocar não devêrão:

Tudo audaz accomette, e por maldades,
 Que véda a Lei, precepitada corre
 Humana geração: com fraude iniqua
 Trouxe aos mortaes o fogo
 O Filho de Japêto.

Já desde então de lividas doenças
 Nova cohorte se pastou na terra,
 E a morte, d'antes vagarosa e lenta,
 Contra a misera gente
 Accelerou seus passos.

Com azaes, nunca aos homens concedidas,
 O ar vazio Dedalo tentava;
 E o mesmo centro do profundo Averno
 Por meio de Acheronte
 Rompeo Hercules forte.

Nada aos loucos mortaes, nada he difficil;
 O mesmo Ceo insayos commettemos;
 Nem com nossas maldades consentimos,
 Que Jupiter deponha
 Os iracundos raios. (1)

(1) Esta traducção e a seguinte por serem parafrasticas, não entrão na edição da Lyrica de Horacio de 1812 substituidas outras mais litteraes em seu lugar.

TRADUCCÃO PARAFRASTICA

*Da Ode XIV. ad Postumum do Livro II.
de Horacio.*

POSTUMO, Postumo, ai de nós! que os annos
Fugazes correm; nem virtude embarga
As rugas, e a velhice, que já chega,
Nem a indomavel morte.

~~Cansas~~ te em vão, por mais que em sacrificio
Barbaro sangue de trezentos toiros
~~Derrames~~ cada dia ao fero Pluto,
Inexoravel Nume;

Que a Geryão disforme monstro horrendo
De triplicado corpo; e o incasto Tycio
Devorado sopêa além das ribas;
Do formidando Rio.

Rio fatal , que todos passaremos ,
 Quantos cá sobre a terra respiramos ,
 Ou nós sejamos Principes potentes ,
 Ou pobres Lavradores .

Em vão fugimos de arriscar a vida
 Na sanguinosa guerra ; em vão tememos
 Do Adriatico mar , que se espedaça ,
 Surcar as roucas ondas ;

Em vão acautelados procuramos
 Abrigar-nos do Astro , que no Outono
 Das negras azas sobre nós sacóde
 Mortíferas doenças ;

Que alfim havemos vêr Coeyto escuro
 As preguiçosas agoas arrastando ;
 Havemos vêr de Bello as impias netas
 Na barbara fadiga ;

E a Sysífo infeliz pelo alto monte
 Nos já cansados hombros carregando
 Com incessante lida o pezo enorme
 Do voluvel rochedo .

Triste hum dia ha de vir, em que tu deixes ,
 Para nunca a vêr mais , a patria terra ,
 O soberbo Palacio , e a cara esposa ,
 Metade da tu' alma.

Das arvores , que em teu vergel plantaste ,
 De que serás senhor por poucos dias ,
 Só te hão de acompanhar á sepultura
 Os lugubres Cyprestes ;

O licor de Campania , que mesquinho
 Debaixo de cem chaves afferrólhas ,
 Mais digno, do que tu pródigo herdeiro
 O beberá risonho ;

O vinho, que mais doce nunca virão
 As Pontificias sumptuosas mesas ,
 Derramará com mão espediçada
 No rico pavimento.

A'

NAVEGAÇÃO PORTUGUEZA

Do Infante D. Henrique.

Poes que o grande Cantor do excelso Gama,
De ti devendo urdir a rica têa
Da Lusã gloria na carreira undosa,
Te deo louvor escasso.

Eu, que sou menos qu' elle, mor ainda
Serei só por cantar teu nome illustre;
O' Claro Henrique, ó resplendor de Lysia,
Ouve tu lá do Olympo,

Donde refulges nova estrella aos nautas,
Este Carme por ti soberbo: ainda
Virá Cantor maior, de ti só digno,
Que em largo metro altivo,

A ti sômente consagrado , leve
 Desde as ondas do Tejo ao mar d'Aurora
 Teu esp'rito em acções sublimes grande ,
 Sabio , constante , invicto.

Era o mundo , que a Europa conhecia ,
 Pequeno espaço ao generoso peito :
 Sóta as azas do genio , longe vóa ,
 Presente haver mais Mundos.

Tu , ó Terceñabal , o viste hum dia ,
 C'o sagaz instrumento , que inventára ,
 Desde a torre , que alçou aos Ceos visinhos ,
 Medir a Esfera , e os Astros.

D'alli quantos segredos preveitosos ,
 Desde a origem do Mundo reatados ,
 Descobrio aos mortaes ! quantos arcanos
 Da Celeste Urania !

C'o a vasta idéa , que a natura abrange ,
 Do orbe inteiro , talha a empresa augusta
 De abrir novos limites do Universo ,
 Em treva escura envoltos.

Seu immortal compasso a rota marca,
 Que ha de correr a cortadora prôa ;
 A Bussola Polar outra energia
 Adquire , e o curso rege.

Da sabia mão novo Astrolabio , novo
 Demonstrador nocturno á luz d'Estrella ,
 Novo Tridente , que subjogue os mares ,
 Recebe o Luso Nauta.

Eis accendes , Henrique , a facha ardente ,
 Claro farol de Sagres , que allumia ,
 Esse esquadrão de Heroes , que se abalança
 A undívagos caminhos

Nunca abertos té li : que entre os horrores
 Da solidão das ondas , das procellas
 Sem medo rasga pêlagos immensos ,
 Varias nações descobre.

Sem ti inda hoje Europa não soubera
 Os novos Ceos e mares , novos climas ,
 Novas Gentes de vario gesto e lingua ,
 Que outro Hemisferio parte ,

Assim do alto Lycêo da illustre Sagres
 A Marinha Sciencia , nasce ao Orbe ,
 E a Esfera alarga ás Nauticas derrotas
 O novo Deos dos mares :

D'ali , d'ali raiarão novas luzes ,
 Brilhantes mais que o lume das Estrellas
 Que guiarão depois a novos Mundos
 Colon , e o invicto Gama.

AO
 DESCOBRIMENTO DA AMERICA
 POR COLON.

O D E.

ERA segredo eterno hum novo Mundo
 Ao travéz de montões de immensas aguas ;
 Envolto em trevas do medonho Occaso
 A nós jazia ignoto.

Neptuno, e Thetis, e Prothéo guardavão
 Esse rico Thesoiro além dos mares,
 Recatando-nos longe as maravilhas
 Que ali creou Natura.

Mas o Genio Maritimo nascendo
 Nos Lusos Argonautas, que de Atlante
 Com não vistas façanhas conquistarão
 Undoso Senhorio,

Inspirou a Colon fragosa empresa
 De descobrir os fins d'este Universo;
 Empresa inda maior que a força humana,
 Que o fez igual aos Deoses.

Pensou hum dia, que esse vasto Oceano
 Devia lá no ultimo Occidente
 Barreiras ter oppostas, que encontrassem
 O balanço das ondas.

Este só pensamento luminoso
 O esp'rito accende do Varão sublime:
 Eis já se lhe afigura na alta mente
 Outro Hemisferio, e Globo:

Forçando audaz o lenho a vela e remo,
Abalança-se o Heroe por entre abismos
Desde a origem do Mundo, não surcados,
Dos mais profundos pégos :

Dos Euros e das Ondas vence as iras ;
Vence as syrtes inhospitas frementes ;
Tudo sujeita a seu potente imperio ,
Novo Senhor dos mares.

Tu , Fortuna assopraste os seus progetos ;
Tu o levaste cheio de alta gloria
A's ultimas balisas do Occidente ,
Que não sabia Europa.

Assim da noute de hum silencio escuro
De mil e mil centenas d'annos tira
A' luz d'este Universo hum novo Mundo,
Melhor do que o primeiro,

**AO DESCOBRIMENTO
DA NAVEGAÇÃO E COMMERCIO DA INDIA**

P O R

V A S C O D A G A M A.

O D E.

O MAR Oriental , tão encoberto
A' noticia dos homens , era medo
Ao pávido Europeo , que não ousava ,
Em torno discorrendo

D'Africas Costas c'o baixel nadante,
Ir commetter os pélagos da Aurora ,
E trazer-nos d'ali pelo Oceano
Os Velocinos d'Asia.

Porém com força Herculea superando
As bravas Ondas , os terriveis Euros ,
As ponteagudas Rochas , abre o Gama
Insolito caminho.

Em vão , por lhe afastar a altiva empresa ,
 Corria antiga fama , que o Oceano
 Com o Indico mar se não juntava ;
 Que terras entrepostas ,

Quaes muralhas , que ergueo ali Natura ,
 Hum e outro em divorcio separavão ,
 Eterno estorvo oppondo a que passasse
 Occidua prôa avante. (1)

As cegas vozes torvo fomentava ,
 Alto padraastro d'essa azul campina ,
 Feroz Adamastor , que ali guardava
 O tormentoso passo.

Mas , que peito não tinha o excelso Gama
 Que , sem dobrar a medos , arrojando ,
 No vasto golfo os lenhos se arremeça
 Aos terminos vedados !

Com que nobre ardimento não traspassa
 As fabulosas métas ? Seu Tridente ,
 Vencedor de Neptuno , as ondas rasga
 D'esse Hemisferio opposto.

(1) Foi opinião muito geral entre os antigos não admittirem a circumferencia maritima de Africa , e a junção dos dois mares Atlantico e Oriental , ou Indico.

Então de Atlante e do Oriente os mares ,
 Até li separados , une afouto ,
 E com hum trato social enlaça
 Os tres Antigos Mundos.

Que opulento Commercio as veias abre !
 Os thesoiros , que o Sol nascente cria
 Nas gemmiferas plagas do Indo e Ganges ,
 Mudada a antiga rota ,

Não já pelas avaras terras correm
 Dos Egipcios Soldões , que enriquecião ;
 Mas pelas ondas do Oceano voltão
 A' feliz Ulisséa.

Assim , assim , toda a caudal riqueza
 De mil Reinos da Aurora Soberanos
 Vem ajuntar-se n'huma só Cidade ,
 Na nova Alexandria.

Ao mesmo assumpto.

O D E. (1)

SOBRE sólidas bases ás estrellas
Alcaçar de immortal memoria ufano
Sublime em cem columnas alevanto
De porfido luzente.

A quem me mandais dar, Deosas do Pindo,
Esta obra excelsa? Aos Lusos Argonautas,
Que já forão na terra astros brilhantes,
Hoje do Olimpo Deoses.

Era termo final, já descoberto
De nossas proas n'esse vasto Oceano,
Do tormentoso Cabo a aguda ponta,
D'extrema Africa méta.

(1) He huma variação da antecedente.

Ali Gigante horrendo de cem braços,
Que co' altiva cabeça escala as nuvens,
Senhor do Austro, dominava as ondas,
E seus confins guardava;

Cercado de tufões, de feros raios,
Ameaça aos Varões n'aquelles mares
Duros trabalhos, miseros naufragios,
E premio certo a morte.

Até por fama antiga apregoava,
Que desd'ali á Região d'Aurora
Atravessava ao largo extensa costa
D'escarpados rochedos,

Que esses dous Continentes reunia;
E, o Atlantico Mar do Mar do Ganges
Partipdo em meio, ás cavas Náos vedava
Maritima passage.

Que não podem vencer peitos illustres,
Do duro bronze da constancia armados!
Nem fero monstro, nem rumor antigo,
Detem os fortes Gammas.

Por servir a seu Rei e á Patria , forção
 Abrir ali insolito caminho ,
 Que já da occidua Sagres apontara
 O Claro Henrique aos Lusos ,

Quando d'alta Sciencia esclarecido
 Os segredos do mar sondou , que Thetis
 Sob estendido véo de sombras tinha
 A' nobre Europa occultos.

Com novo ardor intrepidos ávante
 Atirão c'os baixéis de si soberbos ;
 Arrostão todo o p'rigo , arrostão medos ,
 E terminos defesos.

Não fabulosa terra , mas dois mares
 C'os braços entre si unidos achão :
 Lanção-se aos novos pelagos profundos ,
 Do Indico Neptuno.

Quantos Climas e Gentes vão passando
 Ao travéz d'esse espaço immenso ignotas ,
 Nas Leis , no trato , nos costumes feras ,
 Na côr , no gesto , varias !

Por entre syrtes cycladas ferventes ,
 Por entre horrores de crueis procellas ,
 Vencedores alfim das bravas ondas ,
 Dos indomitos Austros ,

De Calecut no altivo porto aferrão ,
 E o rico emporio vem do antigo Mundo ,
 Fim da primeira Lusitana Empresa ,
 Que os Deoses d'Asia espanta ;

Donde ha-de começar a serie immensa
 Das inclitas façanhas , das victorias ,
 Que excede quanto feito illustre obrarão
 Romanos , Gregos , Persas.

O Indo Palmireno os Lusos vendo ;
 Então recorda , quanto tinha ouvido
 Nos dias do nascente Mundo ao fado :
 Eis vem , diz elle , a Gente

De estranho mar e clima valorosa ,
 Senhora que ha de ser d'este Oriente :
 Por toda a parte estenderá com Gloria
 Seu novo e largo Imperio.

D'aqui a grã riqueza que o Sol cria,
 Mudada a sorte, irá dourar a Lysia ;
 E sobre o Téjo afortunado erguer-lhe
 Muralhas de Diamante.

EM LOUVOR
 DOS SEUS AMIGOS.

PINTA-ME, ó Souza, n'hum formoso quadro,
 Pinta junto de mim com rosto ledó
 O mór dos meus amigos, o engenhoso
 O Social Nogueira ;

Pinta com elle os dois que eu muito prezo
 Por cima das estrellas, sabios Deoses
 D'Athenas Lusa, o candido Barrozo,
 E o prudente Castello.

A fôrmosa virtude mais que as letras
 Concordes nos unio nos sentimentos:
 O que a hum só apraz, apraz a todos
 Hum mesmo espirito os rege ;

Oh almas bem nascidas, bem amadas
 De mim ! o Céu me deo por mor ventura
 Este amor, que me unio a vós ditoso
 Com insolveis laços!

Ao mesmo assumpto.

DEO-ME o Ceo os Amigos : porque causa ,
 Se o Ceo mos deo , os não presento ás Musas
 Com vaidade feliz cheio de gloria ,
 Soberbo dos meus fados ?

Canta , ó doee Pimplea , que despendes
 Honra immortal de rescendente crôa ,
 Aos que tu louvas , seus amaveis nomes
 Gratos a mim e á Lysia.

Canta entré elles hũ Castro, hũ Mascaranhas,
 Hum Portugal , hum Mello , novos ramos
 Da Lusa Fidalguia , novas plantas
 Da reformada Athenas.

Hum Hymno off'rece a cada hum, que exálte
 Gentis virtudes , que hão de vir hum dia
 Honrar o alto Bastão , a Mitra , a Toga ,
 Do Paço as aureas Chaves :

S'er chego , ó Musa , a tão ditosos tempos ,
 (Alargue para então o Ceo meus dias)
 Vê-los hei todos em sublime assento
 Deoses da Lusa Gente.

Ao mesmo assumpto.

Hum pouco descansaste , ó Musa , torna
A' nova empresa de cantar Amigos ,
Que se compraz o Ceo de mos ter dado ,
Varões d'honrosa fama :

Será Pacheco hum delles , será Cordes ,
Albuquerque , Beltrão , Guiões e Silva ,
Manço , e Ferreira ; fulgidas estrellas
No claro céo de Elysia :

A todos dá os sons da eburnea Lyra ,
Que os torne immortais : a qualquer delles
São devidos , ó Musa , mil louvores ,
Devidos os teus cantos ,

Ao mesmo assumpto.

VENHÃO de novo á minha Lyra Amigos
De tantos que já tive , Amigos cáros ,
Astros d'Athenas.

Pôde a morte roubar-me o meu Barrozo ,
Alma mais pura , que as estrellas derão
Nos nossos tempos :

Pôde tambem levar-me á sombra eterna
Claro Cordes , de solidos estudos
Sublime engenho.

Que não perdi com elles ? Quantas luzes ,
Que a mente me illustravão , se apagarão
Com sua morte !

Porém não me tirou todo o soccorro
O Céu benigno ; restão inda Amigos ,
Que me consolão :

Para conselho são, para exemplares
D'altas virtudes, que meu peito animão,
Elles me bastão.

Se Jove mos guardar, em quanto eu vivo,
Serei da minha sorte assás contente,
Nada mais quero.

Quatro claros varões exalta, ó Musa,
Qu'Ulyssea em seu gremio inda me guarda,
Doces Amigos:

Canta-me Castro, canta-me Nogueira
Canta também com estes a Castello
Canta Ferreira.

A JOÃO BAPTISTA DA SILVA

*Havendo recebido por elle Poesias de Silvio (ou de
Doutor José da Silva Xavier.)*

QUEM he esse Varão, ó Silvio amigo,
Que ora ferindo a Lyra apar de Almeno
Magicos versos canta em som tão alto,
Que espanta Apollo e as Musas ?

Ora co' a fatal vara os moribundos,
Mais potente que o Nume de Epidauro
Ousado rouba ás mãos da noite eterna
E os torna á luz do dia ?

Eis dá o caro pai aos tenros filhos,
Que em torno ao leito pavidos gemião ;
Eis dá o terno esposo á meiga esposa
Que soluçava em pranto.

Homem Divino, qualquer Deos que sejas,
 Bem que longe de mim, isto me basta
 Para de cá te amar, e alçar-te hum Hymno,
 S'eu posso, nos meus versos.

*Ao mesmo mandando de presente ao Author
 huma grande somma de relevos de gesso,
 que representavão muitas figuras, copias
 das que se achárão nas ruinas de Hercu-
 lano.*

EM formosas medalhas relevadas
 Mandas-me, amigo Silvio, illustre copia
 Dos antigos primores de Herculano,
 Que respeitou o tempo.

Que naturais figuras! quão formosos
 Deoses e Deosas de estremada graça,
 Brincadores meninos, alvas-Nymfas,
 Que cuida que são vivas!

Que perfectos modellos se apresentão
Das bellas Artes ao Pincel mimoso,
Ao Cinzel, ao Boril, e ao doce Canto,
Dos Sagrados Poemas!

Oh s'eu tais obras imitar soubesse,
E as graças trasladar, que nellas brilhão,
Que lindas Odes que eu faria, ó Silvio,
Para mandar-te hum dia!

Mas a tanto não ousou erguer meus olhos;
Apenas vou sem arte bosquejando
Nos toscos versos meus informes grupos,
E Gothicas ramagens;

Tu, que tens genio e gosto, que tens mestre,
Que a mão te rege e guia, que te nutres,
Em ricos Camarins c'os bellos quadros,
Que as paredes te adornão,

Famosos quadros do Flamengo Rubens,
Do novo Pilman, do engenhoso Rocha,
De teu Fonseca illustre, de Vieira,
Apelles Lusitano;

Tu podes desenhar c'ó destro lapis ,
Quanto Athenas e Roma inda hoje ufanas
Das ruinas dos évos vão tirando
A' luz do claro dia,

Mas se inda queres mais gentis modellos,
Desenha quanto Almeno com mor brio ,
Que o grão Peligno Vate , te apresenta
Nas Transmudadas Formas.

A SILVIO,

OU AO DOUTOR

JOSÉ DA SILVA XAVIER

*Respondendo-lhe pela mesma allegoria , com que elle
lhe escrevera.*

HUM dia que a teu campo as nove forão
Lindas Irmans de Febo: “ Silvio, dizem,
Toma esta fonte, e rega: ,, Eis de repente
Rebenta hum torno d’agoa;

De dentro d’huma fraga borbulhando
Em formosos arrosios se reparte,
E vai com seus rodeios deleitosos,
Silvio, regando o prado.

Por onde corre, as plantas t’enverdecem,
Mil flores brotão, e a entonada fronte
De mil pomos c’roada aos Ceos levantão
As arvores viçosas;

Loiro mel te goteja o verde azinho,
 Fino alambre te sua a tamargueira,
 E crescem-te loireiros mais frondosos
 Para croar-te a fronte.

A ALMENO E A SILVIO

*Sobre a triste situação, em que se achava o Author,
 relativamente á composição de suas Poesias,*

TRISTE de mim, que aqui tão longe vivo
 Em seca terra defesada em mato,
 Onde só cardos, e mostardas crescem,
 Onde monteses pomos!

Fresca Limfa o torrão brabio e duro
 Nunca jámais molhou; de immundos charcos
 Correm só turvas enlodadas veias,
 Que as plantas amortecem,

Nem sopra aqui o genital Favonio
 Mas duros Austros , que escaldando a terra
 Nem deixão sasoar os mesmos fructos
 Das arvores agrestes ;

Nem me acatárão descorteses Euros
 Castiço garfo , que me dera Almeno ,
 D'um nobre tronco , que em seu campo havia ,
 Do Menalo trazido :

Rompendo as leves tónas brandos gomos
 Já ão sobre a casca rebentando
 Do lindo novo ramo de enxertio ,
 O mimo dos meus olhos ;

Eis que soprou hum bofo , e a terra ingrata
 Deixou crestar o já vingado abrolho :
 Perdi , perdi com elle desgraçado
 As minhas esperanças :

, Ó Silvio , Silvio , ó meu caro Almeno ,
 O Musas , que os lá tendes , se ao meu Campo
 Fosseis hum dia , tornaríeis fertil
 Meo árido terreno.

A A L M E N O .

Com vêa pobre , mas serena e pura
 Corre hum regato , que me Apollo hum dia
 Soltou benigno das correntes fozes
 Da frondosa Aganippe :

Com elle , Almeno , me contento : rega
 Poucos hastins de terra no meu campo ,
 Mas vai , por onde passa , produzindo
 No chão baldio flores ,

Não rozas de Lucania , amor de Venus ,
 Não os filhos do Sol , candidos Lirios ,
 Nem mimosos jasmims , que Aurora orvalha ,
 Nem amaranto eterno ;

Porém roxas viólas , e mosquétas ,
 Brancas flores de alfênas , belvederes ,
 E em matizado fêno mil boninas ,
 Que os Zéfiro meneão .

Se dellas , ó Sagrado Vate , eu ouso
 Tecer-te Crôa , que te enloire a fronte ,
 Mais que a grinalda acceita a sã vontade ,
 Que não rejeitão Deoses.

Ao mesmo.

QUANDO te ouço do magico Laúde
 Soltar , Almeno , os altos sons Divinos ,
 Com que espantas os Deoses Soberanos
 Do Ceo , do Már , da Terra ,

Sacro furor por minhas vêas ferve
 Que em viva chamma o coração me accende
 D'Altas idêas se povôa a mente ,
 Eis outro sou , sou Vate.

Entre o Parnaso , Febo e as nove Deosas
Assento-me contigo : de repente
Contigo aos Astros vôo , e entro altivo
Nos radiantes paços,

Oh ! s'eu nas mesas d'airo recostado
Bebo com Jove eterno o immortal nectar,
He obra tua : a tua Lyra , Almeno,
Em Nume me transforma,

A SILVIO,

OU AO DOUTOR

JOSE' DA SILVA XAVIER.

*Recebendo delle o Author huma Ode , e to-
mundo das seguintes palavras della occa-
sião para a resposta.*

*A minha esteril Musa ,
Qual planta em frio campo esmorecera ,
Se Almeno , com seus sopros
Bem do peito tirados , huma a huma
Não despregasse as folhas ;
Se por viçar a mão lhe não corresse
Com mimo a todo o instante.*

QUE pomos bellos me vierão hontem
Das frescas Veigas do aprasivel Sado !
Formosos pomos , que de Atlanta ao Curso
Forão doirado freio.

N'hum cestinho tecido d'alvos vimes,
Que as Musas de mil flores enfeitarão,
Mandou-mos o Grão Silvio por refresco
De seu Pomar sagrado,

Ab! vissem-nos as Deosas namoradas
Ao Moço Priamêo correrão todas;
E o Celeste Escansão os invejara
Para a Mesa de Jove,

Porém que não dará fertil terreno,
Que vai agricultando a mão de Silvio,
Que Almeno com seus sopros bem tirados
Do fundo de seu peito,

Qual fresca viração, que os seios abre
Da madre terra, e o gremio seu fecunda,
Lhe vai almos espiritos bafejando,
Dos Apollineos beijos!

*Sobre as duas maiores perseguições
que teve o Author.*

Ou Poema mordaz, que vil calumnia
Suppôz ser parto da innocente Musa
Assanhe contra mim leões famintos,
Mais que os de Juba feros ;

Ou infido Collega ao Throno excelso
De mal seguras maximas me accuse,
Reluz na minha frente alta constancia,
E os Deoses me defendem ;

He grata aos Deoses a firmeza d'alma,
Que não se abate á sordida impostura,
Que os rumores do vulgo vão despreza,
Que estriba na innocencia,

T R A D U C Ç ã O

D E

HUMA ODE FRANCEZA ANACREONTICA

SOBRE A ROZA.

TENDRE fruit des pleurs de l'Aurore ,
 Object des baisers des dephirs ,
 Reyne de l'Empire de Flore ,
 Hate toi de t'épanouir.

Que dis je , hélas ! crains de paroître ,
 Difere' un moment de t'ouvrir ;
 L'instant qui doit te faire naître ,
 Est celui , qui te doit fletrir.

Themire est une fleur nouvelle ,
 Qui subirá la même loi ;
 Rose , tu dois fleurir , com' elle ,
 Elle doit se fletrir , come toi.

Vá , meurs sur le sein de Themire ,
 Lá doit être ton tombeau ;
 Jaloux de ton sort je n'aspire
 Qu'au bonheur d'un trepás si beau.

Tu verras plus d'un jour peut être
 Le séjour , ou tu vás penetrer ;
 Un soupir vous ferá renaitre ,
 Si Themire peut soupírer ,

TENRO fructo das lagrimas d'Aurora ,
 Doce objecto dos osculos dos Zefyros ,
 O' do Imperio de Flora grã Rainha ,
 Sahe do botão , não tardes ;

Mas ai , que digo ! de apparecer receia ,
 Mais hum momento em já te abrir guarda ,
 Que o mesmo instante , que te traz ao dia ,
 Cruel te murcha , e secca.

Themira he huma nova flor , sujeita
 Aos mesmos fados : tu , ó roza , deves ,
 Como ella florecer : como tu deve
 Ella tambem murchar-se.

Vai , morre sobre o seio de Themira ,
 Ali terás a tua sepultura ;
 Teu fado invejo , nem mór bem quizera
 Que morte tão formosa.

Tu verás por ventura , mais de hum dia
 O lugar , em que entrares , hum suspiro
 Te fará renascer , se acaso póde
 Themira suspirar.

L'amour aura soin de t'instruire
Du côté d'ou tu vas pancher ;
Brille à ses yeux , sans leur nuire ;
Pare son sein , sans le cacher ,

Si quelque main a l'impudence
D'y venir troubler ton repos ,
Emporte avec toi la défense ,
Garde une epine à mes rivaux.

Que Themire de toi aprenne ,
Coment doit elle les traiter ;
Qu'en devenant toute mienne
Ne s'en laisse pas toucher.

Qu'elle rend enfin ses armes
Au Dieu , qui serra mes liens ;
Et voyant perir tes charmes ,
Elle aprenne à jouir des siens.

Amor te ensinará com brando geito ,
A que parte te inclines ; a seus olhos
Brilha , sem lhe tolher a vista ; o seio ,
Sem lho encobrir adorna.

Se mão alguma petulante ousa
Ali turbar o teu repouso , leva
A defesa contigo : hum duro espinho
Nos meus rivaes encrava.

De ti apprenda a candida Themira ,
Como os deve tratar esquiva e irosa ;
Que sendo toda minha não consinta
Por elles ser tocada.

Que alfim Themira as suas armas renda
Ao Deos de Amor , que os laços meus aperta ;
E vendo fenecer as tuas graças ,
Saiba gozar das suas.

A JOÃO JOSÉ ALBERTO
DE NORONHA,
CONDE DE S. LOURENÇO,

*Tornando-lhe traduzida em Portuguez a Ode Fran-
ceza antecedente, que havia mandado ao Au-
thor sobre a roza.*

Já desabroxa as rubicundás folhas
A tua roza, ó Conde, e vai soberba
Ornar o branco seio de Themira
Sem lhe encobrir seu peito.

Já Themira a recebe carinhosa
Como dadiva tua; e lhe permite,
Entre os thesoiros seus inda nascentes
Fazer ditoso assento.

Mas não temas, Senhor, que o mesmo dia
Que a vio nascer tão linda flor a murche
Nem temas, que da Ninfa as graças bellas
Roube a voraz idade;

Depois de as tu cantares docemente
 Será eterna a sua formosura ,
 Como ha de ser teu cantico Divino
 Nos seculos vindoiros.

A M A R F I Z A

No dia de seus annos.

NINFA gentil, a quem as brancas Ninfas
 Sobre as margens do placido Mondego.
 Tecem grinaldas de purpureas rozas ,
 Entoão doces hymnos ;

Alma pura , que os Céos de lá mandarão
 Para honrar os mortaes na baixa terra ;
 Benigna escuta neste dia ledo
 Meu canto a ti sagrado.

Por trazer aos mortais tão fausto dia ,
 Raiou mais cedo a rubicunda Aurora ,
 Mostrando a face lucida banhada
 De placida alegria,

Apressado no Carro de diamante
 Subio mais cedo o Sol ; e alvorçado
 Deixou da linda Thetis , que o detinha ,
 Os cristalinos braços.

As celestes esferas espantadas
 Virão bater as azas somnolentas ,
 E fugir apressada antes de tempo
 A noite desgrenhada,

De esplendor desusado revestida
 Sahio do dia a fronte luminosa ,
 Qual com pasmo foi vista a vez primeira ,
 Que brilhou sobre a terra.

He este o dia , dia afortunado ,
 Em que tu , Niña viste a luz do Mundo ,
 Quando deceste do Materno seio
 Ao regaço de Aglaia,

Aglaia, e as Irmãs, que as graças gerão,
Em torno te cercarão; com cuidado
Ao meigo som de revezados Cantos
Nos braços te embalarão.

Saudaste com doce e brando riso
A Mãe formosa, que te deo ao dia,
Em quanto branca chusma de Cupidos
Te urdia mil prazeres.

Alçando a vista ás lucidas estrellas
Então cantou Protheo altas venturas,
Que farião felices os teus annos,
Feliz o caro Espozo.

Lego as Deosas terriveis, que escutarão
O Profetico som, hum pouco brandas
Forão tecendo tua amavel vida
Em longos fios d'ouro.

O AMOR ESCONDIDO.

T R A D U C Ç Ã O

I.

POR seu filho Cupido procurava
 A Deosa de Cythéra ;
 A quem lho descobrisse em premio dava
 Hum só prazer , que mil prazeres géra.
 Da-me o premio Cyprina ;
 Amor que andas buscando ,
 Com gesto lindo e brando ,
 Voôu dos olhos da gentil Durina ,
 E em meu peito pousou com firme intento
 De fazer em minha alma eterno assento.

T R A D U C Ç Ã O.

II.

Ninfas gentis , que a Amor em vão buscando
 Andastes até agora ,
 Por elle em triste pranto suspirando ,
 Vinde , Ninfas , a mim que em mim só mora
 O bem que appetceis ,
 Só em mim achareis ,
 Q' o filho de Cyprina

Abrindo hum doce riso , e lindo aspeito ,
 Voôu para o meu peito
 Dos bellos olhos da gentil Marina.
 Vinde Ninfas a mim , que em mim só mora
 O Deos d'Amor , que vós buscais tégora.

TR A D U C Ç ã O.

III.

Fugio Cupido á Mãi , e a Mãi formosa ,
 Afflicta e lagrimosa
 A quantos encontrava ,
 Por elle perguntava.
 A quem lho descobrisse em premio dino
 Hum osculo Divino
 A gentil Cytheréa promettia ;
 Q' homem mortal Celeste tornaria.
 Da-me o premio Cyprina ,
 Ou antes faze que mo dê Marina :
 Amor , que tu lamentas tão perdido ,
 Vive em seus bellos olhos escondido,

CONVITE A FABIO.

HUM aureo copo, rico dom de Lydia,
 Tenho na mesa, O Fabio!
 Heide estreallo co' licor Divino,
 Que dez annos sellado
 Fervendo esteve em Lestrigonia talha:
 O almo patrio Doiro
 Hum dia mo mandou por donativo.
 Porque esperas amigo?
 Vem antes que descendo do alto Olympo
 O loiro Ganimedes,
 Para a mesa dos Deoses me arrebate
 O vinho e o copo d' oiro.

RESPOSTA A HUMA QUADRA
D E
MONSENHOR FERREIRA.

QUIZ cantar os teus louvores,
Par' isso a Lyra afinei;
Mas ella só quiz cantar
Beresford e Wellesley

R E S P O S T A .

Cantai, Ferreira, os louvores,
Não de mim, que he justa Lei,
Que vossa Lyra só cante
Beresford e Wellesley.

Com razão à Lyra vossa
Prudente e sabia direi,
Que só quiz soar nas cordas
Beresford e Wellesley.

Não a pejeis com meu nome ,
Que a mão emprego o terei ,
O vosso Canto só seja
Beresford e Wellesley.

Se cá fosse Anacreonte
Com sua Lyra, sabeí ,
Que cantára em vez de amores
Beresford e Wellesley.

O mesmo Meonio Vate ,
Se cá viera direi ,
Que só tomára em assumpto
Beresford e Wellesley.

Não quereria a seu canto
Façanhas d'Argiva Grei ,
Só quizera por Atridas
Beresford e Wellesley.

E o Cantor , que desde Troya
Leva á Ausonia o novo Rei ,
Antes cantára em seu metro
Beresford e Wellesley.

Cantai vós que sois hum Vate,
Igual a estes : que sei,
Que podeis cantar sublime
Beresford e Wellesley.

Capitães de Grecia e Roma,
Luso Poeta, esquecei :
Vencem a todos na fama
Beresford e Wellesley.

Pelo que delles se conta
Coisas famosas , direi ,
Que Marte a todos prefere
Beresford e Wellesley ;

Que em suas mãos deposita
Da Guerra as Artes e a Lei ;
E que faz Deoses da terra
Beresford e Wellesley.

Já a vossa Lyra a valente
Vimeiro soar fazei ;
Fazei soar todo o Minho
Beresford e Wellesley.

Sõe Lisboa e o grão Téjo,
 Que eu felizes chamarei
 Por virem firmar-lhe o Sceptro
 Beresford e Wellesley.

Sõe a minha amada Cale,
 Por quem tanto receei;
 Sõe o Vouga, o Doiro, o Lima
 Beresford e Wellesley.

Levarei até aos astros
 Da Grã Bretanha o grão Rei,
 Que enviou por nossa ajuda
 Beresford e Wellesley.

Desta nova Lusitania
 Por novo Deos o terei,
 Que a salvou por seus valentes
 Beresford e Wellesley.

O' d'Albion sublimada
 Grão Monarcha, eu louvarei
 A ti sempre, e os teus invictos
 Beresford e Wellesley.

Sempre no curso da vida
 Alta lembrança terei
 De teus feitos, do que obrarão
 Beresford e Wellesley.

Lysia , a teus favores grata,
 Em altos padrões verei
 Consagrar teu nome e os nomes
 Beresford e Wellesley.

Serás nelles acclamado
 Da Grã Bretanha o mór Rei
 Pelos loiros, que te alcançãõ
 Beresford e Wellesley.

Hum Deos Tutelar de Espanha
 Serás Tu, que inda verei
 Ir libertalla co' as armas .
 Beresford e Wellesley.

AO PRINCIPAL CASTRO

*Remettendo-lhe hum Exemplar das suas
Poesias.*

E u lá vos mando, Senhor,
Os meus versos estampados;
São meus filhos muito amados,
Por meus lhes fareis favor:

Se esta edição fosse minha
Vosso nome iria á frente;
Que disso fora contente,
E chêa a tenção que tinha;

Elle com tudo abre a scena
Dos versos meus com tal gloria,
Que só basta essa memoria
Para honrar minha Camêna.

A MONSENIOR FERREIRA

*Que havia mandado humas quadras ao
Author.*

R E P O S T A.

A Lyra, Ferreira amigo,
Que te deo o Ceo, Divina,
Para mais altos objectos
O mesmo Ceo a destina,

Não gentilezas que acabão,
Porém prendas d'alta estima,
Hum claro Filho d'Apollo
Só deve cantar na rima:

Dotes d'esprito sublime,
Immortais bellezas d'alma
São as que devem cantar-se,
São as que levão a palma.

Eu quiz alçar, se pudesse,
 De Valleré os louvores,
 Cujas obras inda em Lysia
 Brilhão com mil resplendores.

S' eu pudesse ir mais avante,
 Que coisas bellas cantára?
 Louvores da illustre Filha
 Com os do Pai enlaçára.

Filial amor eterno
 Inda ao Pai depois de morto,
 Têllo vivo na lembrança
 Viver só deste conforto,

Recordar de dia e noite
 As acções de sua vida,
 Escrevellas ternamente
 Com penna sabia e polida,

Honrar seu nome amoroso
 Em padrões d'alta memoria,
 Propagar-lhe a nobre fama,
 Cubrillo d'immortal gloria,

Este he só o seu cuidado,
 Que seu nobre peito anima ;
 Isto e o mais , que ora não digo ,
 Quão bem soára na Rima !

Aproveita inda tets dias :
 Aproveita a Lyra d'oiro :
 Canta , Ferreira , as virtudes
 Que o Geo pôz neste thesoiro.

Sõem nella altos extremos
 Desse amor da Cara Filha ;
 Sirvão já de exemplo ao mundo,
 Já de espanto e maravilha.

Com elles vão resoando
 Outras prendas de valia ,
 Luzidas como as estrellas ,
 Bellas como a luz do dia.

As paixões de huma alma nobre ,
 Paixões singelas e puras ,
 Alçarás por entre os astros
 A's Olympicas alturas.

Paixões de Deoses só dignas,
 Q' ella dos Deoses herdára,
 Ou antes no berço houvera.
 Do claro Pai, que a gerára;

Alma sensível e terna,
 Que o bem dos outros estima;
 Com as venturas alheas,
 Como proprios bens, se anima;

Hum coração generoso.
 Em bem fazer excessivo,
 Q' abriga o triste indigente.
 Em seu peito compassivo;

Huma grandeza de espirito,
 Não vista na nossa idade,
 Sem affrouxar, sem limites,
 Huma constante bondade.

O brio, o decoro, a honra:
 Sempre leva em companhia;
 A sã Moral, sem extremos.
 Suas acções rege e guia.

E que rima não merecem
 Outras virtudes mimosas ;
 Que as Graças lhe tem croado
 De boninas e de rozas ?

Seu ar ingenuo e singelo
 Brilha em toda a claridade ,
 Na boca falla a Candura ,
 Nos olhos luz a Verdade.

Huma franqueza sincera
 He seu character formoso ,
 Só pura amizade alcança
 A par della assento honroso.

Tem alegria sizuda
 Gravidade sem rudeza ;
 Doçura nas lizas fallas
 Conversação sem baixeza :

Gracioso acolhimento ,
 Urbano trato , que encanta ,
 Huma attenção para todos
 Que a todos obriga e espanta ,

Lindas maneiras cortezes,
 Vulto risonho e sereno,
 Que espalha em roda de todos.
 Hum frescor suave e ameno :

Sem os femenis melindres
 Toda a casta de primores,
 De que nos nascem no peito
 Os mais honestos amores.

E que direis d'outros muitos
 Formosos dons, que Natura
 Lhe deo ao nascer por dote,
 Dons d'immortal formosura?

Engenho, saber e ciso
 Em que tudo o bom stá posto,
 E, o que espanta mais, em tudo
 Hum fio tacto de gosto.

Huma voz melodiosa
 Com que docemente canta,
 Que os corações move e prende
 E os mesmos Deuses encanta.

Estas prendas quando hum dia
 Dos Ceos á terra baixarão
 Em Valheré todas juntas
 Por nosso bem cá ficarão.

A HUM POETA

Remettendo-lhe huma pitaça.

AMIGO e Senhor Malhão,
 Com faltas de pagamento,
 E rebate a dez por cento,
 Não ha nas bolsas tostão

Por servir-vos busca dei
 A meu coffre vão mesquinho;
 E mal esse aureo quartinho
 Em seu razo fundo achei;

**Mas voto de vos mandar ,
Se me Deos der mialheiro ,
Maior somma de dinheiro ,
Com duas trovas a par ;**

**Não trovas , quaes vós cantais ,
Nosso novo Anacreonte ,
Que para o Luso Orizote
As gregas Muzas passais ;**

**Mas glozas de puro amor ,
Em que vos mostre em verdade
Minha singela amizade ,
E o vosso claro louvor.**

LORENO A MARILIA

Depois de vir dos trabalhos de seu desterro.

Eu torno outra vèz, Marilia,
 A ver o teu rosto nobre ;
 Inda que venho sem nada,
 Não me engeites por vir pobre.

Eu perdi todo o meu gado ,
 Perdi as minhas colmeias ,
 Desterrado de meus lares
 Andei por terras alheias ;

Esqueci-me de meus males ,
 Nunca de ti me esqueci :
 Não perdi os meus cuidados ,
 Por mais que tudo perdi.

Mas se de tudo o que tinha.
 Despojndo agora fico,
 Para adorar-te, ó Marilia,
 De sobejo amor sou rico.

A A L C I N A

Grande cantora dormindo.

No campo Alcina.
 Jazendo hum dia,
 Suave somno
 Branda dormia.

Quis vêr de perto.
 As graças bellas,
 Que inveja dão
 A's mais donzellas.

Tenros amores ,
Que mal se vião ,
Da linda bôca
Lindos sahião :

Absorto exclamo ;
Já sei , Alcina ,
Donde te vem
A voz Divina :

Já sei a causa ,
Porque , se cantas ,
Amor suspendes ,
E a mim me encantas !

A NERINA CANTANDO.

EM quanto Nerina
Amores cantava,
Amor desvelado
A Lyra tocava:

As Ninfas suspensas
Seus cantos ouvião,
E novas Cantigas
De Amor apprendião.

As Graças risonhas
Em roda a cercavão,
Suaves prazeres
Em torno espalhavão :

A Mãe dos Amores
As tranças formosas
De flores lhe enfeita
E a crôa de rozas.

A D. VASCO D'A GAMA.

Os encantos do mar té li cerrado,
 Quebrou alfim o destemido Gama.
 Com gloria tal, qu' inda hoje o louva a fama,
 Dando d' elle no Orbe eterno brado.

Depois de ter os pelagos domado
 E o fero Adamastór, qu' inda ora brama,
 Surgio nas praias, onde a rozea cama
 Aurora tem, e nasce o Sol sagrado.

D' alli a nova rota está mostrando,
 Qu' abrio a toda a Europa o seu Tridente;
 E ao mais rico Commercio a está chamando.

Dois Hemisferios une, e hum Continente
 Faz de dois Mundos, entre si juntando
 Os póvos Européos, e os do Oriente.

Do mesmo.

DEIXADO, é Gama invicto, o patrio Ninho,
 Pelo Atlantico mar atravessando
 Vás os Pégos d'Aurora avassallando,
 Co'a bronzea prôa de nadante pinho.

Afferras Calecút no mar visinho
 Ao Arabico Golfo memorando,
 Da rude Europa aos filhos ensinando
 Do Téje ao Indo insolito caminho.

Tu foste o mais feliz da Lusa Gente,
 Que teu feito inda sóbe mais acima
 Na voz de Vate que o cantou potente.

Nem sei, qual honra te he de mais estima,
 Se teres descoberto o rico Oriente,
 Se teres quem te cante em alta rima.

SOBRE A ETERNIDADE.

NESTE mundo mortal, em que ora habito,
 Vejo tudo acabar em curta idade;
 E não posso alcançar outra verdade,
 Qu' a existencia d'um bem, d'um mal finito.

Se já no fundo abysmo do Infinito
 Comigo considero a Eternidade,
 Não descubro senão escuridade,
 Em que se perde o limitado esp'rito.

Como pôde pois crêr o pensamento,
 Que existem immortais além da morte,
 Os dous mundos de gloria, e de tormento?

Assim discorre em vida o Esp'rito Forte;
 Porém ao dar o derradeiro alento,
 Treme d'horror da duvidosa sorte.

À CONSTANCIA

D O

P. ANTONIO PEREIRA

D E

FIGUEIREDO

*Solicitado na hora da sua morte para retractar
o seu Livro da Tentativa Theologica.*

NESSES fatais momentos, em que a morte.
Traz diante de si remorso e susto,
Assalta o Fanatismo ao varão justo
Com temor de futura infeliz sorte.

Brada, que arrependido o Esp'rito Fôrte
Retrate os dogmas seus a todo o custo;
E que esses Livros, que escreveo injusto,
Condemne á maldição, e mortal córte.

Não cede o Grão Pereira á voz horrenda!
Não temo, disse firme, ó Monstro impuro,
Que me venças n'est' hora tão tremenda:

Ensinei a verdade, e o dogma puro:
Nada escrevi, que as Santas Leis offenda,
Por esta alma, que sobe aos Ceos, o juro.

*Sobre a falta de contemplação pela memoria
do mesmo.*

SEM honroso epitafio jaz Pereira ,
 Confundida com a terra a cinza fria ,
 Que hum vaso d' alabastro só devia
 Em mausoléu guardar sagrada e inteira !

Até lhe nega a honra derradeira
 Do público elogio, que mercia,
 A Patria, que seus Loiros recolhia ,
 A elle ingrata , a outros lisongeira,

Oppõe-se a este officio pio e terno
 Inveja e Fanatismo furibundo,
 Hórridos filhos do feroz Averno.

Porém que monta , se por todo o Mundo
 Soando vai com hum respeito eterno
 Seu alto Nome , e seu saber profundo.

A LEUCACIO FIDO

*Grande Amigo e sabedor de Horacio, a quem
Elpino d'antes não conhecia, enviando-lhe es-
te a sua Traducção do mesmo Horacio, que
elle lhe mandára pedir.*

PORQUE o Fado invejoso me não dava
Conhecer-te, ó Leucacio Fido, quando
Sobre o Cantor Venusino trabalhando,
A' Lusa Lingua os versos seus passava?

A ti, em cujo seio se guardava
A doutrina do Vate memorando,
Só corrêra; por ti interpretando,
Quanto nas suas Lyras s'encerrava,

Cheio todo de Horacio esse teu peito
Que lição me não deras sublimada
Para entender melhor o seu conceito!

Fora minha versão por ti limada
Obra de gosto, e de primor perfeito,
Das Graças e das Musas assellada,

Ao mesmo

O qual depois de ter deixado de poetizar por muitos annos, enviou ao Author huma Ode em louvor das suas poesias impressas em 1812.

Vou dar-te as graças, ó Leucacio Fido,
 Pelos bons versos teus, que me mandas-te,
 Em que inda antigos brios ostentas-te
 Da chamma, que em teu peito tinha ardido.

Louvaste-me com canto tão sobido,
 Que por cima dos astros me exaltas-te;
 E meu nome á memoria consagras-te,
 Deixando-o sobre o baixo vulgo erguido.

Não peço c'róa d'era, qual queria,
 Para aos Deoses se unir o Venusino;
 Sobeja o canto teu de mais valia,

Teu canto he premio e galardão Divino
 De minhas rimas; que mór bem podia
 Na vida obter o Duriense Elpino?

AO BOSQUE DE LORINA.

FRESCA estancia de verdes aveleiras ,
Aonde a formosissima Lorina
Costuma , quando o Sol doirado inclina ,
Passar do dia as horas derradeiras ;

Das tenções de su'alma lisonjeiras ,
Que em teus troncos gravou a mão Divina
Tu foste testemunha , e foste dina
De saber tantas coisas verdadeiras.

Não as fies do Sol , nem da luz pura
Da mesma Aurora , que madruga cedo
Por vir vêr de Lorina a formosura.

Co' as ramas de teu flórido arvoredado
Defende a entrada a humana creatura ,
E fiel guarda todo o seu segredo.

NAS BODAS DA FORMOSA
GLAURA COM ALBINO.

ESPÍRITO gentil, por qual destino
 D'esses globos de luz, em que habitaste,
 Desceste sobre a terra, onde tomaste
 Humana fôrma, traje perigrino ?

Deosa, chamou-te Amor, mostrou-te Albino;
 De lá ao ver Albino suspiraste;
 Albino te attrahio, e os Ceos deixaste,
 Por vir fazello de teus braços dino.

Se tanto pôde Amor, que docemente
 Te trouxe dos Olympicos fulgores,
 Viver na terra não te descontente:

E pois tens em Albino os teus amores,
 Ou cá fica com elle eternamente,
 Ou o leva contigo quando fores.

A HUMA EXTREMA FORMOSURA.

DIZE-ME, ó Ninfa, se dos Ceos vieste;
 Ou já se pais humanos te gerárão,
 Debaixo de qual astro te formárão,
 Que tão formosa e tão gentil nascesta?

Depois que a nossos olhos apparceste,
 Novos prazeres entre nós voárão
 Do mesmo Sol os raios se doirárão
 Da peregrina Luz, que cá trouxeste:

Assim fallava; e como se se abrisse
 Do Ceo Divina voz, qu'inda me dura,
 Nos ouvidos impressa, assim me disse,

Mortal, essa que vêz, he obra pura
 De Jove, porque o Mundo n'ella visse
 Hum rasgo de Celeste formosura,

SAUDADE DE ALCINO

P O R

SUA ESPOSA MARINA.

SOBRE as margens do Têjo caudoloso
Gemia Alcino, e triste suspirava,
Ausente de Marina, e só chorava
Sem abrandar seu fado rigoroso.

A's estrellas o rosto lagrimoso
Hum pouco alevantando, a voz soltava,
A terna voz, que Amor brando escutava,
De suas tristes lágrimas piedoso.

Deoses, dizia; se já vós amastes,
Tornai-me ao brando Lima, e á luz Divina
Donde para tão longe me apartas-tes.

Soffrei, lhe torna Amor, o Ceo o ensina,
Do Ceo os altos Deoses, que invocastes,
Tambem suspirão por lá ter Marina.

DE JOÃO BRAS VIDAL JORDÃO

*Sobre a herança que houve o Author das
Poezias de Almeno.*

„ O que quer que tu faças , não te pejes
„ Receber estas letras , que te mando.

O NOVO Apollo, o Duriense Elpino,
Creado com favor d'Euterpe ao peito,
Em lagrimas banhado chega ao leito
Do Sacro Almeno, do Parnaso dino:

Rendido já nos braços do destino,
Alentos cobra em lance tão estreito;
Seus thesouros lhe dôa; e satisfeito
Assim cantou o Cysne perigrino:

Estas obras em ti vão ter abrigo,
Eu me evapóro, e em teu peito fico;
E o coração d'Elpino vai comigo...

Querendo dizer mais, o fado inico
O sangue lhe gelou; e o caro amigo
Chora, beija-lhe a mão, e fica rico,

galardão formoso
De tuas obras de immortal memoria,

Resposta do Author.

————— o caro Amigo
 Chora, beija-lhe a mão e fica rico.

Tomado do Soneto antecedente.

DE Almeno herdeiro fui ; foi meu destino
 Haver os bens qu' elle d'Apollo herdára ;
 Elle ao morrer a obra excelsa e rara
 De seus poemas me deixou benino.

Tu ora no soneto teu divino
 Renovaste-me a scena, em que eu beijara
 Em lagrimas banhado a mão mais cara,
 Que me dõu seu plectro perigrino.

Feliz, que pude obter tanta riqueza,
 Com que meus dias ultimos cá doiro,
 As rithmas lendo de immortal belleza ;

Que se Almeno me dá seus versos d'oiro,
 Tu, ó Jordão, com nova gentileza
 Me dás n'uma só peça hum grão thesoiro,

EPIGRAMMAS

E

**PEÇAS PEQUENAS DO AUTHOR,
E DE OUTROS ESTRANHOS POR ELLE
TRADUZIDAS.**

O HOMEM HYPOCRITA

PARA SI E PARA OS OUTROS.

O HOMEM sempre affectou
 Poder mais do que podia ;
 Ter mais virtudes que vicios ,
 Saber mais do que sabia :

Engana-se a si e aos outros
 Com esta vã fantasia ;
 Que o commum dos homens sempre
 Tem dobrada hypocrisia.

A hum escriptor mal-dizente.

Tu dizes mal de mim, e d'outros muitos ;
 E he gloria entrar assim nos teus escriptos ;
 Se tu disesses bem , era preciso
 Fazer-te guerra, e desmentir teus ditos.

Sobre a Cegueira.

O HOMEM morre a pedaços,
 Fraqueando a natureza;
 Perde o vigor dos sentidos,
 Perde do espirito a firmeza.

Mas quem perde a vista d'olhos
 Já não tem mais que perder;
 Porque já em vida he morto,
 Antes inda de morrer.

A perda da Eloquencia e da Liberdade.

PRESIDE a Roma novo fado horrendo,
 Morto já Cicerão, Cezar vencendo;
 Roma perdêo em huma mesma idade
 A voz do Estado e a sua liberdade.

ORFEO PERDENDO SEGUNDA

VEZ A EURIDICE.

Ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes
 ————— *Digno de perdão era,*
Se o duro Inferno perdoar soubera.

Do Averno Orfeo co' a Lyra, que tangia,
 Obtem, que ao mundo Euridice voltasse;
 Com tal lei que par' ella não olhasse,
 Em quanto não sahisse á luz do dia:
 O moço incauto e mal apercebido
 Já desatina, d'alto amor vencido,
 Quebra o fatal preceito; eis logo os fados
 Contra elles conjurados
 A roubão outra vêz ao caro esposo,
 Ainda della agora mais saudoso;
 Quanto he Plutão, a tua crueldade,
 Opposta ás impressões da natureza!
 Se em ti caber pudesse huma piedade,
 Não usaras com elle esta crueza;
 Que ou tão barbara lei lhe não pozeras,
 Ou á culpa innocente perdão deras.

VERDADE NA MEDICINA.

TUA sciencia, ó Fabio, he medecina,
 Das partes todas a Arte mais moftina;
 Pois de immensos milhares que ha de gente
 Curar não póde alfim hum só doente.

NA MORTE DE HUM GRANDE FALLADOR.

EPITAFIO.

HUM Fallador sempiterno,
 Que amofinou muita gente
 Minos na morte condemna
 A soffrer a dura pena
 De fallar continuamente
 Co' as negras sombras do Averno.

O mór fallador do mundo
 Aqui vêo emmudecer;
 Que só deixou de fallar
 Des que deixou de viver.

A HUM POETA

Que traduzio outro sem nenhuma fidelidade.

Dos dois Poemas, Fabião, cuidava,
 Qu' hum era original outro versão :
 Nem me enganei; bem mostrão nas maneiras
 Que são Poemas de diversa mão.

A HUM POETA

Que traduzio outro com muita fidelidade.

HUM he original outro versão ;
 Varios na lingua mas tão bem parecidos.,
 Que dirias que forão produzidos
 Por hum espirito só, huma só mão.

Ao mesmo assumpto.

O Poeta e o Traductor
 Tanto entre si se ajustarão,
 Que parece que elles ambos
 N' uma só Lyra tocarão.

O R F E O

DESCENDO AOS INFERNOS.

BAIXOU Orfeo á Estyge tenebrosa,
 Por trazer sua Euridice formosa,
 Mulher nenhuma á região da morte
 Baixou, para trazer o seu consorte.

SOBRE HUMA ESTATUA

D E

NEMESIS.

NA mão Nemesis tem regoa e compasso:
 Que quer dizer? Avisa a humana gente
 Que em negocio nenhum jámais dê passo,
 Sem ter medida de saber prudente.

CRESSO E IRO.

CRESSO feliz, sem embargo
 De sua muita riqueza
 Morreu, como Iro morreu
 Na miserrima pobreza.

Num só ponto differirão,
 Que, fóra da lei commum,
 Cresso teve hum Mausoléo,
 Iro não teve nenhum.

SOBRE HUM QUADRO

D E

PYTHAGORAS.

TENS Pythagoras diante,
 Feição por feição pintado,
 Não pôde ser retratado
 Com mór força o seu semblante;

Té o fizeras fallar,
 Destro Pintor, se não vira,
 Que a regra que elle seguira,
 Era silencio guardar.

A FIDIAS SOBRE A ESTATUA

D E

JUPITER.

Ou Jove cá baixou do Ceo brilhante
 Por vir mostrar-te o Divinal semblante;
 Ou tu, Fidias, com summa potestade
 Te alçaste ao Ceo por ver-lhe a Magestade.

SOBRE A ESTATUA
 DE
 NÍOBE,

NÍOBE em pedra os Deoses transformarão,
 E da louca soberba se vingarão;
 Tu mór coisa, Praxíteles, fizeste
 Que de pedra em vivente a converteste.

SOBRE A ESTATUA
 DE
 VENUS.

NINGUEM vio Venus; ou se a vio, sómente
 Foi o destro Esculptor, que ousadamente
 Toda núa a mostrou, fazendo guerra
 Sobre este pedestal aos Ceos e á Terra,

Sobre hum ladrão na forca.

Ao grão ladrão Bardella consolava
 Na morte hum Monge: Alegra-te, bradava,
 Tu irás ainda hoje afortunado
 Cear com Christo lá no Ceo sagrado:
 Jejuo hoje, respondeo Bardella:
 Cedo-te a cea, se te aprazes della.

VENUS DE APELLES.

PALLAS e Juno, quando a perigrina
 Pintura da formosa Venus virão,
 Que d'Apelles traçou a mão Divina,
 De novo assombro prezas se sentirão:
 Então disse huma á outra: confessemos,
 Que de Páris queixar-nos não podemos,
 Sua justa sentença
 A nenhuma de nós nos fez offensa.

Regeição de hum convite.

CONVIDAS-ME a jantar com muita gente,
 Que não conheço: escuzo-me; perguntas
 A causa disto hum pouco impertinente,
 E vans queixas logo ajuntas;
 Queres saber a razão,
 Porque o convite engeitei,
 He porque eu nunca gostei
 De jantar em solidão.

A INCULCA DOS NOMES.

TU dizes que tenho hum nome,
 Que não inculca ninguem,
 E que tu tens grande nome
 Que te inculca, que és alguem.

Amigo, as coisas no mundo
 Quasi todas assim vão;
 Que quasi todas figurão,
 Aquillo que ellas não são.

CONTRA HUM MALDIZENTE.

Tu de mim dizes mal,
 E eu de ti muito bem:
 Mas todos sabem, que ambos
 Nisto mintimos tambem.

Diferença entre a Nobreza antiga e moderna,

LELIO diz nobre ser por seus passados,
 E qu' eu nenhuns avós tenho filhados;
 Elle a verdade diz,
 Que os avós tudo lhe derão;
 Elles illustre o fizerão,
 E eu a mim mesmo me fiz,

AUGUSTO CEZAR

*Salvando a Eneida, que Virgilio mandava
queimar por sua morte.*

MANDOU Marão queimar por sua morte
A Eneida sublime : oppoz-se Augusto
A' desgraçada sorte
De mando tão injusto ;
Se Augusto o não fizera ,
Troia outra vêz em novo fogo ardera.

A HUM BARBEIRO

Vagaroso ao fazer da barba.

FAZES tão vagaroso
A barba, que me acontece ,
Que em quanto a barba me fazes ,
Outra barba me recresce.

V E N U S

N A S C I D A D A S O N D A S .

DIZEM que Venus formosa
Das ondas do mar nasceo ;
Como nascendo das aguas
Tantas chammas accendeo ?

Se não nascesse das aguas,
Terra, Ceos, e Mar profundo
Tudo arderia por ella ,
Tudo arderia no Mundo.

A hum homem muito feio.

VIO-SE Narcizo na fonte,
E de amor morreu de si ;
E tu se tambem te visses
Morreras d' odio de ti.

Os diversos caracteres de dois homens.

QUERES saber a diff' rença,
 Entre Clito e Ladisláo ?
 Hum não he ainda bom,
 Outro não he inda máo ;

A'quelle sómente falta
 Para ser bom o querer ,
 Falta a este tão sómente
 Para ser máo o poder.

A MORTE DE LUCRECIA.

Co' ferro o casto peito trespassado
 Bradou ao dar seu ultimo suspiro
 A honrada Lucrecia :
 Atteste, que guardei a fé ao esoso,
 Meu sangue aos homens, e meu sprito aos Deoses.

SOBRE O AMOR

EM HUM TANQUE DE REPUCHO.

N'HUM tanque assentado estava
 O formoso Deos de Gnido;
 Hum repucho, despedido
 Sobr' elle todo, o molhava.

Creio, que já cuidaria,
 Quem quer que foi seu author,
 Que a ardente chamma do Amor
 Co' as aguas se esfriaria.

O TRATANTE LIBERAL.

No genio liberal não competimos
 Comtigo, ó Fabião: de que te admiras?
 Nós damos só dos bens, que possuímos,
 E tu só dás dos bens, que aos outros tiras.

L E T R E I R O

Na sepultura de huma cadellinha.

LADRANDO aos ladrões
E muda os amantes
Fiel recebi.

Assim ao Senhor
Assim á Senhora
Mui grata servi.

SENHORIO UNIVERSAL DO AMOR.

Quem quer que sejas, eis aqui Amor
Elle he, ou foi, ou será teu Senhor.

A H U M P O E T A

Que lia mal os versos alheios.

Lê esses versos, como bem quizeres;
Que em quanto assim os lêres,
Juro por Deos,
Que não são meus.

R 2

Ao mesmo assumpto.

QUANDO, ó Lelio, recitas os meus versos
 Na tua boca tornão-se diversos ;
 E tão diff'rentes dos meus ,
 Que cuido que são os teus.

Ao mesmo.

Com gentil arte os meus versos ,
 Duas caras tem vistas ,
 Que lidos por mim são versos ,
 E lidos por ti são prosas.

Ao mesmo.

Recitas os meus versos de tal modo ,
 Que desconheço se são meus de todo ;
 Ou se o são, pelo menos não sabia ,
 Que já tão mal os versos meus fazia.

V E R S O S
 D O
 ARCHIPOETA ROMANO

*E do Papa Leão X quando a primeira vez
 se avistárão.*

„ *Archipoeta* „
 Eu sei versos fazer por mil Poetas.
 „ *Pontifice* „
 Eu sei tambem que por mil outros bebes.
 . . „ *Archipoeta* „
 Da Falerno, que os versos facilita.
 „ *Pontifice* „
 O vinho os pés enerva e debilita.

PALLAS DESAFIANDO A VENUS.

VENDO com armas na mão
 Pallas a Venus hum dia,
 A combate a desafia:
 Responde Venus então:

Tu não estás inda lembrada,
 Que lá nesse monte d'Ida
 Te pude vencer despida,
 Que será agora armada ?

HUM CEGO E HUM COXO.

HUM cego a hum coxo sobre os ombros leva
 E hum ao outro mutuamente serve ;
 Ambos se dão ao que ambos necessitão
 Hum impresta seus pés outro seus olhos.

A hum mendigo que se fez Medico.

VIESTE aqui mendigo , e demudado
 Hum pouco o nome , Medico te fazes ;
 Das ao enfermo remedio ,
 Da o enfermo dinheiro ,
 Hum e outro seu bem assim procura
 Tu curas o seu mal , elle o teu cura.

LIBERDADE DO FILOSOFO.

VIVER sem lei, viver sem consciencia,
Sem moral, e sem Deos, sem outro Mundo,
Eis aqui a sciencia
Do moderno Filosofo profundo.

AMIZADE DE MARTE E VENUS.

DUAS pombas fazem ninho
No morrião d'hum soldado;
Mostrão bem o quanto he Marte
Da Deosa Venus amado.

A FAMA PÓSTUMA

PERGUNTA

DE que te serve pósthuma fama
Se já estás morto, quando te acclama?

RESPOSTA.

Co' a só lembrança dessa memoria
 Eu já-me cubro de excelsa gloria,
 Qu'antes que possa finir meus dias,
 Em vida gozo taes alegrias.

DIDO INFELIZ.

INFELIZ Dido,
 Tão mal cazada,
 Com dois maridos
 Es desgraçada:

Com ambos elles
 Máos fados corres,
 Hum morre e foges,
 Foge outro e morres.

AS PANDECTAS E CAMÕES.

Vós perguntais as razões
 Porque tenho noite e dia
 Sobre a meza em companhia
 As Pandectas e o Camões:

He, se vós a não sabeis,
 Que a leitura do Poeta
 He correctiva e dieta
 Depois de ter lido as Leis.

ARTIGOS DO DECALOGO.

*N*ÃO matarás : he lei dada
 N' um e n' outro Testamento ;
 Ao Medico he que pertence
 Este santo Mandamento.

*N*ão furtarás : he preceito
 Tambem nos Livros Sagrados ;
 Isto pertence aos Juizes ,
 Aos Escrivães , e Lettrados.

SOBRE A AMIZADE,

HUM amigo verdadeiro,
 Se o podes acaso achar,
 He o mór bem, que a Fortuna
 Neste mundo pode dar;
 Com tanto que tu possuas
 A arte de o conservar.

B A C H I C A.

DIZEM todos que este Mundo
 Foi para os homens creado;
 Que o Sol, a Lua, as Estrellas,
 Só par' elles tem raiado.

Eu só sei, que este bom vinho,
 Que me dás, caro Delfim,
 Logo qu' eu o impino e bebò,
 He cá feito para mim.

*A hum velho vanglorioso de ter muita
idade.*

DESSA tão longa idade que tens tido
Não te resta, senão memoria escura
De hum só breve momento, em que has vivido,
Que mesmo assim em teu poder não dura:
Que monta, sejas d' annos abundante,
Se delles já não podes neste instante
 A teu grado dispor,
Nem d' um só de teus dias ser senhor.

A HUMA DAMA

Que nunca parava em casa.

TEMES acharte só contigo mesma,
E não ousas ficar em casa hum dia;
Corres por toda a parte, e assim procuras
Fugir-te a ti, e á tua companhia.

A VAIDADE

D E

ALEXANDRE MAGNO.

ALEXANDRE, vencida a Asia em guerra,
Ao ver de Jólve hum dia o excelso Busto
Partamos, disse, o nosso Imperio augusto:
Tu impera nos Ceos, só eu na terra.

De hum homem ocioso em toda a vida.

FERRAZ, Ferraz morreu ! morreu Ferraz!..

Ferraz he morto, que viveo assas !

Porém Ferraz que fez ? Ferraz nasceu ,

Comeo, dormio , morreu :

E Ferraz que mais fez ?

Não, não fez mais nada :

Homem de ciso e vida afortunada !

Tu foste bem contente

Em fazer o que faz a mais da gente.

A FABIO SOBRE O SEU MEDICO.

TRATA tu bem o teu Medico ,

Porque assim não aconteça ,

Que se enoje contra ti

E te mate mais depressa.

VENUS PEJADA.

PRENHADA Venus consultava hum dia
 As Parcas , em seu ventre o que traria ;
 Tigre Lachesis diz , Cloto rochedo ,
 Atropos peste : nem foi brinco e jogo ,
 Disserão todas verdade ,
 Que tudo assim succedeo ,
 Porque da mãe , sem piedade
 O tiranno Amor nasceu.

AOS ESPECTACULOS DE CEZAR.

TODA esta noite choveo ,
 Mas lèdo o dia nasceu
 Para o festim se fazer
 Em muito jogo e prazer.

Isto tudo mostra bem
 A geração dos Romanos,
 Que Jove e Cezar Sob'ranos
 Entre si o Imperio tem.

O RETRATO ACABADO.

QUERES da Linda Ismenia as graças todas,
 Fabio, juntar n' hum quadro bello e grato,
 Nenhum estranho rasgo; hum só te basta;
 Pinta-a tu como a Mãi: eis seu retrato.

Na Vacancia da Santa Sé o partido do Cardeal Bona pôz por pasquim a letra da Escriptura.

= Qui timet Dominum, faciet = Bona =
 Repôz o contrario:
 = Papa Bona solæcismus est =

Então se lhe respondeo o seguinte.

As Leis Grammaticais despreza a Igreja,
 Muitas vezes talvez, porque assim possas
 Dizer sem nota d'erro: *Bona Papa*
 Este vão solecismo não te espante;
 Será *bom Papa*, se for *Papa Bona*.

A HUM MEDICO.

EXALANDO vivo fogo
 Contra a minha Musa bramas;
 A seus versos innocentes
 Versos Satiricos chamas:

Ella com tudo prudente
 Os teus modos não condemna,
 Só vitupera a tu' arte,
 Que tanto mal nos ordena.

E que? não me será dado
 Com a minh' arte brincar,
 Quando tu julgas, que podes
 Com a tua assassinar?

A hum Pedinte de dinheiro.

NAs vossas necessidades
 Mui prudente Fabio assenta;
 Que melhor he dar-vos vinte
 Do que emprestar-vos quarenta.

Elle julga ser conforme
 A' Justiça e á Caridade,
 Em lugar de perder tudo
 Perder sómente a metade.

*A huma Cabaça vazia , que vagando sobre o
 mar amotinou a muita gente com o estron-
 do que fazia de noite.*

HUMA cabaça vazia
 Tantos engenhos enleia ;
 Vê tu lá o que seria
 Se fosse de vinho cheia.

Sobre hum máo Historiador , e hum máo Poeta.

HE máo Historico Fabio ,
 He máo Poeta Fileno ;
 Pelas suas mesmas obras
 A ambos elles condemno.

Queres saber as razões
 D' esta critica pezada ?
 Fabio finge quanto escreve ,
 Fileno não finge nada.

A hum Medico , e a hum Letrado.

D' hum Medico , e d' hum Letrado ,
 Sempre he grande o desafogo ,
 Vencção ou percção no jogo ,
 Sempre levão do contado.

*Na morte de hum Medico famoso por seus
grandes curativos.*

PLUTÃO vendo entrar no Averno
Faon, Médico famoso,
Disse aos Manes de seu Reino,
Já de susto temeroso:

Eis Faon, que vem Divino
A esta estancia sombria,
Levar as almas dos mortos
A' claridade do dia.

A hum Velho com chinó.

Tu és calvo, e a calva tua
Postiça gadelha cobre;
Rugoza pelle traidora
A velhice te descobre.

*A hum homem máo , que cuidava muito de
occultar os seus crimes.*

PROCURA Formio esconder
Os seus crimes capitais ,
Porque os olhos dos mortais
Os não possam conhecer.

Mas como os póde occultar
Aos olhos de hum Deos , que vê
Lá no fundo d' alma , até
O desejo de peccar ?

A hum Escriptor muito obscuro.

PORQUE te fazes obscuro
No teu modo de dizer ?
Se queres que não te entendão ,
Cessa, Fabio, d' escrever.

A hum Medico Exorcista.

Es Medico e Exorcista :
 D' uma arte doencas curas,
 E da outra, inda mais forte,
 Os Demonios esconjuras.

Ou he doente, ou possesso ;
 E tens ás vezes taes manhas,
 Que ambas as cousas ajuntas
 E d' ambas o premio ganhas.

*A imigração de dois Medicos para fóra
 do Reino.*

GANHAMOS, que não perdemos
 Se perdemos os Beltrões ;
 Temos de menos dois Medicos,
 Mas salvos mais cidadãos.

A hum Medico.

QUE imaginas tu, que seja
 Esse Medico afamado
 De hum enfermo a cabeceira
 Como Oraculo assentado ?

Hum spectator do doente ,
 Em huma crize maligna ,
 Té que o salva a Natureza ,
 Ou o mata a Medecina.

A formosura de huma Mãi e tres filhos.

QUANDO vens só , por huma Venus passas ;
 Quando tu vens e as filhas , sois tres Graças ;
 Se vens tambem co' filho teu querido ,
 Eis toda a Côrte da formosa Gnido.

AS TRANSFORMAÇÕES
 DE
 P. OVIDIO NAZÃO.

NAZÃO em metro sublime
 Cantou os diversos fados
 D' antigos corpos humanos,
 Em varias formas mudados.

Se a Creadora Ficção
 He alma da Poesia,
 Quem melhor qu' elle creou]
 Mais Entes da fantasia ?

A hum homem de prendas, e sem costumes.

FAZES aos grandes a côrte:
 Tens trato c' os homens ricos,
 Com graça serves ás Damas,
 Armas bellissimas trovas,
 Em que o Leitor acha encantos.

Sabes mandar hum cavallo,
 Manejar bem o florete,
 Cantas e tocas, airoso
 Dansas gentil n'huma sala,
 E quem melhor do que tu jogas
 Todo o jogo de prazer?
 Tu tens emfim todas as partes bellas
 Menos sómente aquellas,
 Que no Mundo mais convém,
 Para ser homem de bem.

PRECES DE HUM DOENTE,

OH meu bom Deos ! s' he preciso
 Que eu cesse alfim de viver,
 Dai-me ao menos hum soccorro,
 Fazei que eu queira morrer.

A LYDIA
SUAVISSIMA CANTORA.

CANTA-ME, ó Lydia, teu sonoro canto,
 Qu' enche minha alma de amoroso encanto;
 Canta, ainda depois que a Parca dura
 Cobrir meus olhos de huma sombra escura:
 Eu te juro por mim, por ti, por Deos,
 Que do somno da morte acordarei,
 E outra vez ouvirei
 Os doces cantos teus.

*Aplicação de improviso de hum verso de
 Camões aos Medicos.*

DITOSA geração, ditosa gente
 A' qual já tanto bem o Ceo consente,
 Que ainda sendo o curativo incerto,
 Sarem, ou matem, sempre o lucro he certo.

ENTERRAMENTO DOS DEFUNTOS.

QUANDO hum defunto se enterra,
Para pegar no caixão
Devião ser apenados
Medicos de profissão:

Pois que elles muito concorrem
Para matar os doentes,
Devem leva-los á cova
Em fórma de penitentes.

A hum homem muito inimigo da solidão.

Tu não podes passar huma só hora
Sem companhia ter de muita gente:
Infeliz, que não tendo prazer proprio
Pendes dos outros para ser contente.

A hum que se dizia amigo do Author.

DIZES que és meu amigo eu te não creio;
 Se o cresse, bem que fosse muito feio,
 Pedira, que ou de mim já te esquecesses,
 Ou o amor em odio convertesses.

*A hum Amigo que, recebendo do Author o
 presente de hum Diccionario de Linguas,
 lhe mandou o de huma groza de garrafas
 de bom vinho.*

Eu hum lexico te mando;
 Tu cem botelhas me envias;
 Qual de nós fica melhor
 Nestas nossas cortezias?

Tu terás huma vantagem,
 Eu mais vantagem terei,
 Tu fallarás huma lingua,
 Eu mil linguas fallarei.

INSCRIÇÃO

Sobre o Manoal de Epicteto.

ESTE he já o melhor livro,
 Que entre os humanos se vio;
 Porque a Biblia Sacrosanta
 Só das mãos de Deos sahio.

A ALMENO E A CASTRO

*Sepultados na Igreja de S. Francisco
 de Enxobregas.*

AQUI dois grandes Vates, meus amigos,
 Almeno e Castro estão em seus jazigos.
 Devião-se isentar da geral sorte
 Se isenta-los podesse a mesma morte. (a)

(a) Fr. José do Coração de Jesus do Seminario de Brancannes, que tomou em suas Poesias impressas o nome de Almeno; e D. Francisco Rafael de Castro Principal Diacono da Santa Igreja Patriarcal, Author de varias Poesias ineditas.

O AUTHOR A SI MESMO.

HOMERO e Milton Poetas
A luz dos olhos perdêrão ,
Os meus quasi , como os delles ,
Hum grande éclipse tiverão.

Inda mal que de nós todos
A diff'rença bem conheço ,
Q' he nesta parte sómente
Que com ambos me pareço.

A CAMÕES

*Salvando-se de hum Naufragio com o seu
Poema e com a sua Espada.*

EM huma mão co' ferro de Mavorte,
Na outra co' Poema sublimado,
Salvo nas praias lá do mar irado
Surge Camões com peito d' aço forte :

Mercerão ambos ter esta igual sorte
Por darem ambos d'elle immortal brado,
Pois hum a tanto heroe deu nome honrado,
E outro a tanto imigo deu a morte.

Elles honrão o Genio Lusitano
Com nobres feitos, com gentis portentos
De saber e valor, jámais q' humano :

Devião pois dos fados ser isentos,
Pois forão para o Vate soberano
De sua eterna fama os instrumentos.

P R O S A S .

P A S T O R A L

Amarilis conhecimento da imprudencia de seus desejos.

AMARILIS rogava hum dia a Lereno, que lhe trouxesse hum ninho de implumes passarinhos, que debaixo das meigas azas da mãe piavão sobre o cume de hum Ulmeito. Trepa Lereno, e a mãe que vê o roubo proximo de seus filhinhos, estremece, assustase, bate as trementes azas e pipila tão doridamente, que faz magoa: enternece-se o Pastor; não toca o ninho como coisa sagrada e desce com as mãos vazias mas innocentes: Amarilis, diz elle á sua amada, não me atrevo: que? quando nós tivermos, como ella, nossos filhos, penhores do nosso amor, soffreremos que no los roubem? Quão grande seria a nossa angustia, e amargura? Arrazárão-se os lindos olhos de Amarilis em doces lagrimas de ternura. Reconhecêo então a imprudencia de seus desejos, e a virtude do seu Lereno.

P A S T O R A L

Desposorios de Aonio e Menalippe.

O moço Aonio, e Menalippe inda mais moça do que elle, amavão-se ternamente ; mas não sabião descobrir bem hum ao outro o seu amor : todos seus discursos não erão mais do que hum olhar terno ; a idade e o mesmo amor crescendo hum pouco mais, instruirão hum dia a innocencia de ambos. Estavão á sombra de hum branco alamo frondoso, por cujo tronco se enlaçava em voltas huma formosa vide, ameno sitio aonde vinhão muitas vezes repastar seus cordeirinhos : vê tu, lhe disse Aonio, como esta vide se esposou com este alamo ! Exemplo nos dão cara Menalippe, de que nós ambos nos devemos desposar como elles : então a cingio com hum terno e respeitoso abraço, e foi o primeiro signal de suas bodas.

P A S T O R A L

Desposorios de Amyntas e Lizarda.

EM huma fresca sésta de Abril repastava a formosa Lizarda, em huma das campinas do Téjo, os seus cordeiros junto dos que alli trazia o Pastor Amyntas: ella se entretinha com prazer observando as voltas, que fazião os passarinhos n'huma avaleira de redor do ninho, em que nascêrão. Não se fartavão seus olhos de os ver, e cobiçar. Amyntas, que esperava merecer as suas bodas, sorriu-se do seu enlevamento. Lizarda, lhe disse elle, namorão-te os filhinhos dessas aves? Apressa a nossa alliança sagrada; Amor nos dará filhos mais bonitos do que esses; parecer-se-hão contigo. Terão os teus olhos bellos como o Sol; a tua boca de roza; as tuas carnes de neve, serão os mais dignos filhos, que o Ceo concederá ao mais terno dos Pais, e á mais virtuosa das Mães. Córon Lizarda, e o seu pudor e silencio forão a prova do seu amor, e do seu casto consentimento para o desposorio.

P A S T O R A L

Premio do amor de Anfrizo.

APONTAVA o dia sereno e lêdo, e já Anfrizo se achava no campo, apascentando seus cordeiros, junto dos da formosa Aglaura, que a ambos sempre o amor e a esperança certa das nupcias ajuntava em hum mesmo sitio: Vês tu, lhe dizia elle, como este dia sahe risonho e aprasivel? lá do Ceo para nós olha; que só para nós parece que vem nascendo. Ah! deixarás tu raiar tão bello dia, sem lhe dar hum testemunho do nosso amor? Entre todos os do anno irá elle sómente sem divisa? Não, Aglaura, marquemo-lo com hum signal do nosso affecto, para que tenha que contar de nós, como os mais dias. Sorrio-se a Ninfa, e inclinando hum tanto seu lindo rosto sobre o do seu Anfrizo, lhe imprimio na face hum signal do seu Amor. O dia revio-se todo na belleza, e ternura de Aglaura, e na fortuna de Anfrizo, e mostrou-se a ambos mais doirado e lêdo, do que nascera.

P A S T O R A L

Desposorios de Agathyrso e Menalippe.

A GATHYRSO moço de formosura e galhardia amava ternamente a Menalippe desde o tempo, em que ella era menina como o Amor, e não tinha mais attractivos, que o novo frescor do seu semblante: o ar ingenuo, o infantil sorrizo, que fallava por seus labios; huma bella innocencia, que brilhava nos seus olhos de çafira, e na sua boca de rozas, accenderão no coração daquelle moço puros desejos de hum casto esposo. Crescia sua affeição ao passo que crescia Menalippe: afoitou-se hum dia, quando se encontrarão a pastar no mesmo prado as suas ovelhinhas: *Menalippe, tu tens crescido nas perfeições de tua formosura: se não são para amar, para que são? o Ceo não te deu a ti debalde essa belleza, nem a mim este amor com que te amo.* Envergonhou-se Menalippe de agradar ao gentil mancebo, e baixou sobre seu peito de alabastro os formosissimos olhos, côr do Ceo: hum pudor, o mais bello dos seus attractivos, foi a só linguagem,

com que respondeo áquelle affecto, e o primeiro testemunho do consentimento de sua alma para as bodas de Agathyrso.

PASTORAL

O amor de Menasillo e de Dorina.

Nos frescos campos do sagrado Têjo vivia a formosa e engraçadissima Dorina, inveja de muitas Donas e Donzellas, e desejado Hyminêo de muitos moços; ella tinha a idade do Amor, e a formosura da Mãi. Acertou de vêr hum dia o mais ditoso da sua vida, o gentilissimo Menasillo, primor da sua aldêa. Que encontro foi este? Hum rapido lanço, hum momento de extasi, hum terno accordo, em que logo mutuamente se agradarão, predeo os olhos, e os corações de ambos: Suas almas se applaudirão logo dos seus transportes, e triunfarão hum do outro: Menasillo jurou eterno amor a Dorina já sua; e Dorina o amor puro ao seu querido Menasillo.

PASTORAL

Amor de Dorillo e Menasilla.

MENASILLA, tão formosa como o Sol, estava ainda na fresca aurora de seus dias, e Dorillo, tão moço e tão amavel como ella, começa de a ver com sobresalto: huma sés-ta concorrerão ambos ao mesmo campo com seus cordeiros: hum olhar reciproco tão puro como o dia, deu logo o ser ao amor mais puro: sem se fallarem seus olhos se entenderão; e os corações mutuamente ternos jurarão a doce homenagem hum ao outro.

PASTORAL

O desinteresse de Marília.

O PASTOR Alcido havia dado a Marília por mostras de muito amor o seu cão, o seu carneiro, e duas pombas alvas de neve, e lindas, como as que tirão pelo doirado carro de Acidalia, quando vai na primeira manhã de Maio para Cithera. Marília lhe tornou tudo; o teu cão, lhe diz ella, he o unico, que tu tens, e he o guarda do teu rebanho, sem elle ficaria prêa dos lobos; eu to dou; o teu carneiro he socio inseparavel dos teus passos; tu o tens sustentado, e eu to dou; estas duas pombas forão o primeiro dom da tua fé; mas pódes tu comprehender, qual seria minha magoa, se algum cruel açor mas devorasse? he muito cuidado para mim, e eu não quero ter outro, senão de ti, eu tas dou mais este abraço; eu nada de ti quero senão o teu amor: se o teu coração, me he fiel, o teu coração me basta.

PASTORAL

Lavoira do Amor.

LAMENTAVA-SE Aonio, de que o tempo corria avesso ás sementeiras, e que seus campos, os de Titiro, e os de Lereno, e Melibeu estavam todos esmorecidos com os ardentés calores do Estio. Os teus campos com tudo, dizia elle a Silvano, estão viçosos á maravilha, que todos se pasmão da Primavera, que vai nelles. Ah! meu Aonio, lhe tornou Silvano, eu não semeei este campo; hum dia, que chegava com meus bois para o layrar, appareceo-me Amor, e ainda de longe = Pára = me diz com hum sorriso = pára = parei; chegou-se a mim, e, como se me conhecesse, poz-me a mão no hombro, chamou-me por meu nome, deu-me huma fruta, a mais bella que meus olhos virão: Vai me diz, para a sombra desses Ulmeiros: Toca, e canta de mim e de Marilia; e voltando-se para a turba dos Cupidos, que o seguião; Eia semeemos em doirada hora o Campo de Silvano. Entrão afervorados no trabalho; qual larga os virótes, os arcos, e os passadores; qual os farpões, e as

settas ; qual depõe os pensamentos , e os desejos , e as esperanças ; qual os sustos , e os ciu-
mes , e as saudades ; qual pega da rabiça , e guia
os bois , que vão abrindo longos regos ; quais ,
com as mãos formosas , vão nelles lançando os
grãos cereais do almo trigo. Amor preside ao
trabalho , e rege a obra : os Zefiros refrescão o
dia soprando bafos benignos e creadores : as
aves pendentes dos ramos das arvores festejão
com novos cantos a lavoira do Amor. Mal se
havia semeado , caro Aonio , eis que dos re-
gos fecundos da terra rebentou logo esta seara
filha do Amor ; e eu desde então não tive ou-
tro cuidado se não cantar de Amor e de Ma-
rilia.

POMAREIRAS

I.

O Inverno cortéz.

ANFRIZO pomareiro, a quem se destinava por esposa a linda filha de Alcimidonte, cultivava no seu pomar muitas arvores fructiferas, menos para gozar de seus pomos, que para os levar todos os dias em cestinhos de tenro vimme á sua Alcippe: mas o Inverno começava a maltrata-las, e Anfrizo a recear por ellas. He bem, disse elle hum dia, cortemos em todas estas arvores o adoravel nome da minha Alcippe. Abrio logo o sagrado nome nos seus troncos; veio no dia seguinte o Inverno, armado todo de tempestades, estragou tudo nos arredores, mas respeitou o Numen da Soberana Alcipe, e não ousou tocar no pomar de Anfrizo, aonde estava seu Nome.

II.

*Dedicação de tres arvores da plantação
de Amintas.*

HUMA fresca manhã sahio o loiro Amintas ao seu pomar com a bella Auliza, a quem Himineo, tres dias antes, havia entregue nos seus braços. Eu plantei hontem, lhe disse elle, mostrando-lhe tres novas arvores sobre a margem de hum regato, que alli corria gracioso, plantei essas tres arvores ao nascer da Aurora: esta he para ti, ó minha Auliza, aquellas duas para quem serão? Para o primeiro par de filhos, que o Ceo nos der: na tua já eu cortei teu nome, nome adorado para crescer com ella até ás estrellas, e te dar na calmosa sesta amiga sombra com seus ramos. E como se hão de chamar os nossos dois primogenitos, para lhes abrir seus nomes nas outras duas? Nós havemos de ter hum menino, e huma menina, formosos e tão bellos, como o primeiro dia, em que nos unio o nosso amor. Que nome pois darás tu ao menino? Elle ha de parecer-se comigo: seja o pequeno Amintas, tão amante será de nós am-

bos como eu o sou de ti. A menina será atí
mui semelhante na candura, na fé e na belleza:
chamar-se-ha a pequenina Auliza. Ah! minha
Auliza, tua mãe he a mais bella e casta de to-
das as mãis; tu serás a mais bella de todas as
filhas; e farás o prazer hum dia do mais gentil
e-afortunado esposo de todo o Mundo.

PISCATORIA.

Amor agradecido.

Eu dormia huma noite sobre o meu barco ao luzente clarão da Lua, e Amor em tanto ou-sava atravessar o rio, qual n'outro tempo o extremoso Leandro navegando ás praias de Sesto: eis subito se levanta cerrada nevoa, que o cobre todo; elle perde o norte, e vaga naufragante ora a huma, ora a outra parte, desatinado inteiramente da praia, em que se salve. Dá brados mui doridos: acordo aos seus gritos, compadeço-me no coração; remo para elle, chego, pego-lhe do braço, e o recolho, e o enxugo, e o aqueço, e o agazalho no meu collo. Abraça-se Amor comigo, e me beija com ternura, como se de muitos tempos nos conhecessemos. Escolhe, me diz elle, em galardão do bem, que me tens feito, escolhe de meu Imperio quantas Ninfas tu quizeres: eu só te escolho ati, ó virtuosa Lydia: e Amor jura por si mesmo, e pelos Nunes todos do Ceo, e Terra, que tu has de ser a minha esposa, e que honrarás meu leito casto com linda prole semelhante no rosto e nos costumes a nós ambos.

ELPINI DURIENSIS

CARMINA LATINA.

AD VIRUM AMICISSIMUM
EDUARDUM AB INCARNATIONE

Canonicum Regularem Congregationis Sanctae Crucis, ex Coenobio Conimbricensi ad Collegium Mafrense proficiscentem anno 1772.

„**I**TE, oculi, in lacrimas, ite in suspiria, voces, „
 „Causa nequit lacrimis aequior esse meis; „
 Ah! perii! mens ipsa gravi concussa dolore,
 Languet, ut in Lybico flosculus ustus agro.
 Ite, oculi, in lacrimas, largosque effundite rivos:
 Ah! procul a nobis mox Eduardus erit!
 Sors in longiquas illum feret impia terras,
 Et mea sic secum gaudia cuncta feret.
 Siccine dividimur! Mafrae novus incola sedes
 Ibit, & antiquos deseret ipse lares?
 Hei mihi! Cur animo juncti, secernimur urbe?
 Unaque mens, tellus non habet una duos?
 Ingeniis num tanta fuit concordia nostris,
 Acrior avulsis ut dolor inde foret?
 Cur jucundus Amor dulci nos foedere junxit,
 Solvor ab amplexu si miser ipse suo?

Cur illum mihi grata dedit fortuna videre
Si subito ex oculis eripiendus erat ?
Nunc ego jam posthac, Socio comitante faceto, (1)
Non potero tecum docte, Eduarde, loqui.
Jam non in nostrum dedimus quem infauste li-
bellum (2)
Accipere ex dubiis tot documenta tuis ,
Quois ego doctus eram, Regumque vera Potestas,
Quaeque Sacerdotum debita jura forent :
Jam non ire vias, cingit quas maesta cupressus (3)
Tristior excessu nunc quoque facta tuo :
Jam non arborea tecum recubare sub umbra
Ornat ubi florum copia strata viam ;
Non Lymphis sedare sitim, quas saepe docebas
Me curva ad motâ sumere posse manu.
Quando erit, ut liceat rursus audire loquentem,
Quae illis mos fuerat dicere multa mihi ?
Et jam plura stylo resonantia verba severo,
Verbaque jam Lepido plurima tincta sale.
Me miserum ! brevis haec fuit et non longa ve-
luptas ,
Gaudia praecipiti praeteriere pede.

(1) Pater Caetanus Ex-Jesuïta utriusque amicissimus.

(2) Alludet Author ad suas de Sacerdotio & Imperio dissertationes, quas pro Repetitionis Actu ediderat.

(3) Via solita per viridarium seu pomerium cenobii. S. Crucis Conimbricensis multis cupressis longe cincta.

Deseror heu ! rapiturque alias Eduardus in auras,
 Optima pars animae , dimidiumque meae.
 Saepe malum hoc timui , postquam Mafrensia.
 tecta

Tradiderat socios Rex habitanda tuis ;
 Saepe " Meus, meus esse locis Eduardus ab istis.
 Discedet ,, dixi , sors mea dura venit.
 Si procul a nobis alii rapiuntur , amicum
 Ex oculis rapiet sors quoque saeva meis.
 Haec ego sic timui, (quis enim securus amavit?)
 Me miserum ! verus fit timor iste meus.
 Nil nostri miserere Dii : quas fudimus ipsi ,
 Nil tot sollicitae demerere preces.
 Fata repugnarunt ; dolor infelicis amici
 Non ea , cum possit saxa movere , movet :
 Gaudia , quae sensi , turbarunt invida fata ,
 Nec durare diu gaudia nostra sinunt ;
 Nam mea si flueret sors haec , dum vita maneret ,
 Aequalis superis sors mea facta foret.
 I modo cum sociis , (sic Di voluere supremi ,)
 Pergeque Mafrences faustus adire lares ;
 Regia Mafra suis sublimibus alta columnis ,
 Nunc magis a tantis nobilitanda viris ;
 Laetitia exultans summo de vertice clamat :
 Eia age , rumpe moras , eia , Eduarde , veni :
 Et Tagus auriferis placidum caput extulit undis,
 Laetus et in sedes te vocat ille novas.

Eia age , marmoreis succede penatibus hospes.

Quo tecum Socios Rex jubet ire tuos.

Si quaerit , qui verba Sacras orator ad aras

Fundat , & ostendat jussa verenda Dei ,

Tu ruere eloquio potis es , torrentior amne ,

Vel dulces grato fundere ab ore sonos ;

Tu potis es motus animi fraenare rebelles ,

Et spolia Aeterno redere multa Deo :

Sed si, qui doceat juvenes documenta Minervae.

Rex quaerit , docta voce magister eris :

Te quandam Pallas digna de matre cadentem

Suscepit gremio , sustinuitque sinu :

Te docuit multaque insignem reddidit arte ,

Ut valeas doctos reddere Discipulos :

Si cupit , ut sacris pietas dominetur in aris ,

Mafraque virtutis sit quoque facta domus ;

Tu vita quam voce magis Virtutis amorem

Inspiras , pietas maxima cura tibi est.

Sed quid , me miserum haec memoro , si dignior

his est ,

Quem capiat tectis Mafra superba suis !

Et tua te probitas , tua te sapientia nostris

(Dicere quis posset ?) corripit ex oculis.

Mafrences numquam tetigisses , crede , penates ,

Ni tu tam sapiens , ni pius ipse fores.

Quae tibi laetitiae , fiunt mihi causa doloris ,

Quod tibi dulces prodest , jam mihi triste nocet.

O ego marmoreum possem si pectus habere,
 Barbariusque Scithis, barbariusque Getis,
 Aut non tantus amor mihi carperet igne medullas,
 Aut mihi non tantus nunc dolor iste foret.
 Dum loquimur, jam tempus adest, quo cedere
 debes,
 Ultima pene dies instat acerba mihi;
 Illa atris semper mihi funestabitur umbris,
 Inter luctisonas adnumeranda dies.

AD LAELIUM AMICUM,
QUI CUM MULTUM GRAECOS, LATINOSQUE

*Poetas perlegisset, Lusitanos tamen
 nondum legerat.*

PERLEGE scripta virum, Eaeli, quae Lysia
 quondam
 Sacravit Musis, nomina magna, suis;
 Et tibi formosi venient longo agmine vates,
 Quae crines merito Laurea sacra tegit.
 Sadius ante omnes, nostras qui primus in oras
 Parnassi summo vertice duxit opes:

Bernardinus amans ; doctus Ferrera , meusque
 Hic Vates , ingens Gloria Pieridum :
 Bernardes dulcis , dulcis Caminius ipse ,
 Quos facili venâ currere Musa docet :
 Grandiloqua resmet magnus Camonius arte ,
 Qui Gamam duxit Gangis ad usque sinus :
 Ploret Hieronymus Sousae crudelia fata ,
 Et canat invictae maenia clara Diu :
 Defleat ,heu miserum ! Regem Pereira Sebastum ;
 Qui perit in Libicis , set sine teste , plagis
 Jam tibi ferventes addens at Praelia vires
 Horrida Menetii Quœvediique tuba
 Magnanimos tonet Alphonsos , dùm fulmina belli ,
 Quois Nili , atque Indi territa terra tremit.
 Jam Ducis Argivi Graio tibi Castris ore
 Cantet opus , vidit quod sacra ripa Tagi :
 Barretus properet , renovata voce Maronis ,
 Et secum Aeneidas transferat in Lysiam ;
 Et qui silvestri musâ Leonelius arva
 Laeta colit Cereris , prataque plena rosis ;
 Tunc juvet irriguos Lenae percurrere campos ,
 Quos blandus mirâ Lobius arte sonat :
 Nec jam Fernandus , gemmis orientis onustus ,
 Contemnet Tagides Lusiadumque choros ;
 Nec te Lisardi , pulcherrima Sylvia linquet ;
 Nec deirit vates , candida Laura , tuus.
 Haec ubi contuleris vatum monumenta , putabis
 Rhoebum etiam nostros incoluisse lares ;

Et dare, Romanis Graecisque aequalia priscis,
Maxima Lusiadis Vatibus ingenia.

AD AMICOS SUAVISSIMOS

CASTELLUM, BARROSUM, ET NOGUEIRAM

*Apud Conimbricenses Juris Civilis Professores
PP. Clarissimos, In Agellum suum
Suburbanum*

I N V I T A T I O.

CASTELLI, juris custos, quem fecit amicum
Ipsa mihi virtus; et tu, pars maxima nostri,
Nogueira, Aonidum decus immortalis sororum,
Tuque, caput superis gratum, cui contigit alto
Munere coelesti, rebus mens nata gerendis,
Barrose; ó Socii sancto mihi foedere juncti;
Siquis agit vos ruris amor, mutata silenti
Rure urbis coetus, implacatosque tumultus,
Publica dum vobis studiorum munia cessant,
Atque Minerva suis positis capit otia libris;
Húc properate, viri, & tectis succedite nostris,
Quantumvis nimium vetulis, quamquam et late
parvo.

Hic vobis animos lubeat laxare parumper ,
Omnibus à curis prorsus , sectisque quiritum ;
Hinc in Cimmaerios montes procul ire jubete
Bisquinas Graecas leges , quas provida Roma
Acceptas tabulis olim conscripsit ahenis ,
Et quas tunc geminas placuit conjungere Graiis.
Nec studium vobis longa disquirere cura
Subtiles apices juris sensusque latentes ,
Commoda Ealcidiae justus quae sentiat haeres ,
Quod ve Trebellius huic legi , quid Pegasus
addat.:

Quod si tantus amor studia exercere sub ipis
Arboribus , spirante aura et florentibus arvis ,
Hic erit ingeniis vestris certaminis apta
Materies , namque ipse novas hinc condere sedes-
Jamdudum meditor tectis melioribus aedes ,
Queis vos excipiam laute , hoc in rure parabo :
Multa tamen rerum moles operosa , priusquam ,
Surgat opus ; quas vos merito perpendere velim ;
Scire juvat , qua parte solidum ipsa locanda est :
Quo facies avertat se se , et commodo praestet ;
Surgentem in solem spectet , spectet ve cadentem ;
Aut demissa solo , procurrens ordine longo ;
Illa ve se tollat foribus sublimis in altum :
Scire etiam velim , quo sit fundanda culina ,
Quos coenae locus aptandus , lectique cubile ;
Horrea quo tritici , quo sit vinaria cella.
Magnus adhuc vobis labor est disquirere , caesi.

Unde mihi lapides, aedis queis machina surgat ;
 Populeaeque trabes , luna pereunte , recisae ,
 Atque abies viduata comas , annosaque fagus ,
 Et cocti lateres , et vincla tenacia calcis
 In partem veniant operis ; certaminis ingens
 Hic vobis campus , quo jam percurrere possint
 Ingenia , et cursu optatas contingere metas.
 Res haec digna viris , Romano et Consule digna ;
 Gratum opus Agricolisque Deis , Laribusque
 decoris.

DE REGIA BIBLIOTHECA

*Olisipoensi librorum Numismatum aliorum-
 que Antiquitatis monumentorum copia ex de-
 natione Emmanuelis Coenaculi Villas Bonen-
 sis , Episcopi Bejensis (seu pace-Juliensis)
 magnificentissime aucta.*

NUPER Olympicas ibat spatiosa per arces ,
 Nympharum comitata choris , Tritonia Virgo :
 Cum Lysiae memor illa suae , quam semper amavit ,
 Quamque suis coluit terris magis omnibus unam ,
 Posthabitis ipsis multum queis gaudet Athenis ,

Constitit, et Lysis defixit Lumina Regnis,
 Prospiciens antiquam Urbem, quam maximus
 olim

Condidit auspiciis Divum Dulichius Heros;
 Atque illi Augusto Templi Sacravit honore:
 Dumque urbis, Gentisque suae sub corde re-
 volvit

Ingentem famam; praeclaraque facta virorum,
 Auriferi videt illa Tagi prope littora sanctis
 Musarum studiis aras sedesque parari,
 Et simul immensas librorum surgere moles,
 Quos inter pretiosa nimis per multa refulgent
 Parta vetustatis magno monumenta Labore,
 Coenaculi Pacensis opus, qui talia dona,
 Dona peregrinas regum superantia gazas
 Nuper Ulysseas fausto homine misit in oras,
 Jussit et aeternum sacrata in sede locari.

Ergo Domos spectare juvat, spectare libellos
 Et Lapidés sculptos, multoque numismata vultu
 Coelata, et variis spirantia signa figuris
 Seclorum tot opes, ditissima munera terris;
 Atque implere suo praesenti Numine sedes
 Tum Nymphas secum comites jubet illa venire,
 Ore omnes pulchras, formosas vestibus omnes;
 Pierium vocat inde Deum, vocat inde Camoenas,
 Mercuriumque Patrem Linguarum: tres vocat illa
 Jam Charites, Divosque omnes fulgentis Olympi,
 Quis libri, quis docta placent cōmercia mentis

Et Doctrinarum cultus sublimis et Artes ;
 Nec mora ; visendi studio ruit , agmine facto ,
 Undique turba Dêum : Coeli simul alta relinquit
 Atria , et aethereas leviter delapsa per auras
 Lusiadum tandem placidas descendit ad oras ;
 Regalemque Urbem Vicinaque littora tangit ,
 Hic ubi Librorum cumulo domus alta superbit.

Ut celeri vidit properari ad Limina gressu
 Coelicolas , nitidum late caput extulit undis
 Coeruleus Tagus et rutilus pretiosus arenis
 Obvius ipse Deis ad littora venit amicis ;
 Et Tagidum formosa cohors , sua pensa relin-
 quens ,

Festivo accurrit vultu , verbisque salutat ;
 Et Cytharâ , et dulci cantu gratatur ; et ipsis
 Numinibus se se jungens sociisque beatis
 Ipse etiam Josephus equo sublimis ahenô ,
 Qui medium Regale Forum complexus , amorem
 Spirat adhuc populis , et fulvo praesidet amni ,
 Laetitia exultam , grato placidissimus ore
 Accepit venientes , et fausta omnia tanta
 Consciis agnovit Lysiae. Sensère propinquum
 Palladis adventum , tantorumque agmina Divum
 Quae longo surgunt augusta Palatia circa.
 Extemplo , (nec vana loquor) mirabile dictu ,
 Bibliotheca suos visa est aperire penates ;
 Namque fores subito sonuerunt , cardine verso ,
 Atque ultrò patuere adytus sanctique recessus.

Tum magnam subiere Domum centum ordinae
longo

Coelicolae, et Nymphae; praecit omnibus innuba
Pallas

Ore gravis, tamen absque armis, atque aegide durae

Divina ex oculis subito lux pura refulsit,

Et latè Ambrosiae insolitus per tecta coucurrit

Fusus odor; tantoque Domus jam Numine plena

Contremuit, caepitque novo radiare nitore.

Obstupuit, primo adspectu Custos Presaesque
duorum,

Nam libros, et multa aevi monumenta vetusti,

Quae modo Coenaculos, Praesul super aethera
notus,

Magnifico dono Pacensi misit ab urbe,

Versabat manibus, justoque sub ordine thecis

Quaeque suis ritè aptabat; cum visa repente

Numina, et ante oculos totus descendere Olym-
pus:

Agnoscit tunc ille Deos; Majestas tamen ipsam

Et premit insuetum, vocis praeccludit et usum;

Hunc mox respiciens blandè ingeniosa Minerva

Nate, inquit, nam te memini sub maenibus urbis

Herculeae quondam doctas coluisse palaestras,

Atque meas didicisse Artes: O' maxime custos,

Qui tantas hic dives opes, divinaque servas

Munera, Lusiadis semper gratissima, salve;

Fortunate nimis, cui tam formosa supellex

Librorum commissa fuit; cui contigit uni,
 Coenaculi eximii quem tollit ad aethera virtus,
 Juppiter et cunctis praefert mortalibus unum,
 Divitias omnes, et non moritura per aevum
 Tot dona accipere et sacra hac in sede locare,
 Magna tibi Lysiaeque tuae decora alta futura,
 Omnibus et Luso radiantia lumina coelo
 Aeternum: jam plaude tibi, tibi plaude superbus.
 Sorte tua et felix et in hunc servatus honorem.

Respondit tunc ille (sibi não faucibus exit
 Vos demum): O' Dea, progenies generosa Ton-
 nantis,

O' Mater si das usum mihi nominis hujus
 Quam Sophiae studio teneris nutritus ab annis
 Dilexi multum flagransque cupidine laudis
 Optavi clara vultus in luce tueri
 Posse tuos; et mille tuis ferre oscula plantis;
 Quae te, Diva potens, quae tanta haec agmina
 Divum

Cura trahit Coelique jubet, statione relicta
 Nubila tranare, atque istas invisere sedes?
 Siquis tantus amor Lysiae te ducit ab alto
 Ut venias jam nostra tuis haec tecta beare
 Luminibus, tanta et docti monumenta savoris
 Adsensu firmare tuo, venerandaque multum
 Et nostro huic aevo et venturis reddere seclis.
 En, age, Diva; tuũ est quidquid penetralia nostra,
 Haec servant; Domus ista sinu complexa libellos.

Multaque clarorum documenta antiqua virorum,
 Jure tibi, Musisque tuis sacrata patescit.

Ingrede, et jam nunc terris ostende futuram
 Perpetuó Lysiam curam tibi, Diva nec ullam

Esse domum, toto quae sit tibi gratior orbe.

Arrisit Virgo et Divum comitante cohorte

Progreditur, longasque incedit laeta per aedes.

AEdes innumeris gravidas circum undique li-
 bris,

Singula perstrans, laudansque ingentia facta

Principis Excelsi, qui publica commoda curans

Pierias has jussit opes molimine tanto

Sacrari Aonidis Musis, populoque recludi.

Mox quae lata suis penetralia prospera fatis

Pacenses libros, Pacensia munera servant

Divia petit, gaudetque suis pretiôsa tueri,

Dona oculis,gaudent et qui comitantur euntem

Diique, Deaeque omnes, Nymphae, Tagidesque
 decorae.

.....

AD EMMANUELEM DE COENACULUM
VILLASBONENSEM,

Episcopum Bejencem (seu pace-Juliensem.)

SALVE, magne Pater, qui tot virtutibus auctus
Formosam illustras Lysiam, Reddisque beatam;
Seu prisca cultus mores, arasque tueris,
Quas Deus ipse tibi Coelo commissit ab alto,
Pacensesque regis populos, animosque sequaces
Exemplis et voce trahis; seu Palladis Artes,
Et sacrum tractes Phaebum, dulcesque Camae-
nas,

Multa parans magno ingenii sudata labore,
Doctrinae Insignis saeculis monumenta futuris;
Mittere seu curas libros, numos, quae vetustos,
Munera, Regales longe superantia gazas,
Olisiponensis quae Bibliotheca penates
Exornare suos possit, multumque decoris
Accipere, et toto fama celebrari Orbe;
Quidquid agis magnum, nostrum ne despice
Carmen,

Quod tibi gratus amor Regali mittit ab Urbe,
Quae quandam radiata tuo sub numine multa
Ingenia atque scholas Lusum florere per orbem

Vidit, et enasci felicia soecula Genti.

Saepe ego jam mecum tacitus cum multa voluto,

Illustrem optavi Pacensem visere Bejam,

Non ut conspiciam laetus sua rura beata,

Et sacros fontes Nympharumque antra; lacus-
que;

Non ut per lustrem prisci monumenta decoris,

Romolidum olim Gentis opus, quae multa sa-
persunt.

Quaeque sui magni modo sunt vestigia fastus;

Sed tua quò possem praesens grata ora tueri,

Colloquio amplexuque frui, et ferre oscula dex-
trae;

Sede tua et solio quamquam Dis proximus ipsis.

Adsideas sacrique agites commercia coeli;

Tu tamen et molles aditus, horasque libenter

Saepè dares, quaeis multa mihi jam pandere velles.

Consilia et vitae normas, et proderet totos.

Sublimis doctrinae apices, arcanaque sensa,

Multarum rerum, tibi jam quae noscere coelum.

Concessit, populo prorsus ignota profano,

Et sineres, docto de pectore currere fontes,

Divitiasque tuas animo interiore repostas,

Tunc tua te virtus manifesta in luce resurgens.

Monstraret totum, atque mihi reserata paterent.

Attonito sacrata tuae penetralia, mentis.

Plena Deo, Felix magno sub Praeside tellus,

Cui tantum sortis licuit tantumque decoris!

O utinam mihi fata darent te cernere Praesul,
Praesentem, et colere obsequi, atque audire
loquentem !

AD ANTONIUM ALVARESSIUM

*Congregationis Oratorii Sacerdotem humanarum
Divinarumque rerum Scientiarum cum
nostra, quae ille rogaverat, Lusitana car-
mina mitteremus.*

FORSITAN, Antoni (tua nunc sunt otia) fractae
Perlegis Europae moestis conscripta tabellis,
Fata, in Agarenos melius vertenda tyrannos,
Instructasque hinc inde acies, et regna profanis
Decertata odiis, furiisque immanibus acta; (1)
Et tecum reputas, quae jam felicibus armis,
Romanasque novo gestans sub Consule fascas,
Gallia bellatrix, multisque assueta triumphis,
Audeat, ut flavos valeat cohibere Britannos,

(1) Loquitur Auctor de primis belli Gallici temporibus.

Austriadasque Aquilas, nimium jam pondere
belli

Collapsas, premere, et saevis fraenare catenis,
Atque suis totum cogat sub legibus orbem.

Forte novas bellandi artes miraris, et alta
Gesta Ducum, quae vix venientia saecula cre-
dant,

Plurima et Eridani, memorandaque proelia
Rheni,

Et multos laté populos, urbesque subactas,
Et spolia, et praedas avidas, et magna tropaea,
Quid tamen, Antoni, juvat indulgere tabellis,
Quae miseros luctus, quae tristia funera narrant,
Jusque datum sceleri, quae barbara crimina belli,
Horrendamque sitim caedis, fusique cruoris,
Insensasque urbes flammis, eversaue templa?
Tu ne animo lenis, blandisque nutritus in ulnis
Musarum, humani generis defensor, et acer
Naturae legum adsertor, jurisque sacrati,
Haec horrenda leges, vacuus terrore? Lubenti
Tu ne animo poteris tantos cognoscere casus,
Heu! miserae Europae inferias, luctuosaque fata,
Quin tot funeribus tibi mens concussa dolore
Turbetur, lacrimisque oculi rorentur obortis?
Verte aliò, meliore via grata otia vitae,
Dum te fata, Diique sinunt, Lachesisque severa
Si vacuas cupis ipse horas et fallere tempus,
Aut curas animi tristes laxare parumper

EE

Semotus longe ab strepitu, et popularibus undis,
 Perlege, sed precor Aonias jam perlege chartas;
 Plenaque Grinaeo dulcissima carmina Phoebos
 Haec curas numeris possunt, musaque levare,
 Atque senescentis simul aspera taedia vitae
 Diluere, innocuaeque tibi dare gaudia mentis,
 Gaudia degeneri nostro male cognita saeclo;
 Huc omnes jubeas, jam sacro Helicone relicto,
 Castalias properare Deas, fratremque potentem
 Et Cirrhae et Tenedos, qui te comitentur ami-
 cum,

Magnorumque canant divina poemata vatum,
 Teque levant, teneantque sui modulamine cap-
 tus:

Sive velis Musas latiali voce sonantes,
 Romani sermonis amans, jam magna Maronem
 Illustrem tibi Roma dabit; dabit et quoque Flac-
 cum

Ausoniae fidicen citharae, lepidumque Catul-
 lum:

Sive cupis Lysiae gratas audire Camoenas,
 En tibi grandiloquo resonat Camonius ore,
 Coeruleus pelagi vates, et carminae cantat
 Illustrem meritis Gamam, Heroasque potentes,
 Quos docta Uranie, Coelo delapsa sereno,
 Ignotas sulcare jubet vada caeca per undas,
 (Namque ita censendum, mortalis enim haud
 homo tantum

Ausus opus tentare Deum sine Numine) cernes
Oceani ratibus vectos trans aequora vasti
Ultra anni, solisque vias maria invia pandunt,
Terrarumque alio tractus sub sole jacentum,
Atque alios portus, et glauci littora Nerei,
Et nova monstra freti, ignoti nova sidera Coeli,
Axe alio, antiquis quae noscere fata negarunt,
Hi Lysiae Christique imperium, cultusque La-
tinus
Supra Indos, Seresque supra, Chrysenque re-
postam
Solis et Aurorae ad thalamos Titanides usque
Extendunt. Nec desit in otia grata vocatus
Insignis Ferrera tibi, quem tollit ad astra
Multa laude tuus magnus Noronia, nostrae (1)
Grande decus clarae Lysiae; meus hic quoque
Vates,
Seu Dryadas nemorum calamo modulatus a-
greste
Lusiacas resonare docet sua numina Sylvas;
Seu tragicam sumens pallam, grandemque Co-
thurnum,

(1) Joannes Josephus Albertus Noronia, Comes VI. S. Laurentii, ad Humaniorum Literarum, ad Lusitaniae, ad saeculi ornamentum, natura ipsa paratus, incredibili rerum gestarum memoria consultissimus; cum Graecis, Romanisque, et cujusque aevi sapientissimis comparandus.

Jam Petri curas , et pulchrae Agnetis amores
 Ostendat fatis in tristia funera versos :
 Seu potius scribat , (nihil est formosius illis)
 Socraticas , superùm ditissima munera , chartas ,
 Consiliis vitae utilibus , monitisque refertas .
 Quod si summorum post culta poemata Vatum
 Ad male tornatos pateris descendere versus ,
 (Nec semper magnis placet indulgere Poetis ,
 Et quandoque juvant silvae humilesque miri-
 cae)

Perlege , quae pátria mitto tibi carmina lingua .
 Sunt certe exigui pretii , indoctique laboris ,
 Nam nec pressa satis fuerant numerisque polita ;
 Nec tibi mississem , nitu mihi forte referres
 Valerio laudata tuo mea carmina quaedam ,
 Quae miserae Agnetis casus , quae fata Leandri
 Deflebant (2) , versus elapsos juvenilibus annis ,
 Cum patrium ad Durium tenui modulabar avê-
 na ,
 Atque eadem velles , quoniam tibi nata cupido

(1) Josephus Valerius et ipse Congregationis Oratorianae Sacerdos , nunc Episcopus Portalegrensis , Vir Graecis Latinis Lusitanisque litteris clarus , cum quaedam carmina de naufragio Leandri Abydeni et occisione Agnetis de Castro à nobis olim conscripta , per summam erga nos benevolentiam laudasset , in Antonio amico ea per legendi stimulos excitavit .

Et legere, et nostras etiam auscultare camoenas;
 Nunc nos jam memores, quae tunc promisimus,
 ultro
 Solvimus, Antoni, et nostras tibi tradimus artes;
 Et Musae, quam vis tenuis, sacramus honores.

DE ALEXANDRE M.
 AETATIS SVAE FLORE EXTINCTO.

CUM totum Mácedo mundum superasset,
 Olympus
 Restabat palmis ultima meta suis.
 Sed cum victorem metuisset Juppiter, illum
 Abstulit ante suum mors properata diem.

DE EODEM BABYLONIA EXTINCTO.

Hic ubi late suis surgit Babylonia muris,
 Culmine sideria visa ferire plagas,
 Magnus Alexander, totum qui vicerat orbem,
 Postremo subijt fata tremenda die
 Maximus ut Regum fuerat, sic maxima mundi
 Debuit urbs Cineres contumelare suos.

DE PICTURA S. AMBROSII

Cum apibus comitantibus.

AMBROSIUM magnum, nuper quem Borgia
 pinxit
 Hybleae in tabula concumitantur Apes,
 Quae mens pictoris fuerat? Dat dulcia mella,
 Quae tamen ora gerit, spicula figit Apis,
 Credo equidem, est Apis Ambrosius, nam di-
 cetur ille
 Asper et esse malis dulcis et esse probis.

DE EFFIGE
JOANNIS V. LUSITANORUM
REGIS.

CERNITUR in toto Majestas corpore Regis,
Cernitur in vultu Regia forma Jovis:
Posteritas oris dicet, mirata nitorem:
Aut Deus hic est, aut omnia plena Deo.

DE OLISIPONENSI TERRAMOTUM

A N N I 1755.

URBS Lisiae princeps subito concussa tre-
more,
Heu cadit in cives culmine lapsa suos!
Horrendas reserat fauces terra, ima dehiscens,
Visus et infernas Pluto aperire vias:
Intumuit Neptunus, aquis in moenia versis,
Absorpsitque viros unda refusa vadis.
Saeyit, et ardenti rapidas vomit ore favillas;
Et, quae restabant, Mulciber urit opes.

Proh urbem invisam Súperis ! quis taliã cernens,
Heu ! neget in te omnes bella movisse Deos ?

DE EODEM TERRAMOTUM.

TU quodam submersa tuis, Carthago, ruinis,
Tu quoque nocturnis, Troia, cremata focis,
Haec vobis saltem venient solatia, quando
Ipsa etiam fatis clara Olisipo cadit.

DE EODEM
AD EMMANUELEM SOSIAM.

INCLITA quae quondam steterat Priameia
Troia
Strata solo miseros vertitur in cineres.
Corruit Olisipo subito labefacta tremore,
Et jacet infirmi despicienda situ.
Hujus in exitium tellus, conjurat et ignis,
Conjurant imis freta refusa vadis.

Utraque, Sousa, perit; sed tristia fata rependens,
 Illam hominum, hanc dices vi cecidisse Deum.

DEORUM OBSEQUIA IN NATALIBUS
 JOZEPHI LUSITANIAE PRINCIPIS.

JUPITER.

REGIA quae nostram decorant Insignia dex-
 tram,
 Sistimus ante tuos, Pupule nate, pedes;
 Non mea, at in Superos regnet tua dextra po-
 tentes,
 Et te cognoscant astra subacta Jovem.

NEPTUNUS.

Ipse etiam, magne Puer, mea Sceptra tridentem
 Ecce fero: obsequii sint monumenta mei.
 Hoc poteris pelagi tumidos componere fluctus,
 Et nova per medium quaerere regna mare.

MARS.

En gladium Clypeumque fero galeamque micantem,
 Hostibus armatus bella temenda gerēs :
 Nulla tuis venient metuenda pericula castris,
 Semper, io ! victrix Lysia semper, erit.

MERCURIUS.

Accipe pacificam, Princeps, mea munera virgam;
 Paxque sit Imperio semper amica tuo,
 Turbabit numquam Lusos discordia cives,
 Ast omnes mutuo foedere junget amor.

APOLLO.

Quem teneo Laurum, Cytharam vocaleque plectrum,
 Jam placet in manibus deposuisse tuis;
 Tu rege Musarum choreas, tu vatibus ipsis,
 Parnassi Sacras dextra ministret opes.

JUNO.

Aurea dona fero, pelagi fero dona rubentis,
 Munera conveniunt Regibus ista, Puer.
 Nec tu divitias tenebris damnabis, at istas
 Dividet in populum dextra benigna tuum.

MINERVA.

Accipe facundae caelestia munera mentis,
 Queis valeas populo reddere jura tuo,
 Ipsa tuum pretiosa regat Sapia Sceptra,
 Haec te sola potest aequiparare Diis.

DE ABOLITA
 JESUITARUM SOCIETATE.

ECCE una clemens, Joseph quae moventur
 in hoste,
 Concordes quae animis jam pia bella parant
 Jesúadum toto proscribunt orbe phalanges,
 Vindicat hic Reges, vindicat ille Deos.

GLAURE
EPISTOLAM NOCTU LEGENTI LUNA
OBSCURATUR.

Vis legere, ad Lunae splendorem Glaura,
tabellas,
Quas tibi furtivas misserat Hermogenes;
Mox subito phoebe dencis praecingitur, umbris,
Visa pudore suas occubuisse faces;
Nam turpis cum, Glaura, proci sit epistolam,
Luna
Horruit hanc oculis casta videre suis.

AD MAGNUM PRINCIPEM COMITEM
LIPPIENSEM.

BELLICA quae quondam victrici Lysia ferro
 Prima triumphantis gloria Martis erat,
 Caepit iners ruere, et retro sublapsa referri ;
 Reddebant segnes otia blanda manus ;
 Et galea atque ensis telum lorica jacebant,
 Strata per ignotos pondera spreta locos.
 Ad venit en Princeps, quo se Germania felix
 Tollit, et Austriacae quem venerantur Aves,
 Quemque Britanus amat, timet Hungarus, hor-
 ret Iberus,
 Horret et armatum Gallia fracta malis.
 Ille animos resides desuetaque pectora bello
 Excitat, et duri Martis ad arma parat ;
 Et veteris nobis reparat virtutis honorem,
 Militiaque jubet nobiliore frui.
 Hoc Duce, jam referet quocumque ex hoste
 triumphos
 Lysia, non Patribus degener illa suis :
 Hoc duce, si lubeat, totum penetrabit in Orbem,
 Addet et Imperio jam nova Regna suo.

AD COSTIUM IN BACCHANALIBUS.

FESTA dies rediit ; mordaces exime curas ;
 Bacchus adest ; sanctas suscipe, Costa, preces :
 Et veniunt Dryadesque Deae, Satyrique bicor-
 nes ,
 Bassaridum fuis turba verenda comis ,
 Raucaque subductis pulsant jam timpana pal-
 mis ,
 Et Bromios agitant , Orgia laeta , Choros ;
 Et pueri strepitu saltant , saltantque puellae ;
 Atque implent plausu laetitiaque vias ;
 Rorantesque tubos tectos sub veste gerentes ,
 Alter in alterius corpora jactat aquas.
 Tu modo magnificis convivia splendida mensis
 Instrue , Thyrsigero munera grata Deo ;
 Et quos in verbo *rideo* peccasse poetas
 Argueras , comites at tua sacra voca !
 Pontificis sed pone decus , sed pone minaces
 Vultus , et teneris ora tremenda jocis ;
 Hoc liceat , cum sacra tibi violacea vestis
 Venerit , atque comis Infula grata tuis.
 Nunc placido lubeat vultu insanire Lyaeo ,
 Dum praebet lautos prodiga mensa cibos.

In medio crater coelato splendeat auro ;
 Spumet inexhaustum Massica dona merum ;
 Et circum Charites volitent, veneresque venus-
 tae ;

Atque sonent lepido carmina tincta sale ;
 Inde tuos , Bacchiques simul pia turba trium-
 phos

Intonet , appositas concelebretque dapes.

Costa , Evan , da vota Deo , dá vina poetis ;

Costa , Evan , larga funde falerna manu ;

Et longum *bibant* , longae *bibentibus* horae

Labantur , longum *bibere* saepe juvat.

Per te nunc liceat longum *ridere* poetis ;

Atque jocos risu longius ire suos.

Sic sine , *Ri* longum faciant , ubi *bibere* longum
 est ,

Hic certe risus longus adesse potest.

DE SENTENTIA COSTII

*In excitata Questione circa quantitatem primae
syllabae verbi-Rideo.*

L U S U S P O E T I C U S .

Lis erat, an verbi-*Rideo* correpta latinis,
 Longa ve natura syllaba prima foret :
 Costius ecce venit ; subitoque Oracula fundens,
 Grammaticos contra, *Ri breve*, dixit, erit.
 Haud miror ; jejunos erat ; si pransus adesset,
 Subridens longum, non breve jam faceret.

FINGITUR COSTII ALLOQUUTIO.

A D A U T H O R E M .

R*I* breve tunc feci ; nec me meminisse pi-
 gebit,
 Non decet hîc risus longus, Amice, viros.
 Sed quoniam nunc Baccus adest, agitatque per
 urbem,
 Et vino, et gratis orgia plenâ jocis ;

Hanc veniam dabimus : longum *ridere* poetis
 Fas sit , et exhaustis *bibere* vina cadis ;
Ri longum faciant *ridendo* , haec foedera sunt ,
 Dummodo *bibendo* *Bi* quoque sic faciant ;
 Namque inter longas ubi sunt convivia risus
 Tunc laudo longum *bibere* , damno breve.

AD JOSEPHUM I.

LUSITANORUM REGEM

DE PACE EJUS AUSPICIIIS REDDITA:

QUOD modo fulmineos , Joseph , mitescere
 Pardos

Vidimus , et tumidas deposuisse minas ;
 Quod rursus , calcata solo , jam Lilia florent ,
 Neq̄ movet Hispanus colla jubata Leo ;
 Auspiciis haec facta tuis , Rex Maxime , dulcis
 Jam pax consilio regnat ubique tuo.
 Bella gerant diri Reges , quos nulla suorum
 - Strages , quos hominum funera nulla movent ;
 Sed belli sedare minas , dare foedera pacis ,
 Magna haec sit , Joseph , cura laborque tuus ;

DD

Qui cives servare potest, qui ferre salutem,
Aut Deus, aut certè proximus ille Deo est.

STATUAE EQUESTRI
JOSEPHI I. LUSITANIAE REGIS.

MACHADUS finxit; mox fudit Costius aere;
Expressit Coelo Sylva deinde suo.
Ora, manus, oculos, habitumque hi fingere pos-
sunt,
Ast animum, et mores fingere nemo potest.

A L I U D.

Stat Princeps Josephus equo sublimis ahenò,
Occupat et medium providus ipse Forum:
Reddit adhuc praesens leges et foedera Genti;
Praesidet inde Urbi; praesidet inde Tago.

A L I U D.

Hic Urbis complexa Forum Fluviumque po-
tentem
; Aenea Josephi cernitur Effigies.

Hinc latè Imperio poterit prospicere Princeps,
 Hinc poterit terris, hinc dare jura mari.

ALIUD.

Sic oculis Joseph Princeps, sic ore nitescit,
 Qualis, Castre, sua fulget in Effigie;
 Majestatem etnim potuisti reddere vultus;
 Materies Arti par fuit illa tuæ;
 Ast animum exprimere, et quidquid sub pe-
 ctore magnum est,
 Hoc solum est Phoebi, Pieridumque labor.

IN PRAEMATURO OBITU
 JOSEPHI LUSITANIAE PRINCIPIS.

MAGNAM in spem Patriæ natus, regaleque
 Sceptrum,
 Occidit heu! Joseph, gloria Lusiadum:
 Hunc fatum ostendit terris quasi munera Divum;
 Sed mox invidit, nec sinit esse diu:
 Namque astris illum nimium cupientibus addit,
 Vultque inter superos adnumerare Deos.

ALIUD.

Emoritur Princeps raptus, florentibus annis,
 Dum illi Lusiades Regna paterna parant:
 Hoc unum solamen adest, succedere Fratri
 Fratrem, quem dices moribus esse parem:
 Divisum Imperium est, felix regnabit uterque,
 Alter apud Lusos, alter apud Superos.

IN NATALIBUS
 MARIAE THERESIAE
 LUSITANIAE PRINCIPIS.

QUANTA sibi, exorta Regali Prole, voluptas
 Surgat, et Imperio gloria quanta suo,
 Hoc plausu exultans terris ostendit et astris
 Principibus felix Lysiæ facta suis.
 Hos amat, hos cunctis praefert mortalibus orbis,
 Hos velut Divos respicit illa suos. (1)

(1) Haec varia varie scripta sunt, ut unum ex his pro
 publicae læticiae significatione seligeretur: nunc placet
 hic omnia per otium exhibere.

A L I U D.

Quae precibus dudum effusis urgebat Olympum,
 Jam voti est compos Lysia facta sui:
 Foecundos reddit thalamos Deus ipse, Joanni
 Exoritur Proles, gloria Lusiadum.
 Quis sceptrum neget aeternum, quod Regia
 firmat
 Ipso Progenies auspice nata Dea!

A L I U D.

Regia progenies, voto formosior omni,
 Nascitur Augusto Principis ex Thalamo:
 Non Sol obscurum illustrat fulgentior orbem,
 Nec Venus è medio gratior orta mari est.

A L I U D.

Quae modo Regalem poscebat Lysia Prolem,
 Imperio columen, praesidiumque suo,
 Jam voti compos nostro de Principe natam
 Progeniem grato suscipit alma sinu,
 Haec est, Lusiades, Divum providentia, vestra
 Aeterna hoc tanto pignore Regna manent.

A L I U D.

Solamen, pretiumque morae jam Lysia, Prolem
 Adspicis Augustos nubilare Thoros;
 Haec tibi donarunt Divi sacra munera, Regnum
 Perpetuum haec reddent manera sacra tuum.

IN NATALIBUS

PETRI LUSITANIAE PRINCIPIS.

JAM Lysiae votis Deus annuit, ecce Joannis
 Foecundos rursus reddit ille thoros.
 Imperium Lysiae, nato jam Principe, coelum
 Firmat, et aeterno Regna manere jubet:
 Discite, Lusiades, quantum sint cura supremo
 Et Regum Proles, et pia Regna Deb.

DE METAMORPHOSEON P. OVIDII

Nasonis Lusitania versione ab Almeno suavissimo Poeta elaborata.

MUTATA Almenus cecinit nova corpora formam,
 Et quae Roma habuit, reddit hic Lysiae;
 Tam bene Nasonis Latialia carmina flexit,
 Tam bene et in patrios jussit abire sonos;

Ut quem Roma virum, Pelignaque rura tulerunt

Hunc Lysium credas progenuisse solum ;
Romanum et Lusum Carmen miratus utrumque,
Protulit haec, dices, Naso Poeta duo.

DE ALMENO GRAVI MORBO
LABORANTE.

Heu! gemit Almenus; morbo tabescit acerbo,
Atque illi funus jam Libitina parat.
Vos modò, quas magno vates dilexit amore,
Pierides, summo solvite vota Jovi:
Vestra salus agitur; quae nunc, hoc sospite flo-
rent,
Incipient Artes, hoc moriente, mori.

IN EJUSDEM OBITU.

PERLEGE, quod saxo fidus caelavit Amicus
 Elpinus, magni vatis epitaphium:
 Hic jacet Almenus, Lysiae nova gloria; Graeca
 Romanaeque dedit carmina digna Lyra.

A L I U D.

Luctificum hoc carmen signavit Phoebus in
 caelae urna,
 Facundi vatis quae capit ossa sui:
 Hic est Almenus, quem postquam fata tulerunt,
 Lusiadum Charites jam siluere choris.

A L I U D.

Da cineri lacrymas, memorique inscribe saepulchro,
 Quae legat haec semper carmina Posteritas;
 Quas Lysiam secum Musas deduxerat olim,
 Has secum Almenus condidit in tumulo.

AD ALEXANDRUM

EPISCOPUM MALACHENSE DE OBITO
ALMENO.

(*Fr. Josephi de Corde Jezus.*)

NUPER, Alexander, Josephum facta tulerunt,
 Grande decus Lysiae deliciasque tuas :
Hunc mors disjungit , quem tibi foedere sancto
 Religio junxit , junxit et unus amor.
Pone tamen lacrymas : non duratura per aevum
 Haec Superi dederant munera grata tibi :
Ergo cum repetunt , quae sunt sua munera ,
 caelo ,
Tu sanctè debes reddere depositum.

EMMANUELI CAENACULO VILLAS-
BONENSI EPISCOPO BEJENSI

(SEU PACE-JULIENSI.)

Cum multos summi pretii Codices
Mss. et editos, Rem Numariam,
Aliaque Antiquitatis Monumenta Regiae
Bibliothecae Olisiponensi donaret.

V IDIT Olisipo Pacensi nuper ab Urbe
Mittere Coenaculum maxima dona sibi;
Dona magis pretiosa auro, queis augeat ipsas
Regia divitias Bibliotheca suas:
Nunc Tagus auriferas, dixit, mihi tradat arenas,
Tradat et immensas, quas vehit amnis, opes,
Seu quas littoribus Ganges mihi mittit Eóis,
Seu quas occiduis Brasila Terra plagis;
Utraque si confers illustria munera, certè
Illa homines, dices, haec tribuisse Deos.

E I D E M

CUM EPISTOLAM LATINAM ELEGANTISSIME
CONSCRIPTAM MISISSET.

Non mihi contentus patriâ te scribere lingua,
Vis etiam Latio scribere colloquio:
Sic tua, mutato calamo, sermone latino,
Quam modo misisti, litera scripta venit.
Quanta tibi ingenii, quanta est gratia linguae!
Quam facilis sermo, purus et ipse fluit!
Nunc te Roma vetus scribentem perlegat, illa
Te merito civem non neget esse suum.

E I D E M

DE JOACHIMO JOSEPHO COSTIO-SADIO,

Clarissimo Philologo Olisiponensi, et humaniorum Litterarum Professore, cum mihi conlata munera multâ et amoenissimâ benevolentiae significatione tradidisset.

CUM mihi, Magne Pater, tua munera Sadius
offert

Dulcibus alloquiis me trahit ille suis;

Namque per illecebras multas, multosque lepores

Volvitur, et gratos fundit ab ore sonos.

Maxima sunt certé, quae mittis, dona; sed ille
Obsequiis auget jam tua dona suis. (1)

A L I U D.

Munera cum defert, quae tu mihi, mittis amator
Et Charites addit Sadius, et Veneres.

(1) Causa fuit singularis, cur haec varia de eadem rescribarentur.

Sic tū dona mihi geniales ille lepores
 Praestat, et obsequiis certat uterque suis :
Ergo ego gratus amo donantem, et dona ferentem,
 Et cor divisum est inter utrumque meum.

A L I U D.

Festivo semper tradit mihi Sadius ore,
 Largificae mittunt quae tua dona manus ;
Cumque tuis libris, multoque numismate, multas
 Ille venustates, deliciasque trahit ;
Et charites spirat dulces, veneresque decoras,
 Lenis et alloquiis me beat ille suis.
 Blanditiis siquidem donum comitantur eisdem,
 Quas Aglaia tibi, quasque Thalia dedit ;
Namque illum credo, reddendo munera nobis,
 Blanditias etiam reddere velle tuas.

A L I U D.

Mille per illecebras, et mille per Attica verba,
 Quas dedit in veneres Graecia prona suas,
Munera, quae mittis, tradit mihi Sadius, addens
 Muneribus pretium, delictumque tuis.
 Scilicet ille tui interpres jam fidus amoris,
 In nos blanditias exprimit ore tuas ;
Regia quas nuper cernens Olisipo, dixit :
 Has tibi vult etiam mittere Caenaculus

Ille olim nostra Praeses cum duxeraet Urbe
 Palladias Artes , Pieridumque Choros ,
 Sic veneres, charitesque suas, sic verba ferebant:
 Caenaculum verbis Sadius ipse refert.

A L I U D.

Costa mihi defert, Praesul , tua dona , sed addit
 Muneribus grates , quos trahit , ore sonos
 His certe illecebris , quas fundit pectore, mores
 Exprimit ille suos , exprimit ille tuos.

A L I U D.

Ecce tua , Emmanuel , veniunt mihi munera
 cumque
 Muneribus laetus Sadius ecce venit:
 Tota cohors Charitum studiis communibus il-
 lum
 Insequitur , patrium linquere visa polum
 Sic tu dona mihi , geniales ille lepores
 Praestat , et obsequio certat uterque suo.

JOACHIMO JOSEPHO COSTODIO
SADIO.

SADE, decus Lysii, decus immortale Latini
Eloquii, Phoebi splendor, et unus amor,
Sive tuas Latio Scribas sermone tabellas,
Fundere Romulidum visus ab ore sonos,
Aurea Romanae redeunt jam saecula linguae
Augustique aetas jam rediviva nitet:
Sive tuos patrio profers sermone libellos,
Et Lysiae totas pectore fundis opes,
Nobile nostrorum Patrum jam nascitur eavum,
Atque aetas rursus clara Joannis adest.

A D E U N D E M

De sua Horatii in soluta orationem Lusitanam Translatione.

QUAE cecinit quondam numerosus Horatius
 Urbe ,
 AEmula carminibus carmina Pindaricis ,
 In patriam curas, Joachim, convertere linguam,
 Et Lysiae Latii reddere divitias.
 Fit Flaccus Lysiae Civis , prorsusque videtur
 Non Flacci Interpres , Flaccus at ipse loqui.

A L I U D .

Et Glisceram , et Tibur , Romanam et deserit
 Urbem
 Flaccus , et in Lysias advenit ipse plagas :
 Jam loquitur nostram , te fido interprete , lin-
 guam ,
 Te duce , jam nostros incolit ille lares.
 Per te sic felix hunc tantum Lysia vatem
 Accipit , ut possit dicere jure suum.

AD FRANCISCUM JOSEPHUM SERRAM.

Poetam obscurissime carmina Scribentem.

ACCEPI scriptam multo sermone tabellam,
 Et legi versus terque quaterque tuos;
 Et tamen haud potui cognoscere, quid sibi
 vellent.

Usque adeo obscure scribere, Serra, soles;
 Errasti, siquidem gaudes obscurus haberi,
 Debueras prorsus scribere, Serra, nihil.

*Ad Amicum qui carmina sua latine scripta,
 in quibus ingenium exercere coeperat, nobis
 ostendere recusaret cum nos illi nostra
 etiam mitteremus.*

QUAE nuper cecini, mitto tibi Carmina, Jo-
 seph,
 Aequa meis sperans munera muneribus;
 Si renuis, posco, rogitō, precibusque fatigō.
 Carmina grata mihi mitte, nec erubeas:
 Dixit enim nuper mihi Phoebus te mea dudum
 Munera muneribus vincere posse tuis.

JOSEPHO ANASTACIO COSTIO SADIO

*Philologo , et Poetae Clarissimo cum ad me
Carmina Latine scripte misisset.*

P R I M U S amor clarissimi , Joseph suavissime ,
Phoebi ,
Quam bene Pierios fundis ab ore sonos !
Seu molles Elegos ludit tua Musa , renidet
In Lysio adparens Naso Poeta solo ;
Seu tua grandiloquo modularis Carmina Cantu,
Carmina divino digna Marone canis ;
Sive Venusina Romanum barbiton arte
Pulsas , jam Flacci personat ille modis .
Si tua Roma vetus , pervolvere Carmina posset
Te merito vatem crederet esse suum .

A L I U D . . .

Carmina Romanis mittit resonantia chordis ,
Munere et hoc tanto me tua Musa beat .
Meque aliis cumulat donis , et laudibus auget :
Nomen et extollit jam super astra meum .
O me felicem tanti praeconia vatis
Splendida qui merui Castaliosque sonos !
Non ego mi , Joseph , moriar jam totus in orbe ;
Partem omnem rapiet nec Libitina mei ,

Nam tua cum sint immortalia Carmina, semper
 Servabunt nomen Carmina Riberii.

A L I U D.

Cum mihi misisses Latialia carmina nuper,
 Carmina Romanis digna sonare choris,
 Ipse etiam volui Latiales mittere versus,
 Gratarique meis haec tua dona modis;
 Sed cum Parnassi fontes in carmina posco,
 Et voco Pierias in mea vota Deas,
 Desine, dixerunt, audax tentare canendo
 Pollice Romanae fila canora Lyrae;
 Non tibi, non aliis tantum concessit Apollo;
 Hoc uni Sadio praebuit ille suo.

A L I U D.

Tam bene mi, Joseph, Latialia Carmina fundis
 Ac si Romanâ natus in Urbe fores;
 Invidit Lysiae Latium, teque inclyta vatum
 Roma suas inter vellet habere choros.

A L I U D.

Cum tua Romano nuper resonantia plectro
 Aurifer audiret Carmina pulchra Tagus;
 Adspice, Roma vetus, dixit, quae Carmina
 noster
 Divino in Lysia Sadius ore canit:

Ipsa tuas credes Musas mutasse penates
Atque meas omnes nunc habitare plagas

ALIUD.

Quae quondam in Latio sonuerunt Carmina Joseph
seph

Graiorum doctos vincere visa choros,
Per te nunc Lysiae resonant renovata per oras
Carminibus siquidem sunt rediviva tuis;
Et rursus spirat Naso, cultusque Tibullus,
Et Flaccus spirat, spirat et ipse Maro;
Romanaeque omnes Musae mutasse videntur
In nostrum prorsus tecta, laresque solum
Sic Latium in Lysiam transfers, sic Lysia nostra
Carminibus felix fit nova Roma tuis.

Ad eundem cum mihi Carmina Latine Lusitaneque conscripta misisset.

○ Latii, o Lysiae, Joseph, decus addite Musis,
Cui sacrum Aonio pectus ab igne calet,
Sive Tagi resonare doces cave Littora cantus,
Lusiaca spargit quos tua Musa Lyræ;
Sive etiam pulsas Latiali barbiton arte,
Romanosque refers, ore sonante, modos;

Quidquid utroque potens prodis sermone ca-
nenti ,

Inspirat semper pulcher Apollo tibi :
Esse suos vellet versus Camonius ipse ,
Lusiadum linguâ quos tua Musa canit ;
Quos tu Romano profers modulamine cantus
Esse Maro vellet , Flaccus et esse suos.

A L I U D .

Cum tu vel Latio vel Luso Carmine ludis ,
Aspirant omnes ex Helicone Deae ;
Seu quae Romanos quondam coluere penates
Seu quae Lusiacas jam tenuere plagas ;
Sic tua grata fluunt , quae fundis divite venâ
Carmina , Pieriis sponte voluta jugis ,
Et dubium est , num te versus Romana Ca-
moena ,
An ne magis docuit Lusa Camoena suos.

IN FUNERE

ANTONII PERERII FIGUEIREDII
MASSANENSIS LUSITANI.

Hoc jacet in tumulo tandem Pererius ingens,
 Occiduae sacrum Depositem Lysiae;
 Hic omnes coluit praestantes Palladis Artes,
 Et potuit magnas condere mentis opes;
 Et linguam veteris Latii, Charitesque polivit,
 Fundere Romanos visus ab ore sonos.
 Transtulit in Lusam Divina oracula Linguam,
 Ut facili possent cuique patere via.
 Veridica a falsis discernens Dogmata, puram
 Doctrinam scriptis tradidit ille suis;
 Fortis et adseruit vindex Regalia jura,
 Sacrorum adseruit jura verenda Patrum:
 Sic Lysiae sparsit rutilantia lumina coelo,
 Et tenebras radiis dispulit ille suis.
 Heu Musae, Romana Fides, Sceptrumque! heu
 quantum
 Hoc uno vobis deficit auxilium!

A L I U D.

Tot scriptis clarus toto Pererius orbe
 Funereo hoc tandem conditur in tumulo.

Ille Sacerdotum præscriptos nostere fines,
 Ille etiam Regum noscere jura dedit,
 Integer haec tenuit: permulta pericla minaeque
 Vincere constantem non potuere vivum.

A L I U D.

Lusiadum sublime decus, Pereria doctus
 Tutatur scriptis Regia jura suis,
 Sacrosque Patres, Mitrae et decora alta tuetur
 Et Fidei et Morum dogmata pura docet:
 Ast gens Jesuadum multo conamine surgit,
 Tentat et in tantum mittere tela virum;
 Invisam censuram addit, damnatque libellos,
 Et tonat horrendum dira superstitio.
 Improba quin etiam affligit fortuna senectam,
 Mille minas jactat, mille pericla parat:
 Tu ne cede malis, virtus clamavit ab alto:
 Audit, et incoeptâ sustinet ire viâ:
 Ille minas spernit, spernitque pericula justus,
 Propositique tenax vivit, et emoritur.

A L I U D.

Heu! jam vitales linquens Pererius auras
 Occidit, heu! cineri solvite justa pio;
 Et tumulto memorem Lysiae testantia mentem,
 Scribite, quae legate, haec carmina, Posteritas:
 Hic jacet in toto clarus Pererius orbe,
 Maxima cura hominum, maxima cura Deum:

Ille ubi firmavit scriptis sublimia Regum
 Jura , et sacrorum Dogmata Sancta Patrum ,
 Quod sibi commisit Coelum , jam munere fun-
 ctus ,
 Coelo animam justus reddidit . ossa solo.

A L I U D .

Hic jacet heu ! nostri Lumen Pererius aevi
 Heu jacet aeternum magnus honos Lysiae !
 Stat circa cineres ardentem Lampada quassans
 Relligio tantum perdere moesta virum.
 Stat prope Librorum moles operosa refulgens ,
 Queis Fidei et Morum Dogmata sacra nitent.
 Stat viridi cingens tumulum Constantia Lauro ,
 Invidiaeque premens colla superba pede.
 Haec ubi Posteritas oculis lustraverit , illum
 Cognoscet priscis Patribus esse parem.

DE EJUSDEM OBITU,
AD ANTONIUM ALVARECIUM,
Congregationis Oratorii Sacerdotem.

HEU! tuus, Antonii, cecidit Pererius, Eheu!
Gloria Sacraei praesidiumque Chori.

Quan gravis est moeror, quantum tibi funus
acerbum!

Quam Cari Capitis triste desiderium!

Quando erit, ut rursus magno sudata labore

Huic similem valeant reddere soecla virum?

Quando erit, ut Pietas, Virtus, Sapientia,
Candor,

Sacra Fides alium possit habere parem?

Omnibus ille fuit toto bene cognitus orbe,

At tibi prae reliquis cognitus ipse fuit.

Multis ergo bonis heu flebilis occidit ille!

Sed merito nulli, quam tibi, flebilior.

AD FRANCISCUM SANCTAE
OLISIPONENSIS ECCLESIAE PRINCIPALEM

*De funereis carminibus, quibus nuper Author
Pereriae obitum deploravit.*

QUAE nuper, Francisce, meum foetum esse
negabas

Coelata in tumulo carmina Pereriae,
Hæc tibi nunc mitto per me conscripta tabellâ,

Ne dubites versus amplius esse meos;
Quia illos nosces, etiam sine nomine scriptos,

Si non obstaret, qui premit ora, dolor;
Namque erat his facies de formi squallida luctu,
Agnoscique oculis non potuere tuis.

A L I U D.

Qui modo Pereriae resonarunt funere versus,

Hos aliquis partus adserit esse meos:

Tu, Francisce, negas; justa et tibi causa ne-
gandi;

Ostendi siquidem carmina nulla tibi.

Ne tamen incuzes, justo sed parce dolori;

Nil certe curat, quem movet ipse dolor;

Quin tacitus volui moestos sine nomine versus
 Vulgari, et tanti funera flere viri;
 Qui magis arte dolet, questus inculcat acerbos;
Ille dolet vere, qui sine teste dobet.

A L I U D.

Quos mea Pereriae cecinit sub funere versus,
 Extemplo in lucem prodere Musa jubet,
 Nec premit in nonum, quod suadet Horatius,
 annum
 Carmina, ut in reliquis, quae canit illa, solet.
 Nec tu mireris; nullâ, Francisce, liturâ,
 Nullâ etenim limâ flebile carmen eget;
 Namque ubi suspirat moerens Elegeia, quaestus,
 Ornari cultu non sinit ipse dolor.
 Scilicet incomptos ut fundit pectore questus,
 Incomptos Elegos sic jubet ire suos.

A L I U D.

Haec modo, quae cecini tristis modulamine
 vocis,
 Debita Pereriae carmina funeribus,
 Debueram servare diu, capsisque morari,
 Posset ut hos versus lima polire meos.
 Sed vetuit, Francisce, dolor; jubet ille querelas
 Prodere, suppressas nec sinit esse diu.

ALIUD.

Pereriae ad tumulum misi sine nomine versus
 Atque Elegos cineri, sed sine teste, dedi;
 Si quaeris causam, erubuit mea Musa canendo,
 Par etenim tanto non erat illa viro.

AD ANTONIUM ALVARESIUM
 IN ADVERSA FORTUNA.

IN te mille minas tempestas horrida jactat
 Inque tuos jactat mille pericla Patres:
 Discedunt multi, atque tuos Portellius ipse
 Deserit amplexus, consociosque lares:
 Dormius ignotas subito properavit in oras,
 Quem tibi perpetuo junxerat unus amor:
 Barbara sylvestrum nuper fortuna coegit
 Linquere te; et patrii, linquere tecta soli:
 Nunc tibi in aeternas rapitur Pererius umbras
 Qui tamen aeternum vivere dignus erat.
 Mox tibi, qui restant caros urgebit amicos
 Effera vis Lethi, Riberiumque tuum.
 Te tamen in miseris firmet patientia rebus,
 Nesciat jam nullis cedere fracta malis.

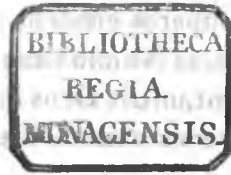
Nec tu crudeles, superos crudelia coeli
 Astra voces, potius Numina sancta cole;
 Quae tibi proveniunt, mittit Deus ipse procellas;
 Quos amat, adversis casibus ille probat.

I N G A L L O S .

Gallica Gens saevit furiali concita bello;
 Saevit et in Reges, saevit et in Superos.

A L I U D .

Gallorum insanire cohors scelerata videtur,
 Gens inimica hominum, Gens inimica Deum.
 Heu quoties calcata gemunt Regalia scetra!
 Heu quoties, sprete Religione, Fides!
 Nec vobis, Superi, Caelum est, nec Regibus
 Orbis,
 Si tantum liceat longius ire nefas.



INDICE
DO TERCEIRO TOMO.

<i>Carta a Alexis respondendo-lhe pela mesma allegoria nautica porque elle havia escrito</i>	Pag. 3
<i>Ao Principal Castro no dia de seus annos. (a) 5</i>	5
<i>A Monsenhor Ferreira em louvor da nossa Lingua</i>	8
<i>A Francisco de Borja Garção Stockler para que cante em suas Poesias os grandes Mathematicos. do seculo XVI.</i>	10
<i>A Agostinho José da Costa Macedo sobre a Harmonia Mecanica da Lingua Portugueza</i>	13
<i>A Almeno em louvor dos nossos grandes Philosefos</i>	15
<i>Ao Doutor Ricardo Raimundo Nogueira sobre a brevidade da vida humana</i>	17
<i>A hum Amigo a respeito de outro, que se queirava de não ser contemplado nos Despachos sendo Fidalgo</i>	22

(a) N.B. Inadvertidamente se imprimio aqui esta Poesia, que já anda no Tom. I. pag. 148.

<i>A hum Amigo no infortunio de huma grave perda de seus bens</i>	24
<i>A D. Fernando de Portugal no dia de seus annos</i>	25
<i>Hymno á Verdade</i>	30
<i>Traducção Parafrastica da Ode III. do Liv. I. de Horacio</i>	32
<i>Traducção Parafrastica da Ode XIV. ad Posthumum do Liv. II. de Horacio</i>	35
<i>A' Navegação Portugueza do Infante D. Henrique</i>	38
<i>Ao descobrimento da America por Colon</i>	41
<i>Ao Descobrimento da Navegação e Commercio da India por Vasco da Gama</i>	44
<i>Ao mesmo assumpto</i>	47
<i>Em louvor dos seus Amigos</i>	51
<i>Ao mesmo assumpto</i>	52
<i>Ao mesmo assumpto</i>	54
<i>Ao mesmo assumpto</i>	55
<i>A João Baptista da Silva havendo recebido por elle Poesias de Silvio</i>	57
<i>Ao mesmo, mandando de presente ao Author huma grande somma de relevos</i>	58
<i>A Silvio respondendo-lhe pela mesma allegoria com que elle lhe escrevera</i>	61
<i>A Almeno e a Silvio sobre a triste situação em que se achava o Author relativamente á composição de suas Poesias</i>	62

<i>A Almeno</i>	64
<i>Ao mesmo</i>	65
<i>A Silvio recebendo delle o Author huma Ode, e tomando das suas palavras oc- casião para a resposta</i>	67
<i>Sobre as duas maiores perseguições, que teve o Author</i>	69
<i>Traducção de huma Ode Franceza Ane- creontica sobre a roza</i>	71—72—73
<i>A João José Alberto de Noronha, Conde de S. Lourenço, tornando-lhe traduzi- da em Portuguez a Ode Franceza an- tecedente, que lhe havia mandado</i>	76
<i>A Marfiza no dia de seus annos</i>	77
<i>O Amar escondido</i>	80
<i>Convite a Fabio</i>	82
<i>Resposta a huma Quadra de Monsenhor Ferreira</i>	83
<i>Ao Principal Castro remettendo-lhe hum exemplar das suas Poesias</i>	88
<i>A Monsenhor Ferreira, que havia man- dado humas quadras ao Author</i>	89
<i>A hum Poëta, remettendo-lhe huma pitança Lereno a Marilia depois de vir dos tra- balhos de seu desterro</i>	97
<i>A Alcida grande Cantora dormindo</i>	98
<i>A Nerina cantando</i>	100
<i>A D. Vasco da Gama</i>	101

<i>Ao mesmo</i>	102
<i>Sobre u. Eternidade</i>	103
<i>A' constancia do P. Antonio Pereira de Figueiredo , solicitado na hora da sua morte , para retractar o seu Livro da Tentativa Theologica</i>	104
<i>Sobre a falta de contemplação pela memoria do mesmo</i>	105
<i>A Leucacio Fido , grande Amigo e salvador de Horacio , a quem Elpino d'antes não conhecia , enviando-lhe este a sua Traducção do mesmo Horacio , que elle lhe mandára pedir</i>	106
<i>Ao mesmo , o qual depois de ter deixado de poetizar por muitos annos , enviou ao Author huma Ode em louvor das suas poesias impressas em 1812</i>	107
<i>Ao bosque de Lorina</i>	108
<i>Nas bodas de Glaura com Albino</i>	109
<i>A huma extrema formosura</i>	110
<i>Saudade de Alcino por sua esposa Marina De João. Braz Vidal Jordão sobre a herança , que houve o Author das Poesias de Almeno</i>	112
<i>Resposta do Author</i>	113

EPIGRAMMAS,

<i>E peças pequenas do Author e de outros estranhos por elle traduzidas</i>	114
<i>O homem hypocrita para si e para os outros</i>	115
<i>A hum escriptor mal dizente</i>	ibi.
<i>Sobre a cegueira</i>	116
<i>A perda da eloquencia e da liberdade .</i>	ibi.
<i>Orfeo perdendo segunda vez a Euridice .</i>	117
<i>Verdade na Medecina</i>	118
<i>Na morte de hum grande fallador . .</i>	ibi.
<i>A hum Poeta que traduzio outro sem ve- nhuma fidelidade</i>	119
<i>A hum Poeta que traduzio outro com mu- ta fidelidade</i>	ibi.
<i>Ao mesmo assumpto</i>	120
<i>Orfeo descendo aos Infernos</i>	ibi.
<i>Sobre huma estatua de Nemesis</i>	121
<i>Cresso e Iro</i>	ibi.
<i>Sobre hum Quadro de Pythagoras . . .</i>	122
<i>A Fidias sobre a estatua de Jupiter . .</i>	ibi.
<i>Sobre a Estatua de Niobe</i>	123
<i>Sobre a Estatua de Venus</i>	ibi.
<i>Sobre hum ladrão na força</i>	124
<i>Venus de Apélles</i>	ibi.
<i>Rejeição de hum convite</i>	125
<i>A inculca. das normas</i>	ibi.
<i>Contra hum mal dizente</i>	126

<i>Differença entre a Nobreza antiga e moderna</i>	126
<i>Augusto Cezar salvando a Eneida, que Virgílio mandára queimar por sua morte .</i>	127
<i>A hum Barbeiro vagaroso ao fazer da barba</i>	ibi.
<i>Venus nascida das ondas</i>	128
<i>A hum homem muito feio</i>	ibi.
<i>Os diversos caracteres de dois homens . .</i>	129
<i>A morte de Lucrecia</i>	ibi.
<i>Sobre o Amor em hum tanque de repucho</i>	130
<i>O tratante liberal</i>	ibi.
<i>Letreiro na sepultura de huma cadelinha .</i>	131
<i>Senhorio universal do Amor</i>	ibi.
<i>A hum Poeta, que lia mal os versos alheios</i>	ibi.
<i>Ao mesmo assumpto</i>	132
<i>Ao mesmo</i>	ibi.
<i>Ao mesmo</i>	ibi.
<i>Versos do Archipoeta Romano e do Papa Leão X. quando a primeira vez se avis-tárao</i>	133
<i>Pallas desafiando a Venus</i>	ibi.
<i>Hum Cego a hum Cexo</i>	134
<i>A hum mendigo, que se fez Medico . .</i>	ibi.
<i>Liberdade do Filosofo</i>	135
<i>Amisade de Marte e Venus</i>	ibi.
<i>A fama pósthuma</i>	ibi.
<i>Dido infeliz</i>	136

<i>As Pandectas e Camões</i>	136
<i>Artigos do Decalogo</i>	137
<i>Sobre a amizade</i>	138
<i>Bachica . . . ,</i>	ibi.
<i>A hum velho vanglorioso de ter muita idade</i>	139
<i>A huma Dama que nunca parava em casa</i>	140
<i>A vaidade de Alexandre Magno</i>	ibi.
<i>De hum homem ocioso em toda a vida</i>	141
<i>A Fabio sobre o seu Medico</i>	ibi.
<i>Venus pejada</i>	142
<i>Aos Espectaculos de Cezar</i>	ibi.
<i>O Retrato acabado</i>	143
<i>Ao pasquim do partido do Cardeal Bona na vacancia da Santa Sé</i>	ibi.
<i>A hum Medico</i>	144
<i>A hum pedinte de dinheiro</i>	145
<i>A huma cabaça vasia , que vagando so- bre o mar amotinou a muita gente com o estrondo que fazia de noite</i>	ibi.
<i>Sobre hum máo Historiador e hum máo Poeta</i>	146
<i>A hum Medico e a hum Letrado</i>	ibi.
<i>Na morte de hum Medico famoso por seus grandes curativos</i>	147
<i>A hum Velho com chinó</i>	ibi.
<i>A hum homem máo que cuidava muito de occultar os seus crimès</i>	148
<i>A hum escritor muito obscuro</i>	ibi.

<i>A hum Medico Exorcista</i>	149
<i>A imigração de dois Medicos para fóra do Reino</i>	ibi.
<i>A hum Medico</i>	150
<i>A formosura de huma mãe e tres filhos</i>	ibi.
<i>As transformações de P. Ovidio Nasão .</i>	151
<i>A hum homem de prendas, e sem costumes</i>	ibi.
<i>Preces de hum doente</i>	152
<i>A Lydia suavissima cantora</i>	153
<i>Applicação de improviso de hum verso de Camões aos Medicos</i>	ibi.
<i>Enterramento dos defuntos</i>	154
<i>A hum homem muito inimigo da solidão</i>	ibi.
<i>A hum que se dizia amigo do Author .</i>	155
<i>A hum Amigo que recebendo do Author o presente de hum Diccionario de Linguas lhe mandou o de huma groza de garrafas de bom vinho</i>	ibi.
<i>Inscripção sobre o Manual de Epicteto .</i>	156
<i>A Almeno, e a Castro sepultados na Igreja de S. Francisco de Enxobregas . .</i>	ibi.
<i>O Author a si mesmo</i>	157
<i>A Camões salvando-se de hum naufragio com o seu Poema e com a sua espada</i>	158

PROSAS	159
<i>Pastoral: Amarilis: conhecimento da imprudencia de seus desejos</i>	161
— <i>Desposorios de Aonio e Menulippe</i>	162
— <i>Desposorios de Amintas e Lizarda</i>	163
— <i>Premio do amor de Anfriso</i>	164
— <i>Desposorios de Agathyrso e Menalippe</i>	165
— <i>O amor de Menasillo e de Dorinda</i>	165
— <i>Amor de Dorillo e Menasilla</i>	167
— <i>O desinteresse de Marilia</i>	168
— <i>Lavoira do Amor</i>	169

POMAREIRAS.

<i>O Inverno. cortex</i>	171
<i>Dedicação de tres Arvores da Plantação de Amintas</i>	172

PISCATORIA.

<i>Amor agradecido</i>	174
----------------------------------	-----

CARMINA LATINA.

<i>Ad virum amicissimum Eduardum ab Incarnatione, Canonicum Regularem Congregationis Sanctæ Crucis, ex Cœnobio Conimbricensi ad Collegium Mafrense proficiscentem anno 1772</i>	176
<i>Ad Laelium amicum, qui cum multum</i>	

<i>Graecos, Latinosque Poetas perlegisset, Lusitanos tamen nomdum legerat . . .</i>	180
<i>Ad amicos suavissimos Castellum, Barrosorum, et Nogueirâ apud Conimbricenses Juris Civilis Professores PP. Clarissimos, in agellum suum suburbanum invitatio</i>	182
<i>De Regia Bibliotheca Olisiponensi librorum Numismatum aliorumque Antiquitatis monumentorum copia ex donatione Emmanuelis Coenaculi Villas Bonensis, Episcopi Bejensis</i>	184
<i>Ad Emmanuelem de Coenaculum Villasbonensem</i>	190
<i>Ad Antonium Alvaresium Congregationis Oratorii Sacerdotem cum nostra, qua ille rogaverat, Lusitana carmina mitteremus</i>	192
<i>De Alexandre M. aetatis suae flore extincto</i>	197
<i>De eodem Babylonia extincto</i>	198
<i>De pictura S. Ambrosii cum apibus comitantibus</i>	ibi.
<i>De effigie Joannis V. Lusitanorum Regis</i>	199
<i>De Olisiponensi terremotu</i>	ibi.
<i>De eodem Terremotu</i>	200
<i>De eodem ad Emmanuelem Soisam</i>	ibi.
<i>Deorum Obsequia in natalibus Josephi Lusitaniae Principis</i>	201

<i>De abolita Jesuitarum societate . . .</i>	203
<i>Glaure epistolam noctu legenti Luna</i>	
<i>obscuratur</i>	204
<i>Ad magnum Principem comitem Lippiensem</i>	205
<i>Ad Costium in Bacchanalibus</i>	206
<i>De Sententia Costii in excitata questione</i>	
<i>circa quantitatem primae syllabae verbi</i>	
<i>Rideo</i>	208
<i>Fingitur Costii alloquutio ad Authorem .</i>	ibi.
<i>Ad Josephum I. Lusitanorum Regem de</i>	
<i>Pace ejus auspiciis reddita</i>	209
<i>Statue Equestri Josephi I. Lusitaniae Regis</i>	210
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	211
<i>In praemature obitu Josephi Lusitaniae</i>	
<i>Principis</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	212
<i>In natalibus Mariae Theresiae Lusitaniae</i>	
<i>Principis</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	213
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>In natalibus Petri Lusitaniae Principis .</i>	214
<i>De Metamorphoseon P. Ovidii versione ab</i>	
<i>Almeno elaborata</i>	ibi.
<i>De Almeno, gravi morbo laborante . . .</i>	215

<i>In ejusdem obitu</i>	216
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Ad Alexandrum Episcopum Malachense</i> <i>de obitu Almeni</i>	217
<i>Emmanueli Coenaculo Villas-Bonensi E-</i> <i>piscopo Bejensi</i>	218
<i>Eidem eum Epistolam Latinam misisset</i> .	219
<i>Eidem de Joachimo Josepho Costio Sadio</i>	220
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	221
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	222
<i>Eidem Aliud</i>	ibi.
<i>Joachimo Josepho Costio Sadio</i>	223
<i>Ad eundem de sua Horatii Translatione</i> .	224
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Ad Franciscum Josephum de Serra Poe-</i> <i>tam obacurissimum</i>	225
<i>Ad Amicum de Carminibus suis</i>	ibi.
<i>Josepho Anastacio Costio Sadio Carmina</i> <i>mittenti</i>	226
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	227
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	228
<i>Ad eundem</i>	ibi.

<i>Aliud</i>	229
<i>In funere Antonii Pererii Figueiredii</i>	230
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	231
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	232
<i>De ejusdem obitu ad Antonium Alvaesium</i>	233
<i>Ad Franciscum Olisiponensis Ecclesiae</i> <i>Principalem de carminibus in Pereriae</i> <i>obitu conscriptis</i>	234
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	235
<i>Aliud</i>	ibi.
<i>Aliud</i>	236
<i>Ad Antonium Alvaesium in adversa for-</i> <i>tuna</i>	ibi.
<i>In Gallos</i>	237
<i>Aliud</i>	ibi.



T A B O A D A

Das Erratas e Emendas dos dois primeiros Tomos destas Poesias , não comprehendidas as que já andão no fim de cada Tomo dellas impressas em 1812.

NA Collecção , na Cópia e na Impressão dos primeiros dois Tomos destas Poesias , a que o Author não poude assistir , nem rever com os seus proprios olhos , houve alguns erros e defeitos , além dos que já se notárão nos dois Indices particulares dos ditos Tomos , pelo que parecêo necessario accrescentá-los no fim deste terceiro Tomo depois de advertidos , e mandados emendar por seu mesmo Author.

As particulas , e algum outro termo em que se devia fazer synalefa achão-se escritas óra com elisão expressa e declarada pelo signal Ortografico da apostrofe , óra sem ella e por inteiro , segundo a antiga liberdade , que se praticava de escrever ou de hum modo ou de outro , o que seguiu o Amanuense na escritura destes dois ultimos Volumes , como foi , v. gr. nas proposições *da , de , do , na , ne , que* relativo e subjunctivo , &c. &c.

esta imperfeição porém não se houve de reformar agora nesta taboada, como conviria, para guardar uniformidade na escritura, por se esperar do Leitor benevolo, que suprirá na leitura esta falta de regularidade, fazendo a pronunciação do metro com a elisão aonde a devia haver expressa e declarada segundo a usanza dos modernos.

T O M O I.

Pag. Vers.

4	21	homem —lé— home
ib.	26	Desvalido —lé— desvalido
6	3	interesse —lé— int'resse
9	24	Co' sagaz —lé— C'o sagaz
10	24	aos amigos —lé— aos bons amigos
19	2	esmontão —lé— esmoutão
ib.	4	desenseia —lé— desensaia
21	18	E que alça Lysia, e a nivel a ponha —lé— Que exalça a Lysia, e qu' a nivel a ponha
24	24	Tactita —lé— Tactica
27	4	interesses —lé— int'resses
ib.	10	ainda —lé— inda
28	5	Contra estes se, —lé— Contra estes taca se
30	24	Nesso avido espaita —lé— O nesso avido esp'rito

Pag. Vers.

- 32 ent.lin. A. Ferreira —lé— Sá de Miranda.
- 34 26 Fallei a puro esmo —lé— A puro esmo fallei
- 42 24 Cymerios —lé— Cimmerios.
- 45 17 como ella he —lé— como ella o he
- 47 9 Ora aos liquidos Baios sonorosos, —lé— Ora á liquida Bayas sonrosa,
- 48 9 Desde o Consul Metello —lé— Já desde o Consul Manlio
- ib. 14 A' Rhodope, cursada —lé— A Rhodope, cursado
- 55 4 Panvinos —lé— Panvinios
- 64 28 De Shakspeare —lé— De Shakespear
- 69 6 Euripedes —lé— Euripides.
- 70 7 venusino —lé— Venusino
- 71 12 Margelline —lé— Margellini.
- ib. na not. Theocirto —lé— Theocrito.
- 72 2 D'homem gentil, que es —lé— D'homem, que es mui gentil;
- 73 28 Lybia —lé— Libya
- 74 5 bemdiz —lé— bemdize
- 76 14 romontas —lé— remontas.
- 89 23 O que vejo no fysico, observo —lé— O que vejo no fysico, e observo
- 99 15 vais fundindo —lé— vas fundindo
- 101 11 Maya —lé— Maia

Pag. Vers.

- 106 24 Em Missena vestindo, co' silvestre
—lé— Em Messenia vestindo, c'o
silvestre
- 107 3 Sydonia —lé— Sidonia
- 108 10 Efire —lé— Ephyre
- ibi. 11 Dinamene —lé— Dynamene
- 116 29 Amarilis —lé— Amaryllis
- 118 10 de experimentar —lé— de exp'ri-
mentar
- 136 14 E louvem-se outros, a nós mais che-
gados —lé— Louvem-se outros, a
nós já mais chegados
- 137 1 embocar —lé— resonar
- 138 24 Meoneo —lé— Meonio
- 155 5 Que ou os —lé— Que eu os . . .
- 156 5 Alta virtude, he mais —lé— Alta
virtude, elle he mais
- 157 12 illustre ha, que —lé— illustre ha já,
que
- 161 10 triste ora me he, —lé— triste agora
me he
- 162 16 experimenta —lé— esp'rimenta
- ib. v. ult. Nereades —lé— Nereides
- 163 18 merecer —lé— mer'cer
- 166 12 merecia —lé— mer'cia
- 172 v. ult. agrado —lé— agradão
- 176 v. ult. Que me deo-o ser —lé— Que o sea

Pag.	Vers.	
168	2	D'um —lé— De hum'
178	16	Sente-se, mas não —lé— Sente-se, e não
188	11	Urania —lé— Urânia
195	14	Hebbes —lé— Hebes
198	24	Mety'mnea —lé— Mettyniã
199	7	de sistro! —lé— dos sistros!
200	19	O Verdelhão —lé— E os Verdelhões
201	11	E eu tambem —lé— E mais eu tam- bem
ib.	12	que os Eneidos, sublimes —lé— que dos Eneidos sublime
204	6	E hum' outra, que tendo —lé— E hum' outra, que já, tendo
222	10	Traz n'uma mão, na outra —lé— N'u- ma mão traze, n'outra
226	25	Soboroso —lé— Saboroso
229	1	He nosso o de hoje —lé— He nosso hoje
ib. v. ult.		Far-te-ha immortal —lé— Immortal te fará
231		<i>depois do v. ult. deve considerar-se que a peça continuava.</i>
233	14	Sisipho —lé— Sisyphe
235	16	e eu —lé— mas eu
237	10	estygia —lé— Estygia
ib.	14	Sybilla —lé— Sibylla

Pag.	Vers.	
237	19	Que te encantava —lé— que te can- tava
237	20	De Esplandiano —lé— De Esplandião
242	17	Ságuas —lé— Ságanas
246	5	no encalço —lé— no endalço
247	7	Libithina —lé— Libitinhá
263	1	E o Corte Real —lé— E o grãa Cor- te Real
264	5	Eucada —lé— Encida
266	3	vais —lé— vas
267	18 e 19	Bem diz —lé— Bemdizé
272	7	Illustre —lé— Esse illustre
273	23	Poliniere —lé— Polmier
278	9	Morganí, hum novo —lé— Morga- gora novo
280	1	conselhos —lé— conselho
283	18	fescenas —lé— Fesceninas
284	1	Villalpandos —lé— Vilhalpandos
287	24	diferentes —lé— diff'rentes
290	19	e del Vieta —lé— e Vieta
294	11	e Huyghens —lé— e de Huyghens
ib.	13	e as côres —lé— , sobre as côres
ib.	18	e a Bouguer —lé— a Bouguer
296	8	Pyrotecna —lé— Pyrotechnia
305	4	na escura —lé— a escura
310	7	Nas advinhas —lé— Nas adevinhas
314	14	E a afaga' —lé— E afagandoa
315	1	Eu choro —lé— Choro

- Pag. Vers.
- 317 23 vais —lé— vas
- 318 5 Tu morreste —lé— Tu já morreste
- 321 no Tit. Theos —lé— Teos.
- 328 3 Que vago em noite tão escura —lé—
Que vagueio em noite escura.
- 329 na Not. *feruens* —lé— *flagrans*
- 334 4 c' os —lé— com os
- 343 8 fabónio —lé— Favonio
- 346 7 com a voz —lé— co' a voz
- 347 8 diferentes —lé— diff'rentes
- ib. 23 diferente —lé— diff'rente.
- ib. 27 com as —lé— co' as
- ib. 26 Differentes —lé— Diff'rentes
- 350 26 A Lybia —lé— A Libya
- 351 14 Achylès —lé— Achilles
- 358 17 Diopéa —lé— Deiopea
- 360 19 perigosos —lé— p'rigosos
- 361 25 Lybia —lé— Libya
- 362 2 interesse —lé— int'esse
- 364 1 de Lavinia —lé— de Lavinio
- ib. 10 Rómulo —lé— Romul' por apocope.
- 369 8 destes montes —lé— deste monte
- ib. v. ult. Faz —lé— Faza
- 371 no Tit. Livro II. —lé— Livro V. c.
- 372 8 Nausiaca —lé— Nausicae
- 375 3 Eis a fim —lé— Eis vejo a fim
- ib. 5 que —lé— que

ERRATAS E EMENDAS

D. O.

T O M O II.

Pag. Vers.

6	17	Cimerios —lé— Cimmerios.
19	15	vais —lé— vás
24	2	Do attonito —lé— D'esse attonito
31	1	Ouvia-a —lé— Ouvro-a
36 na	Epig.	Rotos a suas. —lé— Rotos, suas
40	13	inda' gora —lé— iad' agora
44	5	Lysia, inda —lé— Lysia, ainda.
ib.	13	generoso inclito —lé— generoso e in- elito
58	2	ai? ja quanto —lé— ai! e ja quanto
60	13	Não te muda —lé— Nem já te muda
62	9	Atridas —lé— Atrides
63	10	ambos —lé— e ambos
66	6	com a doce —lé— co' a doce
ib.	10	que ainda —lé— qu' inda
72 na	Epig.	Od. X. —lé— Od. IX.
ib.	6	Agyreu —lé— Agyeu
73	8	e a moral —lé— e moral
81	5	S'pritos —lé— Esp'ritos.
95	16	Co' a rica —lé— Com a rica
111	11	Náides —lé— Naiades

Pag. Vers.

- 123 5 na Epig. De seu s'prito —lé— De seu
esp'rito
- 127 5 e esp'rito —lé— e espirito
- ib. 11 a outra —lé— e a outra
- 131 1 Quão ditoso Azevedo, he quem vi-
ve —lé— Quão ditoso, Azevedo,
he o que vive
- 140 1 C'o as —lé— co' as
- 148 na citaç. y. 64, —lé— 63.
- 155 9 ocio —lé— e hum ocio
- 158 10 discripção —lé— discrição
- 162 na Epig. v. 1. Sprito —lé— Esprito
- 170 15 Não se comprão —lé— Não já se
comprão
- 196 1 das Nayades —lé— das Náíades
- ib. 18 terno —lé— tenro
- 202 1 omnipotente —lé— omniparente
- 203 11 Quaes já destes á Roma —lé— Quaes
a Roma já destes,
- 207 *Esta Ode he a mesma que vai a pag.
189, e que se repetio aqui por descui-
do do-amanuense, e não se adver-
tio na impressão.*
- ib. 10 Aglaya —lé— Aglaja
- 213 1 vais —lé— vas
- ib. 2 co' —lé— co'o
- 217 na citaç. Ode XIX. —lé— Ode XVIII.

Pag.	Vers.	
223	5	ardentes —lé— cadentes
226	7	Villalpandos —lé— Vilhalpandos
227	3	a frente —lé— a fronte
ib.	12	Pertende —lé— Pretende
283	13	do tormentoso —lé— em tormentoso
248	16	Ora diffuso —lé— Ora mais diffuso
249	9	Sob sua —lé— Sob a sua
ib.	16	mais benigna —lé— mais benina
250	3	na Epig. grã —lé— grão
ib.	5	ib. achão seu sal —lé— achão sal
252	14	differentes —lé— diff'rentes
260	9	onde vais —lé— onde vas
266	12	Questes —lé— Nestes
270	10	Com hum —lé— co' hum
272	19	Desfaz — por Desfaze pela figura Apocope, que bem se sabe, que cor- tu huma syllaba, no fim da pala- bra, de que ha varios exemplos, e com o signal Orthografico, que sal- tou. Se desagradar emende-se; Vê se desfazes;
283	1	na Epig. Galathea —lé— Galatea
285	9	parecidas —lé— par'eidas
294	12	De Ignez prostrado —lé— E pros- trado de Ignez
308	2	vais —lé— vas
ib.	6	vais —lé— vas

Pag. Vers.

- 310 4 vais —lé— vas
 312 13 que não por —lé— que não já por
 313 no Titulo quando diz verso 95 —lé— 94
 319 9 apresentar-vos —lé— presentarte
 ib. 13 de fazer —lé— de fazer-te
 325 5 Se Deosa es, —lé— Se Deosa es tu,
 327 2 vais —lé— vas
 ib. 11 C'o as —lé— Ce' as

T O M O III.

- 3 5 amarrada —lé— amarada
 5 1 bella Urania —lé— a bella Urânia
 ib. *A Epistola, que começa nesta pag. já
 foi impressa no Tom. 1.º a pag. 148,
 e inadvertidamente aqui he repetida.*
 6 15 e c' os brincões —lé— co' os brincões
 20 na Not. 23 Caldas —lé— Domingos Caldas
 Barboza
 ib. 10 E o ardente —lé— E essa ardente
 ib. 12 ainda —lé— inda
 23 15 bem diz —lé— bem dize
 29 6 luz —lé— lei
 ib. 28 O santo céu me ouça —lé— Oiça-me
 o Santo Ceo,
 30 1 Eis os meus —lé— eis meus
 41 2 Sciencia, —lé— Siceucia

Pag Vers.

41	6	Estrellas, —lé— Estrellas
43	3	Mundo, —lé— Mundo
46	13	Assim, assim, —lé— Assim, assim
49	15	profundos, —lé— profundos
59	3	Canto, —lé— Canto
ib.	14	nutres, —lé— nutres
ib.	19	Vieira, —lé— Vieira
72	2	Object —lé— Objet
97	no Tit.	Loreno —lé— Lerenó
110	10	qu'inda me dura, —lé— qu'inda me dura
129	9	trespassado —lé— traspasado
233	no Tit.	Alvarecium —lé— Alvaresium
ib.	3	Quan —lé— Quam

